

2º CICLO
ARQUEOLOGIA

Representações de animais nas lucernas romanas de Santa Bárbara de Padrões (Castro Verde)

Daniel João Cardoso Ferreira de Castro

M

2024



Daniel João Cardoso Ferreira de Castro

Representações de animais nas lucernas romanas de Santa Bárbara de Padrões (Castro Verde)

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arqueologia, orientada pelo
Professor Doutor Rui Manuel Lopes de Sousa Morais

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2024

Daniel João Cardoso Ferreira de Castro

Representações de animais nas lucernas romanas de Santa Bárbara de Padrões (Castro Verde)

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arqueologia, orientada pelo
Professor Doutor Rui Manuel Lopes de Sousa Morais

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

Aos meus pais

Índice

<i>Declaração de honra.....</i>	<i>7</i>
<i>Agradecimentos</i>	<i>8</i>
<i>Resumo.....</i>	<i>9</i>
<i>Abstract</i>	<i>10</i>
<i>Figuras.....</i>	<i>11</i>
<i>Histogramas</i>	<i>13</i>
<i>Tabelas</i>	<i>13</i>
<i>1. Introdução</i>	<i>14</i>
<i>2. A Lucerna Romana</i>	<i>16</i>
<i>2.1. Os animais na sociedade romana</i>	<i>21</i>
2.1.1. O valor dos animais no mundo romano.....	23
2.1.1.1. O valor económico dos animais no mundo romano.....	25
2.1.1.2. O valor simbólico e social dos animais no mundo romano.....	28
<i>2.2. As representações de animais nas lucernas de Santa Bárbara de Padrões.....</i>	<i>36</i>
2.2.1. Animais domésticos	37
2.2.2. Animais selvagens domesticados	41
2.2.3. Animais híbridos	43
2.2.4. Animais no desporto	47
2.2.5. Animais de arena	50
<i>3. A crono-tipologia das lucernas de Santa Bárbara de Padrões</i>	<i>54</i>
3.1. Enquadramento geográfico e arqueológico	55
3.2. Metodologia e objetivos	61
3.3. Crono-tipologia	62
3.3.1. Loeschcke IB	64
3.3.2. Loeschcke IV	65
3.3.3. Loeschcke V	67
3.3.4. Dressel 18	68
3.3.5. Dressel 20	69
3.3.6. Dressel 28	71
3.4. Área de Produção.....	72
3.5. Marcas, símbolos anepígrafos e letras isoladas	73
3.5.1. GABINIA	75
3.5.2. PVF/PVF	76
3.5.3. C.OPPI.RES.	77
3.5.4. Q.IVNI.SIC	78
3.5.5. C.CORNEL.VRS	79
3.5.6. CATILIVES	80
3.5.7. IVNIALEXI	81

3.5.8.	NVN DINI.....	82
3.5.9.	NNAELVCI.....	83
3.6.	Análise Iconográfica	84
3.6.1.	Representações de religião e mitos	87
3.6.2.	Representações da vida quotidiana.....	95
3.6.3.	Representações da fauna	97
4.	<i>Considerações Finais</i>	105
	<i>Bibliografia</i>	111
	<i>Anexos</i>.....	115
	<i>Fotografias</i>	229

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de parte(s) da presente dissertação, encontrando-se todas as interações (prompts e respostas) transcritas em anexo

[Porto, 2024]

[Daniel João Cardoso Ferreira de Castro]

Agradecimentos

Agradeço ao meu Orientador, Professor Doutor Rui Morais, por todo o acompanhamento, disponibilidade, supervisão e dedicação.

Agradeço a todos os funcionários do Museu da Lucerna de Castro Verde, que me receberam muito bem e me ajudaram em tudo o que necessitei.

A toda a minha família por toda a ajuda, especialmente aos meus pais.

Aos meus amigos pelos tempos passados.

Resumo

A presente dissertação de mestrado tem como objetivo o estudo das lucernas com representações de animais provenientes do santuário de Santa Bárbara de Padrões, Castro Verde, atualmente conservadas no Museu da Lucerna, na mesma localidade.

Neste estudo foram consideradas 113 lucernas que apresentam o disco decorado com animais, distribuídos por distintas categorias: 38 representações isoladas de mamíferos; 33 com temas da mitologia; 25 representações de aves; 10 associadas a divindades; 6 associadas a contextos lúdicos de anfiteatros e apenas 1 exemplar ilustrado com um peixe.

Este conjunto reparte-se por seis tipos, nomeadamente Loeschcke IB, IV e V e Dressel 18, 20 e 28, sendo as mais antigas datadas do período de Tibério-Cláudio e as mais recentes abarcando o século III. Destas apenas 34 possuem marcas de oleiro, uma das quais impercetível.

O estudo deste conjunto parece sugerir que estamos perante uma produção local/regional, sendo muitas delas fabricadas através do processo de sobremoldagem, copiando lucernas provenientes de outras áreas de produção.

Palavras-chave: Período romano; Lucernas; Animais

Abstract

This master's thesis aims to study the oil lamps with representations of animals from the sanctuary of Santa Bárbara de Padrões, Castro Verde, currently preserved in the Museu da Lucerna, in the same location.

In this study, 113 oil lamps were considered, with a disc decorated with animals, distributed across different categories: 38 isolated representations of mammals; 33 with mythological themes; 25 representations of birds; 10 associated with deities; 6 associated with playful contexts in amphitheaters and only 1 example illustrated with a fish.

This set is divided into six types, namely Loeschcke IB, IV and V and Dressel 18, 20 and 28, the oldest dating from the period of Tiberius-Claudius and the most recent up to the 3rd century. Of these, only 34 have potter's marks, one of which is imperceptible.

The study of this set seems to suggest that we are dealing with local/regional production, with many of them manufactured through the overmolding process, copying lamps from other production areas.

Key-words: Roman Period; Oil Lamps; Animals

Figuras

FIGURA 1: CONSTITUIÇÃO DE UMA LUCERNA.....	18
FIGURA 2: EXEMPLO DE UM MOLDE DE LUCERNA. FONTE: HTTPS://WWW.LIVEAUCTIONEERS.COM/PRICE- RESULT/ANCIENT-ROMAN-SANDSTONE-OIL-LAMP-MOLD/ DATA DE ACESSO: 05/07/2023	18
FIGURA 3: REPRESENTAÇÃO DE UM CÃO (FICHA Nº46). FONTE: MAIA (1997)	39
FIGURA 4: REPRESENTAÇÃO DE UM LEÃO. FONTE: HTTPS://MEDUSA-ART.COM/ROMAN-OIL-LAMP-WITH- LION.HTML DATA DE ACESSO: 12/09/2024	42
FIGURA 5: REPRESENTAÇÃO DE UMA SEREIA (FICHA Nº54). FONTE: MAIA (1997)	44
FIGURA 6: REPRESENTAÇÃO DE CORRIDAS QUADRIGAS (FICHA Nº16). FONTE: MAIA (1997)	47
FIGURA 7: REPRESENTAÇÃO DE UM ELEFANTE. FONTE: HTTPS://WWW.INVALUABLE.COM/AUCTION-LOT/RARE- ROMAN-TERRACOTTA-OIL-LAMP-WITH-ALEXANDER-THE-120-C-18B4F218EE DATA DE ACESSO: 12/09/2024	52
FIGURA 8: LOCALIZAÇÃO DE SANTA BÁRBARA DE PADRÕES, A NÍVEL NACIONAL (1:140KM), DISTRITAL (1:10KM), E MUNICIPAL (1:5KM), RESPETIVAMENTE (AUTORIA PRÓPRIA)	55
FIGURA 9: PLANTA DA “VALA DAS LUCERNAS”, DAS CAMADAS 1 A 4, EM SANTA BÁRBARA DE PADRÕES (MAIA, 1997, p.15)	57
FIGURA 10: PLANTA DA 5ª CAMADA DA “VALA DAS LUCERNAS”, EM SANTA BÁRBARA DE PADRÕES (MAIA, 1997, p.17)	59
FIGURA 11. REPRESENTAÇÃO DA MARCA GABINIA. FONTE: MAIA, 1997, p.134	75
FIGURA 12. REPRESENTAÇÃO DA MARCA PVF/PVF. FONTE: MAIA, 1997, p.144	76
FIGURA 13. REPRESENTAÇÃO DA MARCA C.OPPI.RES. FONTE: MAIA, 1997, p.132	77
FIGURA 14. REPRESENTAÇÃO DA MARCA Q.IVNI.SIC. FONTE: MAIA, 1997, p.144.....	78
FIGURA 15. REPRESENTAÇÃO DA MARCA C. CORNEL.VRS. FONTE: MAIA, 1997, p.143	79
FIGURA 16. REPRESENTAÇÃO DA MARCA CATILIVES. FONTE: MAIA, 1997, p.130	80
FIGURA 17. REPRESENTAÇÃO DA MARCA IVNIALEXI. FONTE: MAIA, 1997, p.138	81
FIGURA 18. REPRESENTAÇÃO DA MARCA NVN DINI. FONTE: MAIA, 1997, p.142	82
FIGURA 19. REPRESENTAÇÃO DA MARCA NNAELVCI. FONTE: MAIA, 1997, p.142.....	83
FIGURA 20. REPRESENTAÇÃO DE UM GRIFO (FICHA Nº50). FONTE: MAIA (1997).....	87
FIGURA 21. REPRESENTAÇÃO DE UMA MEDUSA (FICHA Nº45). FONTE: MAIA (1997)	88
FIGURA 22. REPRESENTAÇÃO DE EUROPA (FICHA Nº1). FONTE: MAIA (1997)	89
FIGURA 23. REPRESENTAÇÃO DE SILENO (FICHA Nº110). FONTE: MAIA (1997).....	90
FIGURA 24. REPRESENTAÇÃO DE UM PÉGASO (FICHA Nº112). FONTE: MAIA (1997)	91
FIGURA 25. REPRESENTAÇÃO DE EROS (FICHA Nº22). FONTE: MAIA (1997)	92
FIGURA 26. REPRESENTAÇÃO DE JÚPITER (FICHA Nº32). FONTE: MAIA (1997).....	94

FIGURA 27. REPRESENTAÇÃO DE BIGAS (FICHA Nº15). FONTE: MAIA (1997)	96
FIGURA 28. REPRESENTAÇÃO DE VENATIO (FICHA Nº17). FONTE: MAIA (1997)	96
FIGURA 29. REPRESENTAÇÃO DE UM CAVALO (FICHA Nº4). FONTE: MAIA (1997)	98
FIGURA 30. REPRESENTAÇÃO DE UM GOLFINHO (FICHA Nº3). FONTE: MAIA (1997).....	100
FIGURA 31. REPRESENTAÇÃO DE UM PEIXE (FICHA Nº35). FONTE: MAIA (1997)	101
FIGURA 32. REPRESENTAÇÃO DE UM PAVÃO (FICHA Nº47). FONTE: MAIA (1997)	102
FIGURA 33. REPRESENTAÇÃO DE UMA ÁGUIA (FICHA Nº 20). FONTE: MAIA (1997).....	104

Histogramas

HISTOGRAMA 1: REPRESENTAÇÕES E CONTABILIZAÇÃO DAS LUCERNAS	62
HISTOGRAMA 2: TIPOS DE LUCERNAS	63
HISTOGRAMA 3: TIPOLOGIAS DAS LUCERNAS	63
HISTOGRAMA 4: QUANTIFICAÇÃO DAS MARCAS PRESENTES NAS LUCERNAS	73
HISTOGRAMA 5: PERCENTAGENS DAS MARCAS PRESENTES NAS LUCERNAS	74
HISTOGRAMA 6: QUANTIFICAÇÃO DAS TEMÁTICAS PRESENTES NAS LUCERNAS	84
HISTOGRAMA 7: QUANTIFICAÇÃO DAS TEMÁTICAS PRESENTES NAS LUCERNAS	84
HISTOGRAMA 8: QUANTIFICAÇÃO DE TODOS OS ANIMAIS REPRESENTADOS NAS LUCERNAS	85
HISTOGRAMA 9: CRONOLOGIA DAS LUCERNAS EM ESTUDO.....	107
HISTOGRAMA 10: NÚMERO DE LUCERNAS POR ESTADO DE CONSERVAÇÃO.....	109
HISTOGRAMA 11: ESTADO DE CONSERVAÇÃO DAS LUCERNAS	109

Tabelas

TABELA 1. COMPARAÇÃO DOS TAMANHOS DAS LUCERNAS PRESENTES NA OBRA DE A. MORILLO (1999) E AS DO MUSEU DA LUCERNA DE SANTA BÁRBARA	72
TABELA 2: TEMAS REPRESENTADOS NAS LUCERNAS E RESPECTIVAS TIPOLOGIAS.....	86

1. Introdução

A presente dissertação, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto com vista à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, consiste no estudo das lucernas provenientes do santuário de Santa Bárbara de Padrões, Castro Verde (Beja), encontradas em 1994 pelos arqueólogos Manuel Maia e Maria Maia. De um conjunto de milhares de lucernas selecionámos aquelas com motivos de animais, alusivos a contextos da vida quotidiana, faunísticos e de cariz religioso e mitológico.

Na totalidade, as lucernas encontradas neste santuário constituem a maior coleção até à data encontrada na Península Ibérica, o que lhe atribuiu particular importância e relevância para o estudo da utilização deste tipo de contentores, com carácter votivo.

As lucernas são um utensílio usado desde a mais alta antiguidade e revolucionaram e potenciaram o alargamento das atividades humanas, nomeadamente no domínio privado e público, em particular no período noturno. Foram também usadas em contexto religioso e funerário.

Será através da expansão e consolidação de Império Romano que as lucernas conheceram uma grande difusão, graças à criação de inúmeras oficinas, dedicadas ao seu fabrico graças à técnica do uso de moldes.

Os depósitos votivos romanos, como no caso em estudo, são uma fonte importante de informação sobre a vida religiosa dos romanos.

O estudo está estruturado em dois capítulos, um primeiro sobre as lucernas no mundo romano, destacando em particular aquelas com representação no disco de motivos de animais. Como mencionámos, selecionámos, 113 exemplares com o disco ilustrado com o tema de animais, incluídos em 5 temas: animais domésticos; animais selvagens domesticados; animais híbridos; animais usados em competições desportivas e espetáculos de arena.

Considerando os temas mencionados abordámos, ainda que brevemente, a importância do seu significado nos vários setores da vida romana e sua evolução ao longo do período imperial.

Segue-se um outro capítulo alusivo à crono-tipologia das lucernas do santuário de Santa Bárbara de Padrões abordando o seu enquadramento geográfico e arqueológico, a

metodologia e objetivos, a crono-tipologia, as marcas de oleiro e formalmente a análise iconográfica.

No último ponto deste estudo, considerações finais, tratámos de fazer uma análise dos resultados, salientando a importância dos depósitos votivos no mundo romano e, em particular, no santuário votivo de Santa Bárbara de Padrões, Castro Verde.

Este estudo permitiu, ainda, propor que os exemplares estudados, possam ter sido produzidos na região, graças à técnica de sobremoldagem a partir de lucernas importadas.

Por fim, apresentámos em anexo as fichas-tipo das lucernas estudadas, e incluímos distintas estampas com alguns desenhos, segundo um critério crono-tipológico.

2. A Lucerna Romana

As candelas e as lucernas são pequenos contentores que têm como funcionalidade a iluminação através da queima de combustível, normalmente azeite.

Os exemplos mais antigos conhecidos correspondem a simples candelas datadas do Paleolítico Superior, usados a partir de recipientes, conchas, ossos de crânios e pedras escavadas. Trata-se de objetos que tinham a vantagem de poderem ser transportados de um lado para o outro (Almeida, 1953, p.13).

Mais tarde, no Neolítico surgem as primeiras candelas com bico, e nas Primeiras Civilizações, nomeadamente na Mesopotâmia, estes utensílios difundem-se em particular no Mediterrâneo oriental (*Ibid*, p.16).

Não surpreenda assim que estes utensílios já estejam presentes na civilização micénica, na sua maioria graças às importações egípcias, e mais tarde, pelo menos a partir do I milénio, sejam difundidas pelos fenícios em todo o Mediterrâneo. No século V a.C., as lucernas difundem-se nas produções áticas, com a produção em maior escala durante a época helenística (*Ibid*, p.25).

Os primeiros exemplares de lucernas romanas estão documentados no sul de Itália por volta de 300 a.C. copiando as produções helenísticas encontradas na necrópole do Esquilino, em Roma (Nunes, 2016, p.3-4).

As lucernas romanas com decoração em relevo vão impor-se, substituindo-se aos modelos predecessores, especialmente durante o século I a.C., graças à introdução de novas técnicas de produção através do uso de moldes. As lucernas são fabricadas em argila, mais raramente em bronze, ferro, alabastro e vidro (Almeida, 1953, p.46; Caetano, 1993, p.346).

O uso da técnica do molde vai permitir um maior uso de lucernas, sobretudo nas atividades noturnas. Embora, segundo Almeida (1957, p.27), no período grego, o clima ameno, e a luminosidade fossem favoráveis à existência de atividades ao ar livre, a sua introdução vai permitir a possibilidade de se efetuarem uma série de atividades no período noturno. Trata-se de uma pequena revolução no aumento das atividades noturnas, não só no domínio privado, mas também na esfera do domínio público.

As lucernas estão também fortemente associadas a rituais religiosos e funerários. Como muitas das práticas religiosas romanas, envolvia, de alguma forma, um sacrifício ou uma oferenda ritual, sendo a luz considerada uma bênção, eram também usadas em cerimónias fúnebres, com o fim de iluminar o caminho do falecido no além.

Do ponto de vista económico a produção de lucernas em grandes quantidades são testemunhos do uso de azeite e, consequentemente, da cultura intensiva de oliveiras.

Para além do uso de lucernas nas atividades diárias, em contextos religiosos e votivos, estas também eram utilizadas em espetáculos de teatro, nos espetáculos circenses e na organização de festejos noturnos. Seriam também utilizadas nas atividades mineiras, colocadas em pequenos nichos ou presas em suportes com capacidade para iluminar durante 9 horas, correspondente ao tempo de trabalho diário de um homem livre (Martins, 2008, p.61).

Em teoria podemos considerar as seguintes partes constituintes de uma lucerna: o *infundibulum*, que servia de repositório de combustível; o *rostrum* ou bico, que servia para estabilizar a mecha; o *discus* com a função de recipientário do combustível; a orla ou *margo* rodeia o *discus*; a asa ou *ansa* (nem sempre presente), que tem como função o transporte e manejo da lucerna; as volutas, ornamentos em forma de espiral, na área de união do disco com o bico; o orifício de alimentação, onde o combustível é introduzido; o orifício de combustão ou iluminação, onde se coloca e se dá a combustão da mecha; e, por fim, em certos tipos de lucernas, o orifício de arejamento ou ventilação, situado entre o *rostrum* e o orifício de alimentação; as aletas, com um carácter ornamental junto à asa; e os apêndices (pequenas projeções que servem de suspensão da lucerna) (Nunes, 2016, p.5-6).

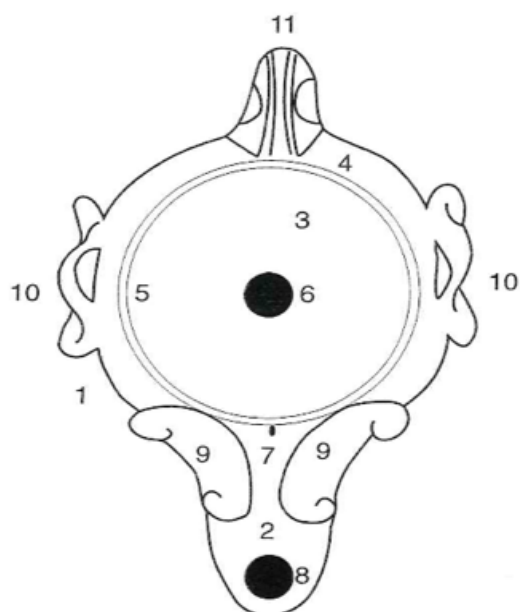


Figura 1: Constituição de uma lucerna

1 Infundibulum; **2** Rostrum; **3** Discus; **4** Orla; **5** Molduras; **6** Orifício de alimentação; **7** Orifício de arejamento; **8** Orifício de Combustão; **9** Volutas; **10** Aletas; **11** Asa (Fonte: Maia, 1997)



Figura 2: Exemplo de um molde de lucerna. Fonte: <https://www.liveauctioneers.com/price-result/ancient-roman-sandstone-oil-lamp-mold/> Data de acesso: 05/07/2023

Como mencionámos, a grande maioria das lucernas romanas eram fabricadas a partir de moldes. No entanto, também poderiam ser fabricadas manualmente, ou utilizando um torno, cujo método de fabrico é mais antigo do que o molde.

A técnica de fabrico mais utilizada era a do molde bivalve. Esta técnica “consiste na elaboração prévia de um molde maciço, onde se inclui todos os detalhes de uma lucerna, incluindo, por vezes, a asa. A decoração e a marca de oleiro podem já estar presentes no modelo, mas o mais habitual é serem adicionados posteriormente” (*Ibid*, p.8). Esta técnica aparece no mundo romano no primeiro quartel do século III a.C. e vai tornar-se no modo de fabrico de lucerna mais generalizado.

Os moldes bivalves são feitos de argila refrataria, mais raramente, pedra ou em gesso, e eram revestidos com gorduras vegetais para permitirem extrair melhor a peça antes da sua secagem e cozedura; a estes podem ser adicionadas marcas ou decorações, feitas através de uma punção ou estilete. As marcas colocadas nas lucernas podiam ser numerais, anepígrafas ou signos, normalmente colocadas na base externa, por vezes, no *infundibulum* ou na orla da lucerna.

O processo de fabrico das lucernas consistia na aplicação de argila no interior dos moldes bivalves, que seriam mais tarde unidas, enquanto a argila ainda se encontrava fresca, para desta forma deixar o interior da lucerna oco. Após a secagem o molde era aberto para assim se iniciar o tratamento da superfície e tornar a lucerna mais resistente.

A matéria-prima podia ser adquirida perto do local de manufatura, ou mesmo importada. O que era mais frequente, por ser mais rentável em termos de custo e de aquisição rápida da matéria-prima, era o produto ser adquirido em locais próximos do centro de produção.

Só depois deste processo é que eram adicionados os elementos adicionais da lucerna, tal como a asa e as marcas. As lucernas eram deixadas posteriormente a secar, para se poder adicionar um engobe com a função de dar à peça resistência e impermeabilidade. Por fim, depois de se completar o processo de secagem, as lucernas eram colocadas em fornos e cozidas “a uma temperatura entre os 800 e 1000°C” (*Ibid*, p.9). A grande vantagem da utilização da técnica de molde bivalve é a sua “produção em grande escala, alcançando todos os cantos do Império” (*Ibid* p.9). No mundo romano foi também comum a prática da remodelagem ou cópia de lucernas pré-existentes, replicando-se os

modelos mais conhecidos, que, como vamos ver, é o caso das lucernas aqui estudadas do santuário votivo de Santa Bárbara de Padrões, em Castro Verde.

2.1. Os animais na sociedade romana

O estudo dos animais no Mundo Antigo é um tema que tem vindo a ganhar interesse ao longo da última década. Esta é uma situação que se pode observar na bibliografia apresentada neste trabalho, sendo a obra mais utilizada *“The Oxford Handbook of Animals in Classical Thought and Life”* (2014) publicada pela Oxford University Press, que nos apresenta vários capítulos de diversos autores.

Este é um tema que desperta imenso interesse no grande público, bem como dos investigadores, pois os animais estão em contacto com o Homem desde o início dos tempos. Essa proximidade e contacto é facilmente demonstrado através das múltiplas representações como, por exemplo, na arte rupestre, no teatro, na literatura, na filosofia, no desporto, na vida económica, na vida diária, bem como nas suas crenças religiosas do Homem.

De acordo com Campbell (2014, p.14), existe uma grande tradição no Mundo Antigo de uma superioridade dos animais em relação ao ser humano. Campbell refere, através de citações de Demócrito, que os animais têm sido um grande catalisador do Homem no que concerne à aprendizagem de diversos ofícios e técnicas, dando como exemplo as aranhas a tecer, as andorinhas e as suas técnicas de construção de abrigos e os cisnes com a sua capacidade de cantar, metáfora criada possivelmente na Grécia Antiga, pois também Platão a refere, e que apresenta este animal como exemplo para uma última tentativa de se fazer algo de grandioso antes da morte. Estes factos, de acordo com Demócrito, invalidam por completo a insinuação de superioridade por parte do ser humano em relação aos animais.

Kitchell Jr. (2014, p. xi) refere que atualmente existem cerca de 30000 espécies de animais na Grécia Antiga, sendo que 1500 são referentes a espécies endémicas, enquanto em Itália existem cerca de 58000 espécies. O autor refere também que, não é possível identificar um número exato da quantidade de espécies que habitavam o Mundo Antigo, mas afirma que devido à quantidade enorme de territórios conquistados, primeiro por Alexandre “O Grande”, e mais tarde por Roma, as espécies que habitavam o Império durante este período seriam em ainda maior número do que os que são atualmente documentados, ressalvando que, a grande maioria destes animais representados são mamíferos.

Para Lewis e Llewellyn-Jones (2018, p.1) a História é o estudo dos casos do passado do Homem. Porém, também afirmam que estes casos nunca são referentes unicamente ao ser humano, dado o Homem se encontrar inserido em ambientes diversos, com interações e ações com todas as entidades que se encontram vivas, como é o caso de plantas, animais e bactérias, pelo que, todos partilham este ambiente em constante sintonia.

Sendo os animais um assunto comum na arte romana, as *figlinae* que produziram lucernas não deixaram de os representar. Assim, estas eram frequentemente decoradas com vários motivos, fossem mitológicos, símbolos religiosos, cenas de vida quotidiana incluindo a representação de animais.

A representação de animais, não só nas lucernas, eram escolhas populares, dado o seu simbolismo, apelo estético e conexão com vários aspetos da vida romana.

Alguns dos animais mais representados eram, por exemplo, os leões, dado serem animais associados ao poder; golfinhos que eram associados ao mar e a sua presença simbolizava a proteção durante as viagens marítimas; aves como pombos, associados a Vénus, corujas associadas à sabedoria e ao conhecimento; águias que representavam o poder; cavalos que simbolizavam a velocidade e força; veados que estavam associados a Diana Deusa da caça; cães que simbolizavam a lealdade e proteção e cobras que estavam associadas à cura, regeneração e proteção, pavões, associados à crença no além.

Estes são apenas alguns exemplos pois existem uma grande variedade de representações animais que refletem a ampla gama de simbolismo e significado cultural associados a diferentes animais na sociedade romana.

2.1.1. O valor dos animais no mundo romano

Os animais desempenharam um papel significativo na vida da sociedade romana, basta ver que, por exemplo, o lobo é o animal que está associado à fundação mítica de Roma, através da representação da loba Capitolina que amamentou Rômulo e Remo os gémeos fundadores de Roma, ou a águia que era o símbolo de poder e autoridade associada ao Império Romano.

Tiveram um papel significativo e multifacetado, com enorme valor, fosse para funções práticas, religiosas, estéticas ou de entretenimento, e foram objeto de estudo, por parte dos romanos, documentado através de inúmeras obras, como a História Natural de Plínio o Velho (Howe, 2014, p.179).

Foram largamente utilizados e valorizados como fonte de alimento, já que forneciam os elementos nutricionais mais importantes da dieta romana: os gados bovinos, caprinos e suínos forneciam carne, leite, além de lã e peles, produtos importantes para o fabrico de roupa e calçado, entre outros produtos. O gado cavalar tinha enorme importância não só para a ajuda dos trabalhos agrícolas, mas também nos transportes. Foi largamente utilizado na guerra e nos espetáculos de arena, especialmente nas corridas de bigas e quadrigas.

As aves de capoeira secundavam os primeiros como animais de grande relevância para a economia romana pois providenciavam carne, ovos e penas.

Eram também bastante valorizados alguns tipos de animais considerados de estimação, como cães, gatos ou pássaros espécies criadas para fazerem companhia aos seus donos. Além do mais a posse destes animais, e muito especialmente a posse de animais exóticos como macacos ou gazelas ou outros tipos de animais raros, era considerado um símbolo de riqueza e estatuto social. Outros eram usados em espetáculos de entretenimento e de caça, atividade muito popular entre os romanos, e que proporcionava a captura de inúmeras espécies de animais, como leões, tigres, elefantes ou ursos que posteriormente seriam usados nos espetáculos de arena.

Desempenharam, de igual forma, um papel importante na religião romana, sendo venerados em rituais religiosos associados a divindades específicas e estas características que possuíam, eram consideradas representações simbólicas da existência de

qualidade. Também eram usados na medicina, pois os romanos acreditavam nas propriedades curativas de certos animais, sendo por isso comum a utilização de sangue, gordura e partes específicas de animais nas práticas medicinais e curativas.

É de salientar, no entanto, que o valor atribuído aos animais na sociedade romana variava de acordo com a sua função e contexto. Alguns tipos de animais eram criados e tratados com grande cuidado e atenção, já outros, eram vistos principalmente como recursos a serem explorados para atender às necessidades humanas, o que envolvia exploração e maus-tratos como acontecia com a caça e muito especialmente com os animais envolvidos nos espetáculos de arena (*Ibid*, p.179).

Desta forma, podemos afirmar que a visão romana sobre o papel a atribuir aos animais na sua sociedade não era uniforme. Se uns viam os animais de uma forma mais empática, outros viam principalmente como recursos a serem explorados em seu benefício. No entanto, independentemente da visão de cada um, todos reconheciam a importância destas no dia-a-dia da sua sociedade, fosse como elemento económico, social ou religioso, sendo a sua presença tão significativa que influenciaram até mesmo a cultura, a literatura e arte romana.

2.1.1.1. O valor económico dos animais no mundo romano

No Mundo Clássico, as pessoas eram, de acordo com Howe (2014, p.179), conservadores no que diz respeito às atividades que estavam relacionadas com o estatuto social, tendo principal interesse nos medidores de interesse, nos mercados e na produção de riquezas.

Na sua obra, o autor (*Ibid*, p.180) afirma que através de vários géneros literários, os escritores Gregos e Romanos sublinharam a ideia de que as formas de obtenção de riqueza socialmente aceitáveis eram as que provinham da posse da terra e dos produtos que delas retiravam. Segundo o autor, as autoridades destes tempos pensaram e apresentaram argumentos inclusive com alguns preconceitos morais, afirmando que os homens mais nobres e honrosos, eram aqueles que se encontravam livres das necessidades mundanas de subsistência e sobrevivência, eram os que evitavam os vulgares domínios da indústria e comercialização de mercadorias e que apenas se comprometem com a busca virtuosa da riqueza agrícola.

Esta afirmação, mostra uma perspetiva sobre o que seria necessário fazer para obter riqueza e estatuto social mais elevado, no entanto, as elites romanas construíram as suas enormes fortunas em outros setores que não a agricultura, especialmente através da compra de terrenos e de animais.

As elites investiam nestes dois setores, pois a negociação de animais e de produtos agrícolas é algo superior do que a negociação e produção de bens, isto porque quem se encontrava responsáveis por estas atividades eram os deuses, através de chuva, e as classes mais baixas que as realizavam, embora tenham existido exceções, e as elites comercializavam, manufaturavam ou realizavam outras maneiras de adquirir riqueza.

O autor (*Ibid*, p.183) refere uma afirmação de Aristóteles em que este reconhece que a atividade agrícola era uma importante força geradora de riqueza, sendo a posse de animais o elemento primordial dentro desta atividade.

Isto implica a existência de uma hierarquia adicional entre as várias espécies de animais, como os cavalos, que eram os mais prestigiados, seguidos pelo gado bovino, ovelhas e outros animais. Ou seja, o que está implícito, nesta afirmação de Aristóteles é que a criação e produção de animais, apesar de implicar investimentos avultados, era a forma

mais rentável da atividade agrícola, pois a sua posse não se resumia apenas à venda da carne, já que havia toda uma outra gama de produtos secundários que aumentava a rentabilidade dos animais, especialmente produtos vendáveis como ovos, leite, queijo e lã entre outros. Outra forma secundária de rentabilizar os animais, era a sua utilização em serviços contratados, especialmente na lavra dos campos, onde a tração animal era de capital importância (*Ibid*, p.183-184).

Estes fatores elevam a posse dos animais a um desejo crescente, especialmente entre os mais abastados, em parte, comparável à posse de propriedades, e assim a crescente aquisição de animais tornou-se muito apetecível o que, com o passar dos tempos, tornar-se-á um símbolo de riqueza na sociedade romana.

Harden (2013, p.141) segue a mesma linha de pensamento. A posse de gado era vista como símbolo de riqueza que era ostentada, não sendo por acaso que a cabeça de boi simbolizava a riqueza, pois além de esta ser um resto físico do animal, o seu sacrifício não deixava de ser um gesto financeiro e um gesto apropriado de oferta.

Entre os inúmeros cuidados a ter com os animais, sobressai o cuidado com a alimentação. Os cuidados com a nutrição dos animais, são um dos grandes sucessos da sociedade romana e que levou a um aumento de tamanho dos animais, primeiro na Península Itálica, e depois nas outras províncias, e, por conseguinte, melhorou a fecundidade e a quantidade de leite produzido. A reprodução seletiva, os cuidados com as necessidades dos animais, assim como com a mudança em preferir ter uma manada grande, mas com pequenos animais, para uma manada com números mais pequenos, mas com animais de maior porte, são de igual forma um enorme contributo para o sucesso do setor (Lewis, 2018, p.697).

Esta situação, porém, tal como refere Howe (2014, p.185), apesar de ser uma atividade de grande prestígio, não era a principal atividade comercial do Mundo Clássico, pois as sociedades da época apresentavam diversas formas de gerar riqueza.

No Império Romano, durante todo o ano, os mercados encontravam-se ativos, pois grandes parte das dietas no Mundo Romano consistiam num grande consumo de carnes, especialmente de porco que dominava os cardápios, sendo que os cozinheiros adoravam confeccionar o porco das mais variadas formas.

Concluindo e seguindo a ideia do autor (*ibid*, p.197), quer Gregos quer Romanos eram muito conservadores com as atividades que se relacionavam com o estatuto, níveis e produção de riqueza, e com os mercados que lhes poderiam dar essas riquezas.

O estatuto das elites derivava da posse de propriedades, terras e especialmente da posse de animais de grande porte. A posse destes animais, criava uma elite fundiária que tinha como objetivo vender cada vez mais animais e os produtos a eles associados para subir no *ranking* das elites fundiárias.

Mais importante que o lucro, e este era importante, o negócio com animais e seus produtos tinham um cariz direcionado para objetivos sociopolíticos quer de vendedores quer de compradores. A atividade deste mercado, era complicada e muitas vezes complicava-se ainda mais, pelo facto das vendas de animais e seus produtos derivados depender, em grande escala da procura destes para a realização de sacrifícios e outro tipo de eventos como banquetes públicos, corridas, entre outros (*ibid*, p.197).

2.1.1.2. O valor simbólico e social dos animais no mundo romano

A história da civilização romana começou com uma lenda que tem como protagonistas uma loba, de seu nome Capitolina e dois gêmeos, Rômulo e Remo, que por ela foram amamentados.

O Mundo Grego e Romano desenvolveram, através dos tempos, e de formas diferentes, uma ideia bastante sólida da sua identidade, que se articulava com uma clara noção do posicionamento das suas fronteiras, apesar da diversidade de povos, comunidades e culturas que as compunham. E um dos costumes mais importantes para estas sociedades era a religião “... para além da barreira da língua, que define a noção de bárbaros, os costumes religiosos eram vistos como algo comum a todos os gregos. Da mesma forma, os escritores romanos em tempos de conquista, quando as fronteiras do Império Romano estavam a ser ampliadas, reavaliavam constantemente a identidade das pessoas que viviam nas fronteiras do império e para além delas” (Harden, 2013, p.103)¹.

Durante o período pré-cristão romano não existia uma palavra que designasse religião, “...a palavra *religio* significava reverência” (Adkins, 2004, p.274), e antes da implantação do Cristianismo o povo acreditava na existência de um grande número de deuses em todos os aspetos da sua vida, ou seja, a adoração e o apaziguamento de certos deuses era considerado religião de Estado e, na maior parte das vezes, os deuses estrangeiros estavam afastados.

Segundo o autor (*ibid*, p.274) à medida que a comunidade agrícola se expandia, os deuses eram solicitados a prover os indivíduos com favores, que poderiam ser pedidos de clima favorável, colheitas de qualidade ou proteção contra ladrões, e que levará à existência de uma hierarquia de sacerdotes e oficiais, que originalmente foram liderados pelo Rei.

¹ Tradução do autor

O ponto central desta religião baseava-se na crença que quer deuses, quer espíritos, estavam em todo o lado, eram responsáveis por tudo o que acontecia, e por isso, deviam ser agraciados através de rituais e oferendas adequadas.

A religião do Estado não era estática, desenvolvia-se a par da sociedade romana, com absorção de deuses de outras culturas, especialmente da Etrúria e das colónias gregas da Península Itálica. A maior mudança foi causada pela influência dos deuses gregos que eram antropomórficos e tinham uma mitologia bastante desenvolvida, ao contrário dos primeiros *numina* romanos, espíritos ou poderes divinos que a maior parte das vezes representavam forças naturais ou abstratas (*Ibid*, p.274).

No Mundo Clássico, a ideia de uma ligação entre animais e as diferentes divindades manifestava-se de diferentes formas. Segundo Smith (2014, p.121-122), o significado mais comum na *Natura Animalium* é o seu estatuto como criaturas sagradas para um ou mais deuses ou, tendo relações associativas especiais com uma determinada divindade como por exemplo: a Apolo surge associado frequentemente o corvo, o cisne, o falcão, o lobo, a serpente, o veado e o touro; a Ibis surge associado o abutre, o escorpião, a gazela, a vaca, a áspide, entre outros.

Algumas associações entre divindades e animais são familiares, outras nem tanto. Por exemplo, Zeus está presente em toda a *Natura Animalium* associado ao leão e à águia, mas é pouco conhecido que o deus Adranos da Sicília tem cães de caça no seu templo. Para Harden (2013, p.156) e tendo em conta os relatos deixados, esta ligação era muitas vezes manifestada através de metamorfoses de deuses em formas de animais e que ocorria quer do processo de sacrifício animal, quer na designação ou consideração popular de certas espécies e indivíduos como associados a um deus ou a um recinto sagrado.

O sacrifício de animais, prática comum no Mundo Antigo continua a ser um tema muito relevante para o estudo deste período. Apesar do estudo referente aos animais sagrados ser menos estudado, o tema continua sob uma grande atenção e estudo por parte dos historiadores pois não faltam textos antigos que atestam as associações populares entre animais e deuses, assim como a prática em manter animais numa área de santuário como propriedade de uma divindade em particular.

O sacrifício era o centro da maioria dos cultos de adoração. Havia uma variedade de formas em como o sacrifício era realizado, com uso de incenso, libações líquidas e

oferendas vegetais ou animais, estando este sempre do contexto e divindade a ser homenageada (Rupke, 2007, p.263).

Adkins (2004, p.310) apresenta a mesma ideia: “Um sacrifício era um presente condicional aos deuses, heróis e mortos na expectativa de que a assistência fosse prestada aqueles que haviam feito o sacrifício”. Estes sacrifícios ocorriam tanto em contexto privado, bem como em contexto público, e as oferendas consistiam de “...bolos, vinho, incenso, óleo e mel, bem como sacrifícios de sangue”, sendo que esta última consistia no abate de animais. Os animais abatidos como oferendas eram sempre animais domésticos, ou seja, bovinos, ovinos, suínos e em alguns casos, mas mais escassos, os caprinos (Rupke, 2007, p.264).

As oferendas de comida podiam ser dadas na sua quantidade total aos deuses, ritual esse realizado através da queima de alimentos, mas também aconteciam através de uma partilha das oferendas com os deuses e as restantes pessoas, realizadas em banquetes cerimoniais, com o objetivo de honrar quem tivesse feito o sacrifício.

De acordo com Adkins (2004, p.310) as oferendas de sacrifício podem ser divididas em seis categorias: oferendas feitas em cumprimento de um voto, oferendas de agradecimento, oferendas feitas na expectativa de favores, sacrifícios feitos por instigação dos deuses, sacrifícios como resultado de adivinhação e dedicações de aniversário.

Como referido anteriormente, as oferendas consistiam, na grande maioria das vezes, no abate de animais. Contudo, nem todos os animais eram abatidos e oferecidos a todos os deuses, pois tal como Rupke (2007, p.264) explica, os deuses masculinos, com exceção de Marte, Neptuno, Jano e Gênio, recebiam como oferenda animais machos que estavam castrados, enquanto as deusas femininas recebiam como oferendas animais do sexo feminino. Os animais não podiam ter qualquer defeito e a sua cor também simbolizava a que deuses seriam oferecidos. Por exemplo, os animais que eram pretos eram, normalmente, simbolizados como oferendas a deuses do submundo (Adkins, 2004, p.311-312).

Existem vários procedimentos a realizar na oferenda e sacrifício de animais. As vacas, que se encontravam grávidas, eram usadas como oferendas a *Tellus* e a *Ceres*; as porcas eram usadas em rituais funerários. Outros animais eram usados nos mais variados rituais, como por exemplo os cavalos, usados para celebrar, a 15 de outubro, o *Equus* de

outubro; os cães eram usados a 25 de abril para celebrar a *Robigalia*, festa dedicada ao deus Robigos; no culto de Esculápio eram utilizados galos; e em Pompeia, nos altares, foi possível identificar a utilização de pássaros e de peixes para a realização destas cerimónias (Rupke, 2007, p.264-267).

As cerimónias para serem realizadas, tinham de ter o acordo entre a pessoa que deseja que o sacrifício seja concretizado, e o guardião denominado de *aedituus*, do templo em que a cerimónia irá realizar-se. Era necessário também, contratar os serviços de *popae* e de *vitimarii*, sendo estes, respetivamente, as pessoas que matam os animais a sacrificar, na sua grande maioria através de um corte na garganta, e que mais tarde irão dissecar os mesmos. Por último, também teriam de ser contratado os serviços de um *tibicen*, um flautista, já que os sacrifícios de animais eram normalmente acompanhados por música com o objetivo de “...evitar que se ouvissem sons de mau agouro, o que significaria recomençar o sacrifício” (Adkins, 2004, p.311-312).

Tanto Adkins (2004, p.311-312) como Rupke (2007, p.266-267) exemplificam os procedimentos requeridos para o sacrifício e matança de um animal como oferenda. Para começar o animal tinha de ser adormecido através de uma mistura de vinho e de farinha salgada, e só depois é que eram esfaqueados com uma faca cerimonial no caso dos animais de maior porte. Nos de menor porte, as suas gargantas eram simplesmente cortadas, sendo estes os animais sacrificados mais comumente. De seguida, com o animal de costas no chão, o seu sangue era retirado para uma tigela que seria derramado pelo altar, para depois o sacerdote confirmar se o sacrifício tinha sido aceite pela divindade a ser honrada. Por último o animal seria esfolado e cortado em partes. O processo seguinte ao corte implicava a separação dos órgãos vitais, como o fígado e os pulmões, pois estas eram as partes destinadas às divindades sendo colocadas à parte para serem cozinhadas, no caso de gado numa panela, e no espeto no caso de ovelhas e porcos razão pelo qual os templos continham uma área própria para a confeção de alimentos. As pessoas que participavam nestas celebrações e que tinham um maior estatuto social eram as primeiras a comer, nos casos em que estes órgãos serviam de alimento, pois se não servissem, estes eram queimados pelo sacrificador no fogo no altar juntamente com ossos e a gordura animal. O restante do animal era cozinhado e era servido durante o banquete para todos os participantes.

Por fim, o sacrifício de animais como o porco, ovelha e boi era realizado durante festas agrícolas ou outras ocasiões especiais, como a conclusão de uma campanha militar, sendo que antes de uma batalha poderia haver um sacrifício de sangue para apaziguar os deuses e dar sorte para a batalha, ritual a que se dava o nome de *Souvetaurilia*.

Outra forma de simbolismo presente no Mundo Romano, no que diz respeito aos animais e ao seu valor, é a sua utilização na realização de jogos e de espetáculos nas arenas. Estes tinham o propósito de entreter as massas, mas também tinham como objetivo o descarte de animais através do consumo da sua carne, depois de mortos nestes espetáculos.

A utilização de animais para entretenimento nas arenas, está bem documentado, assim como a sua captura e tratamento a que ficavam sujeitos, a maior parte das vezes em condições muito duras e inadequadas, sendo que o treino a que estavam sujeitos era bastante duro e cruel (Lewis, 2018, p.738).

No Mundo Romano e no Mundo Grego, as sociedades tinham uma distinção muito clara entre a carne de animal, alimento que era altamente desejado e a carne humana existindo um tabu no que diz respeito ao consumo desta última. No entanto, existiam sociedades em que a carne de animal ou humana era simplesmente considerada alimento e o consumo de carne humana era "...um gesto de triunfo, uma forma de vingança ou uma forma de absorver a força dos inimigos". Apesar do tabu que existia no Mundo Romano no que diz respeito ao canibalismo, os romanos usavam parte do sangue dos homens que eram mortos nas arenas como oferendas a deuses como Júpiter durante os festivais em sua honra, e em alguns casos "...alguns romanos bebiam esse sangue como uma poção que se acreditava curar a epilepsia" (Kyle, 1998, p.184).

O grande problema que os espetáculos de arenas traziam era a elevada quantidade de animais e de humanos que eram mortos, e cuja carne não era consumida, e que torna o seu processo de eliminação mais complexo, apesar de existirem grandes quantidades de animais necrófagos, como hienas e abutres e carnívoros como leões, tigres entre outros. Estes animais estavam sujeitos a uma dieta reduzida pois a ideia era estarem de tal maneira esfomeados para que quando fossem lançados à arena, o fizessem com a maior ferocidade possível, pelo que não seria através deste meio que se fazia o processo de eliminação de tanta carne.

O autor (*Ibid*, p.186) expõe uma situação descrita por Suetônio, escritor Romano, que relata que para alimentar os animais selvagens que iriam ser usados nas arenas, Calígula mutilou criminosos para servirem de alimento. No entanto o autor refere que esta era uma situação rara, pois os animais normalmente eram alimentados com carne que não era humana e como referido anteriormente em pequenas quantidades, pelo que assim, o que esta situação mostra é um comportamento específico de Calígula e não representa a totalidade do comportamento adotados para estas situações.

A carne de animais de arena poderia ter sido usada como alimento para outros animais carnívoros que estavam à espera na arena, mas não existe evidências desta situação, até pelas razões apresentadas anteriormente.

Um dos maiores problemas que a utilização dos animais como forma de entretenimento nas arenas tinha, para além das carcaças de animais que tinham de ser eliminadas, era o avultado custo que todo o processo requeria, pois, os animais necessitavam de tratamento, transporte e, mais importante, alimentação, apesar de este último ponto, não ser um problema que durasse muito tempo, pois normalmente os animais não sobreviviam muito tempo nas arenas (*Ibid*, p.186).

Um outro problema que a utilização dos animais em espetáculos trazia era o aumento do risco de ocorrência de incidentes dado o número de animais e homens envolvidos nos espetáculos que atingiam índices de ferocidade e matança difíceis de aceitar segundo os padrões atuais, mas, que segundo alguns autores de então, eram não só bem aceites socialmente, como eram admirados pelos romanos.

Hopkins (2011, p.41) relativamente a estas questões cita Marcial, poeta que escreveu um livro para comemorar a inauguração do Coliseu e no qual desenvolve uma narrativa poética, que se insere num contexto cultural e mitológico muito próprio, na qual as personagens e situações são alteradas e subvertidas, como é o caso de Orfeu, figura mítica que se julgava ser um mágico que possuía o poder de encantar animais, e que acabou morto e despedaçado por um urso, ou então o caso de uma tigresa que tinha sido domesticada e que atacou primeiro um leão, situação que no mundo selvagem não ocorreria, ou o caso de um elefante que após matar um touro de forma espontânea aproximou-se e vergou-se em forma de súplica perante o Imperador, bem como um veado, que ao fazer o mesmo, escapou aos cães de caça que o perseguiam. Isto reflete um valor simbólico, pois demonstra que segundo a visão romana, mesmo os animais

que estavam nas arenas, seriam capazes de reconhecer o valor e o poder imperial ou como a domesticação destes, também encerrava aspetos negativos que levavam à ocorrência de acidentes.

O entretenimento das massas passava também, pela organização de espetáculos com luta de animais a uma escala menor, sem a utilização de arenas, como a luta de galos. Os galos não eram considerados como animais de quinta, e as suas lutas, sempre bastante violentas, eram muito apreciadas pelos mais novos (Lewis, 2018, p.742-746).

Para referir os espetáculos nas arenas Harden (2013, p.181) refere-se a estes como algo que: “Na imaginação moderna, de longe a associação mais gratuita entre animais e humanos no mundo clássico é a tortura em massa e o abate de animais nas arenas romanas, atividades que aconteceram realmente na cidade de Roma bem como em Itália e noutras regiões”. No que diz respeito ao que era realizado nas arenas, o autor (*Ibid*, p.181) refere que as corridas de cavalos e de bigas eram conhecidas na Grécia antiga e se tornaram desportos para espectadores em massa em Roma, e “há evidências de uma tendência significativa de atividades de menor escala, como lutas de galos e outras lutas de animais...; mas a melhor evidência literária no que diz respeito ao uso de animais para entretenimento público, concentra-se nos afamados jogos em grande escala realizados em Roma”. Entretanto, o uso de animais como forma de entretenimento de forma sistemática e patrocinado pelo regime tinha uma longa história antes de Roma, datando na tradição Clássica do período Helenístico.

Outro aspeto simbólico e social que os animais tinham para a sociedade romana diz respeito à sua caça. A caça é algo que se encontra presente desde os tempos mais primitivos, e tinha como objetivo a sobrevivência, através da caça e do seu consumo tendo, também o objetivo de proteger o Homem e os seus territórios. A grande diferença entre a caça, durante os tempos mais primitivos e mais tarde, no Mundo Romano, é que o Homem primitivo usava a caça como uma forma de alimento, e não como uma forma de diversão ou como um desporto. Já os romanos pensavam que a caça proporcionava uma forma de entretenimento e a aquisição de uma mercadoria valiosa e com um grande simbolismo (Kyle, 1998, p.188).

Harden (2013, p.167-168) refere a importância que a caça tinha para as sociedades do Mundo Clássico, importância essa bem relatada e que é possível consultar em inúmeros textos, ilustrações, poemas e de todo o tipo de arte que mostram a caça dos animais.

Estes documentos permitem perceber como era a terra demarcada e usada para a realização deste desporto, bem como também permite dar a conhecer quais eram os usos que a caça tinha, quer seja como forma de encontrar alimento, como forma de entretenimento e espetáculo, ou como forma de controlar as pestes e as doenças que se espalhavam entre certas espécies.

A par das fontes que é possível consultar, deve-se salientar o trabalho da Zooarqueologia que nos permite conhecer a propagação geográfica de animais utilizados nesse período, como eram explorados e criados, permite identificar tamanhos, sexo, idade em que morreram, condições em que viviam, perfis das manadas e seu propósito nos trabalhos agrícolas (Lewis, 2018, p.738).

Quanto ao uso dos animais em guerras e batalhas, o autor (*Ibid*, p.135) descreve de forma precisa a razão pela qual os animais tiveram um grande papel no que diz respeito à sua participação nas guerras pois, num mundo onde não existia maquinaria pesada e em que a economia do dia-a-dia dependia de forma crucial das pastagens mais do que qualquer outra coisa.

Os animais eram colaboradores involuntários e vítimas inevitáveis dos conflitos. Estes eram imprescindíveis em toda a atividade militar, estando às vezes incluídos em grandes números, chegando mesmo às dezenas de milhar e, nos quais se incluíam vários tipos de animais de carga, cavalos, bem como animais exóticos de combate como os elefantes. Dentro dos animais utilizados, os cavalos detinham um papel fundamental e formavam a espinha dorsal das cargas militares, elevando o papel da cavalaria dentro da hierarquia militar.

2.2. As representações de animais nas lucernas de Santa Bárbara de Padrões

Como referimos, o objetivo do presente trabalho centrou-se no estudo das lucernas do santuário votivo de Santa Bárbara com a representação de animais, sejam animais domésticos, selvagens, mitológicos ou se encontrem na presença de divindades.

Para este estudo, foram analisadas 113 lucernas, com 37 diferentes representações.

Apresentam dois tipos de representações: lucernas com representações compósitas; e lucernas com representações individuais. A primeira, é a que apresenta maior percentagem, possuindo 66 lucernas com representações compósitas, o que corresponde a 58% das lucernas com animais. Apesar de ser um número também elevado, as lucernas com motivos individuais, 47, correspondem a 42% da coleção a ser estudada (**Histograma 2**).

As lucernas dividem-se em duas tipologias: de volutas, e de disco. As de disco, são a maioria com 72 exemplares, seguidas das de volutas, com 41 exemplares (**Histograma 3**).

Nesta amostra, temos três motivos maioritários: as representações de Manes, com 16 exemplares, e nas quais se encontram representadas serpentes em conjunto com esta divindade; as representações de pavão e de golfinhos, com 9 exemplares cada.

Uma das grandes problemáticas, é o facto de um grande número de lucernas se encontrarem fragmentadas.

2.2.1. Animais domésticos

O conceito de animais domesticados é algo que existe desde os tempos mais antigos, mas a relação entre o conceito de animal domesticado moderno e da antiguidade é muito distinto. Trata-se de um processo que decorre há milhares de anos, e no qual certas espécies de animais selvagens são criadas em cativeiro e adaptadas para viver e interagir com o ser humano. É um processo que envolve seleção e criação seletiva de animais com características desejáveis tais como, comportamento dócil, maior tolerância à presença humana, e capacidade de reprodução em cativeiro.

Este processo começa a ocorrer num período em que o homem se torna mais sedentário, com o aparecimento da agricultura e consequente a criação de comunidades permanentes. Desta forma, os animais passam a ser utilizados para várias finalidades, como alimento, transporte, proteção, trabalho, e o que irá provocar uma necessidade de o Homem melhorar os processos de controlo e direccionar os comportamentos naturais dos animais para atender às suas necessidades.

O conceito moderno, de acordo com MacKinnon (2014, p.331) implica uma relação pessoal de intimidade, bem como também a existência de um entendimento mútuo entre animal e Homem. Segundo o autor, na atualidade, os animais domesticados deixaram de ser vistos não só como forma de alimento, mas alguns deles passam a ser permitidos dentro de habitações, e até recebem um nome, algo que não acontecia regularmente no Mundo Clássico. O próprio ato de atribuir um nome a um animal é uma característica humana. Exemplos desta prática pode ser vista ainda nos dias de hoje, o que prova os laços que são criados entre o animal e o ser humano, desde a antiguidade até aos tempos mais modernos. A atribuição de nomes a animais, também demonstra que existe uma relação de intimidade e um entendimento mútuo entre o ser humano e os seus animais.

Apesar de não ocorrer regularmente no Mundo Clássico, os animais eram venerados, memorizados e humanizados, algo que se comprova através de epígrafos, lápides, oferendas funerárias e enterros. Os animais considerados como animais domésticos consistem de diferentes e variadas espécies, sendo a grande maioria mamíferos e dentro destes, a grande maioria são cães, espécies equídeas e gatos conjuntamente com

várias espécies de pássaros. Outras espécies que aparecem consideradas como domesticadas são os répteis, especialmente cobras e vários tipos de anfíbios, insetos, animais de pequena estatura, e alguns animais exóticos.

Os animais eram apreciados no Mundo Clássico, por todos os estratos sociais e demográficos, embora, na sua grande maioria, a posse e criação de animais de estimação está mais ligada às elites, pois são estas as que possui uma maior variedade de espécies, tais como leões, golfinhos e espécies exóticas, algo que não estava ao alcance de todas as outras classes sociais (*Ibid*, p.331).

Ao longo da História, as presenças destes animais são apresentadas e representadas de diversas maneiras, surgindo em textos e inscrições antigas onde existem referências a animais domésticos e selvagens, estão presentes na arte e na cultura material, e no dia a dia da sociedade romana comprovação obtida através da recolha de inúmeros fragmentos osteológicos nas mais diversas escavações arqueológicas.

Dentro dos animais mais adotados, encontra-se o cão, não só por se tratar da espécie que possuía o maior número de animais disponíveis para as mais variadas classes sociais, e também porque foi o animal que ao longo de toda a História foi adotado em maior número pelo e que mais laços conseguiu criar com o Homem. Uma comprovação desta afirmação é a descoberta, na Grécia, de vestígios de cães que eram utilizados para a realização de trabalhos, como por exemplo a caça e guarda, sendo por isso domesticados em grande número, ao contrário de outras espécies que tinham como função principal a criação para consumo.

O cão na cultura romana apresentava funções específicas, como de caça, de guarda, guardar e proteger o gado, e por último, a sua domesticação para companhia, estando estas representadas em pinturas, na iconografia, esculturas e mosaicos. Para realizar estas atividades, os cães precisavam de cuidados, sendo este prestado por veterinários. Estes cuidados que o ser humano têm para com os cães tem vários motivos, como por exemplo o económico e o social.

Para Franco (2019, pp.39-40) os cães romanos apresentavam uma boa saúde óssea, o que pressupõe não existir abusos ou maus-tratos, além de que demonstra o cuidado que os romanos tinham para com estes animais e que eleva a importância que desta espécie na sociedade de então.

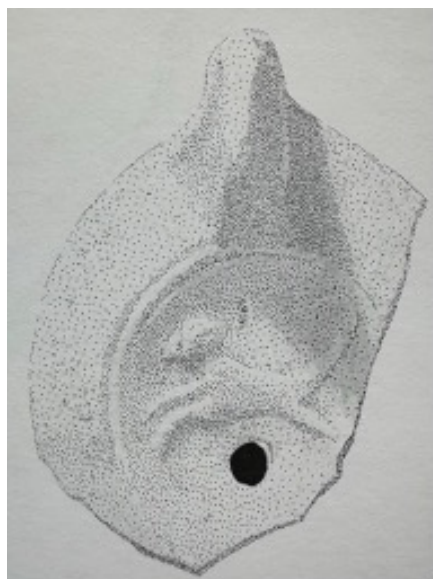


Figura 3: Representação de um cão (Ficha nº47). Fonte: Maia (1997)

De seguida encontra-se os equídeos que, tal como os cães, estão presentes na sociedade romana em grande número, e de igual modo aparentam não serem consumidos.

Os equídeos desempenhavam papéis muito importantes no dia-a-dia, sendo utilizados como transporte como forma de lucro, através da sua reprodução e criação para trabalho nos campos agrícolas, como por exemplo para colocar os moinhos a funcionar. Em termos lúdicos serviam para a realização de desportos como as famosas corridas, especialmente de quadrigas e bigas.

Os cavalos eram animais que apresentavam um preço de compra muito elevado o que levou a que na sua grande maioria esta espécie fosse detida exclusivamente pelas elites romanas. Assim, a posse desta espécie era importante para uma certa franja da população demonstrar a pertença a um estado social mais elevado, demonstrando riqueza e prestígio para o seu dono (MacKinnon, 2014, p.337).

Tal como os cães, os cavalos apresentavam uma enorme devoção e fidelidade para com o Homem, o que ainda mais intensificava a sua ligação e importância na sociedade de então, algo que é visível em textos antigos e na iconografia, podendo também ser encontrados em contextos funerários, da mesma forma que os cães são representados nesses contextos.

Outra espécie muito considerada eram os gatos. A domesticação dos gatos consta do século XX ou XIX a.C. no Egipto, e só aparece mais tarde, primeiro na Grécia, no século VIII ou VII a.C., e depois em Itália, cerca do século V ou IV a.C.

A popularização dos gatos, em menor escala em relação aos cães, deveu-se à curiosidade, agilidade e a atitude de brincadeira que é atribuída a esta espécie, características que surgem em inúmeras representações na arte romana, como por exemplo em vasos pintados, mosaicos e em terracota, nas quais encontramos o gato a saltar ou a brincar. Apesar de a alguns gatos ser possível ensinar alguns truques, a principal função dos gatos nesta sociedade é a de apanhar outros animais como por exemplo ratos, especialmente nos meios mais rurais de Itália servindo, desta forma, para controlar as pragas destes roedores (*Ibid*, p.338).

Por último temos a ave. Esta era uma espécie muito utilizada, tanto no Mundo Grego como Romano, devido à sua grande diversidade em número e em espécie. Algumas aves, como por exemplo as galinhas, patos e gansos, encontravam-se em contexto doméstico para produção de ovos e penas e para consumo. Outra função importante que esta espécie apresenta para a sociedade de romana é a do culto, pois muitos destes animais apresentam um caráter simbólico, mágico e de ritual, enquanto outros eram usados para a prática de desportos como a luta de galos (*Ibid*, p.339).

As aves eram também utilizadas na caça. Algumas eram usadas como uma espécie de chamariz, para desta forma assustar e confrontar outros pássaros, e assim permitir que o Homem conseguisse caçar, outras eram utilizados como caçadores, casos da águia, falcão ou milhafres.

Um outro motivo que levou à domesticação de alguns tipos de aves como papagaios e corvos, e que tinham um grande grau de aceitação e apreciação, eram as suas capacidades vocais e reprodução de certos sons.

Concluindo, o processo de domesticação foi longo e complexo e envolveu inúmeras gerações de animais criados em cativeiro, nas quais ocorreram várias mudanças genéticas e comportamentais nos animais.

A sua domesticação, trouxe benefícios muito significativos para os seres humanos como a segurança alimentar, transporte mais eficiente, companhia e auxílio em inúmeras tarefas.

2.2.2. Animais selvagens domesticados

A domesticação de animais selvagens, que se sabe foi praticada, com alguma intensidade pela sociedade romana insere várias espécies de animais desde exóticos, anfíbios e várias espécies de répteis.

Entre os répteis, destacam-se as cobras que desempenhavam inúmeras funções simbólicas e práticas no mundo romano. Eram veneradas como símbolos de proteção e renovação, estando representadas em altares de casas, com símbolo de renovação e rejuvenescimento comprovado pela sua capacidade de renovar a pele. Está também ligada a contextos funerários, de culto e crenças mágicas, já que os romanos consideravam estes animais como portadores de poderes místicos.

Esta espécie, encontra-se, de igual modo, muito ligada à medicina e à cura, onde o veneno, ainda como outras partes do animal eram usadas em preparações medicinais. Esculápio, deus da medicina, era frequentemente associado a cobras, e o seu bastão possui uma cobra envolvida, simbolizando cura e conhecimento, imagem que ainda hoje é usada (MacKinnon, 2014, p.340).

A nível mais prático, esta espécie, tinha um reconhecimento, por parte da população, do seu importante papel no controlo de pragas, especialmente de roedores em zonas agrícolas, protegendo, assim as colheitas.

De acordo com o autor (*ibid*, p.340) estas apresentavam grandes dimensões, em comparação com outras pequenas variedades de jardim. Domesticar este tipo de animais era algo que não era confortável para todos, pois de acordo com o autor, em algumas festas estes animais andavam soltos e emaranhavam-se nas pessoas, o que nem sempre era apreciado pelos convivas menos acostumados a este tipo de animal.

Outras espécies domesticadas eram as tartarugas, os lagartos e os sapos. Estes eram normalmente domesticados por crianças, pois os textos antigos não nos apresentam pistas sobre a domesticação destas espécies em grande número, e os que eram domesticados, não se lhes era atribuído um nome, nem tarefas, serviam como espécie de companhia ou de brincadeira.

Atualmente, nas mais variadas estações arqueológicas não se encontram vestígios osteológicos que comprovem a domesticação destas espécies, bem como a realização

de cuidados e de tratamentos, como observado em outras espécies domesticadas como cães e cavalos, apesar das fontes históricas referirem a domesticação destas espécies, em algumas situações.

Por último, temos os animais exóticos, bem como de animais de pequeno porte que eram domesticados pela população. Os animais de pequeno porte eram na sua maioria coelhos, lebres e ungulados. Os animais exóticos domesticados eram os macacos, leões, tigres, leopardos, elefantes e ursos. Tal como os répteis, não existem vestígios osteológicos de que estes animais fossem domesticados, apenas nos textos históricos temos informação relativamente a alguns tipos de domesticação destas espécies.

A sua domesticação dependia da docilidade do animal, e o seu tratamento e cuidados dependia da função que estes desempenhavam, como por exemplo na caça, e os que geravam entretenimento, especialmente nas arenas. Trata-se de animais com inúmeras representações, quer em textos escritos, quer em manifestações artísticas, como em pinturas ou mosaicos e nas quais é possível observar a intensa utilização e interação entre o Homem e o animal.

Estas espécies apenas eram domesticadas em casos muito específicos, ou seja, apenas as elites e o Imperador eram as únicas classes que tinham as condições financeiras para a manutenção destes animais, dado o dispêndio financeiro que acarretava a sua posse, treino e manutenção (*Ibid*, p.340-341).



Figura 4: Representação de um leão. Fonte: <https://medusa-art.com/roman-oil-lamp-with-lion.html> Data de acesso: 12/09/2024

2.2.3. Animais híbridos

Os seres híbridos formavam, na sociedade romana, uma parte significativa da mitologia, assim como tiveram uma utilização expressiva na arte e na literatura.

Extremamente influenciada pela mitologia grega, os romanos incorporaram muitas destas criaturas na sua própria mitologia, às quais, acrescentaram outras provindas das suas interações com as várias culturas mediterrânicas.

Segundo Aston (2014, p.447), o estudo dos animais híbridos remonta ao final do século XIX ou início do século XX e, já que a sua devoção foi muito intensa nas sociedades clássicas, permite perceber também, as evoluções que estas sociedades foram sofrendo ao longo dos tempos no que diz respeito aos seus cultos, aos seus atributos divinos e as figuras mitológicas que eram adoradas.

Paloma Cabrera Bonet e Alicia Roderio Riaza descrevem-nos como seres míticos, liminares, ambíguos, possuidores de dupla e tripla natureza, com essência metamórfica, de mudança, que pertencem e não pertencem a ninguém. Ocupam um espaço simbólico, de fronteira, do antissocial do inesperado das forças desagregadoras da vida e da morte. A sua natureza híbrida, monstruosa ultrapassa os limites da normalidade, abrindo novas fronteiras onde as normas se invertem e as barreiras se rompem, e o homem entra em comunhão com os deuses, vivendo a experiência da morte e o renascer de uma nova vida (2002, p.21-24).

Estas criaturas eram em geral retratadas em histórias mitológicas e poemas épicos onde desempenhavam papéis importantes nessas narrativas.

Aston (2014, p.448) expõe alguns exemplos destas divindades com características animais, a sua descrição, bem como os locais onde a sua adoração era realizada. Como exemplo, o autor apresenta-nos o caso de Achelus, uma divindade de um rio, que apresenta um touro com uma cara humana, com o seu culto a remontar à Acarnânia, na Grécia; Chiron, um centauro, figura que apresenta uma parte superior do seu corpo humana, mas uma parte inferior de cavalo, sendo o seu culto era realizado na Tessália, Grécia; por último, as Sereias, divindades que apresentavam um corpo de pássaro, mas uma cabeça humana, sendo o seu culto realizado no Sul de Itália. Todas estas divindades

são representadas em grande escala, durante vários séculos e em várias regiões do Mundo Clássico.

São seres que habitam em regiões limítrofes, em espaços anti-humanos, em paisagens agrestes como montanhas incivilizadas, abismos marítimos, ilhas localizadas no fim do mundo, ou em espaços de morte, como os labirintos, ou nos reinos intermédios – a terra e o éter; a terra e o mar (Bonet e Riaza, 2002, p.24-25).

São adversários dos homens, como o caso do Minotauro ou Quimera, mas também aliados. Dado a sua natureza, eram uma espécie de intermediários entre os diversos reinos do Cosmo, entidades que possuem a capacidade de circular entre mundos; protegem os túmulos e facilitam a viagem para o além, onde têm o papel de guias ou de veículo, como os Grifos, viagem essa feita através do ar, ou pelo mar como é o caso do Hipocampo.

Seres com saber imenso e profético, guardam segredos dos homens e conhecem os caminhos que conduzem à vida e à morte; seduzem as suas vítimas, como as Sereias, de uma forma erótica, mas com o fim de gerar uma nova vida; outros têm uma natureza selvagem e extravagante como os centauros, seres contra modelo e subversivos, todos criaturas fantásticas e que estiveram presentes durante séculos na religião e nos mitos do espaço mediterrânico, onde durante este tempo foram adotados, transformados e enriquecidos com novas formas que enriqueceram o universo religioso (*Ibid*, p.25).



Figura 5: Representação de uma sereia (Ficha nº53). Fonte: Maia (1997)

Aston (2014, p.448) refere que estas divindades híbridas ocupam uma posição com enorme significado na religião do Mundo Clássico, mas o Hibridismo não era a única forma de a combinação entre animais e divindades. As outras formas seriam através de metamorfoses entre formas antropomórficas e teriomórficas, sendo esta forma comum nos mitos dos Deuses, e a outra seria através do hibridismo e metamorfoses, exemplos que se encontram presentes na literatura e na arte da época.

O grande problema no estudo destas divindades, de acordo com o autor (*Ibid*, p.450) é a falta de padrões e de regras que levam a que as suas interpretações não sejam compreendidas universalmente, apesar de estas serem possíveis embora, de uma forma muito vaga para caracterizar uma divindade. Por exemplo, os touros e as aves, a morte e o luto representam uma situação típica, onde é possível detetar elementos com significado simbólico relevante para o caso em questão, não significa que estejamos na presença de uma regra invariável, pois os diferentes contextos em que se inserem é que irá ditar o uso e o significado da representação animal (*Ibid*, p.452).

É também referido que os limites entre o Homem e os animais estavam a ser constantemente explorados e testados nos mitos criados, sendo uma das formas desta exploração através de alguma forma de besta ou de metamorfoses. As metamorfoses em especial nos mitos, revelam um nível de tensão e de ansiedade na transformação do Homem para a sua forma animal.

Os animais híbridos, para além de se encontrarem relacionados intrinsecamente com a metamorfose, também se encontram ligados ao mundo dos monstros e à monstruosidade. A monstruosidade, pode tomar várias formas, desde tamanhos extremos à profusão antinatural de partes do corpo humano (*Ibid*, p.455-456).

O espaço divino, espaço de alteração extrema fica também, definido com a presença destes seres que atuam como guardiães protetores, mensageiros, companheiros, seguidores e servidores, elos de comunicação entre o espaço humano e o espaço divino. (Bonet e Ríaza, 2002, p.24).

O culto a estes seres normalmente, segundo Aston (2014, p.463), era realizado na sua grande maioria em cavernas ou grutas, mas no caso do culto a seres que representavam os oceanos, a sua adoração acontecia em santuários que se encontravam na costa.

No Mundo Romano, não existe uma evidência clara de cultos específicos dedicados aos animais híbridos, no entanto, a mitologia romana continha várias referências a criaturas

míticas, algumas das quais eram combinações de diferentes partes de animais, sendo, por isso, consideradas como parte integrante do reino mitológico, mas não possuindo um culto direto.

Sendo um povo religioso e politeísta, que adorava uma ampla gama de deuses e deusas, os romanos acreditavam que estas divindades poderiam assumir diferentes formas e manifestações, incluindo a forma de animais, e dado a valorização que davam à natureza acreditavam na presença divina em todas as coisas.

2.2.4. Animais no desporto

No que diz respeito ao desporto no Mundo Romano, a principal atração eram as corridas de cavalos, eventos realizados em arenas monumentais, com cerca de 450 metros de comprimento e 80 metros de largura (Bell e Willekes, 2014, p.591).

Estas corridas eram divididas em duas categorias, as de dois cavalos, ou bigas, e as de quatro cavalos, ou quadrigas, e em cada uma destas corridas participavam doze competidores.

Durante estes eventos, os condutores destas carroças conduziam o mais perto das barreiras, de forma a diminuir o caminho a percorrer, o que mostra que existia uma estratégia delineada e planeada pelos condutores, para fazer face às incidências da corrida. Outras estratégias eram a de se colocar em frente a outros condutores, bater nas outras carroças, o que mostra a dureza e violência com que se realizava estas competições nas quais, muitas vezes, se utilizava todos os meios possíveis para se ganhar.



Figura 6: Representação de corridas quadrigas (Ficha nº16). Fonte: Maia (1997)

Estes eventos, segundo os autores (*Ibid*, p.593) ocorriam por sessenta e seis vezes durante um ano, e em cada um destes eventos, havia cerca de vinte e quatro corridas

por dia. Isto mostra a importância que estes tinham na sociedade Romana, mas também mostra que estes grandes eventos exigiam o suporte de estruturas complexas, de uma logística bem preparada, bem como suporte enorme a nível financeiro na sua organização, pelo que implicava a existência de investidores com capacidade para fazer frente aos enormes custos que a organização destes eventos exigia.

O autor refere também que a organização e financiamento destes eventos recaía sobre quatro equipas, conhecidas por fações, que eram distinguidas pelas suas cores: azul; verde; vermelho; e branco. Estas fações tinham um grande número de funcionários, que eram supervisionadas pelo *dominus factionis*, e nestas equipas também existiam treinadores, veterinários, cuidadores dos cavalos e técnicos. Porém, as figuras de maior importância são os próprios cavalos e os condutores, sendo estes classificados de acordo com a sua experiência na participação nestes eventos.

Estes eventos apesar de apresentar mais prestígio do que outros praticados na arena, como é o caso das lutas de gladiadores, eram, na sua grande maioria, realizadas por condutores profissionais, que eram provenientes de classes sociais baixas. Normalmente, eram escravos que tentavam adquirir a sua independência através de vitórias nestes eventos, libertos que seriam contratados para participar, ou estrangeiros, que neste caso específico eram na sua maioria de origem grega (*Ibid*, p.594).

Os cavalos utilizados nestas corridas tinham de realizar treinos muito intensos para se encontrarem na melhor forma física na altura da corrida, podendo alguns destes animais conseguir participar nestas corridas até aos seus vinte anos de idade. O seu fervor ou coragem e o seu ritmo era algo muito importante para se ter o melhor desempenho.

Os nomes que eram dados a estes animais encontram-se divididos em seis categorias diferentes tais como: capacidades físicas, técnica, rapidez, força e agilidade; aparência, quer seja a cor ou marcas que apresente e o seu aspeto e tamanho; das suas origens; expectativas que os espectadores têm para com o animal; o seu comportamento; e por último, as expressões que este apresenta em relação ao afeto que tem para com o condutor e o público (*Ibid*, p.596).

Estes animais apesar do treino árduo que tinham de realizar e, ao contrário dos animais que participavam em outros tipos de eventos de arena, a referir no próximo subcapítulo,

eram animais muito bem tratados adorados pelos espectadores, o que não acontecia nos outros eventos realizados em arena com animais.

2.2.5. Animais de arena

Este subcapítulo aborda a utilização dos animais de arena, e a forma como estes eram usados como entretenimento das massas. Estes espetáculos aconteciam com grande frequência no Mundo Romano, dado a sua popularidade, o que contrasta com a visão dos dias de hoje, onde estes espetáculos são vistos como espetáculos sanguinários e bárbaros. Por exemplo com as touradas, devido ao grande impacto que os movimentos contra a violência animal têm atualmente.

Shelton (2014, p.565-566) comenta que “a simples habilidade de se conseguir subjugar ou exterminar animais é um testemunho da evolução da civilização, e uma prova de que os humanos são seres únicos no diz respeito à posse da razão e da sua capacidade de conter os impulsos animais dentro de cada um. Estes espetáculos que mostram o tormento ou a matança de animais confirma a superioridade do Homem sobre a natureza”².

No caso específico do Império Romano, foi neste período que as realizações destes espetáculos atingiram um crescimento exponencial e adquiriram um papel de grande relevo no quotidiano da sociedade romana. No Anfiteatro Flaviano, que mais tarde seria o Coliseu, no ano de 80 d.C., cerca de nove mil animais, entre espécies indígenas e exóticas, carnívoros e herbívoros, como por exemplo elefantes ou avestruzes, foram sendo mortos ao longo de cem dias de jogos. Outro exemplo ocorre no reinado do Imperador Trajano que, em 107 d.C., para celebrar uma vitória militar, realizou durante cento e vinte dias espetáculos e jogos, onde foram mortos onze mil animais (*Ibid*, p.571). Kyle (1998, p.187) e Hopkins (2011, p.40), referem exatamente os mesmos números de animais que foram usados como espetáculos na inauguração do Coliseu em 80 d.C. e mais tarde em 107 d.C., o que mostra que este vasto número de animais utilizados é provavelmente o mais certo e o mais próximo da realidade.

Shelton (2014, p.571) refere que “... os Romanos consideram que a civilização era o triunfo da racionalidade humana sobre o caos da Natureza”. Esta ideia deve-se ao facto de, para as sociedades da época, as exibições de animais a matar outros animais dava a ideia de violência ou de raiva que não podia ser controlada no mundo animal, enquanto,

² Tradução do autor

quando o Homem realizava estes atos de matar animais, era visto como uma representação da construção de um local seguro e que levava a um pensamento conjunto de superioridade e fortuna relativamente ao mundo animal.

Outra forma de entretenimento era a matança de humanos por parte de animais, sendo que na sua maioria, estes humanos eram criminosos ou prisioneiros de guerra, ou seja, pessoas que a comunidade rejeitou e expulsou do seu seio. Esta forma de entretenimento era realizada, segundo o autor (*Ibid*, p.571) porque à altura, a sociedade justificava o seu emprego nestas lutas porque “... estas pessoas escolheram agir como bestas irracionais, e por isso têm que ser tratados como tal”.

Os primeiros eventos realizados no Mundo Romano, ocorreram nas áreas rurais, para proteger as colheitas e os suprimentos alimentares. As comunidades agrícolas nos seus festivais anuais celebravam o seu sucesso agrícola e sacrificaram estes animais, para desta forma agradecer aos deuses a proteção dada às colheitas e ao alimento.

Com o passar dos tempos, estes eventos passaram a ser realizados em arenas, como o Coliseu, para desta forma apelar às massas. Os espectadores que assistiam a estes eventos, por vezes, podiam participar, mas o grande problema é que a grande maioria não gostava nem tinha prazer em matar animais, gostavam sim era de observar o seu sofrimento e agonia, algo que nos festivais rurais, ou em caças privadas não acontecia. Esta era uma atividade praticada na sua grande maioria apenas por homens pertencentes às de classes sociais baixas, mas que eram sujeitos a treino para apresentarem a técnica necessária para a participação nos combates.

Nestes eventos encontravam-se muitos animais exóticos, algo completamente novo e desconhecido à maior parte do povo do Império Romano, como por exemplo, elefantes, leões, leopardos, crocodilos e hipopótamos. Para o autor (*Ibid*, p.575) a exibição de animais como elefantes, para além de uma forma de entretenimento, também servia para recriar as vitórias militares de Roma, já que os elefantes também eram utilizados como uma poderosa arma de guerra, como aconteceu nas Guerras Púnicas onde foi utilizado em grande escala pelos exércitos Cartagineses. Assim, as arenas surgem como ponto fulcral para a difusão das vitórias militares que Roma obtinha, pois, estes recintos eram por excelência locais importantes para a celebração destas vitórias.



Figura 7: Representação de um elefante. Fonte: <https://www.invaluable.com/auction-lot/rare-roman-terracotta-oil-lamp-with-alexander-the-120-c-18b4f218ee> Data de acesso: 12/09/2024

Os animais eram transportados de terras que se encontravam perto de um porto, já que a grande maioria chegava por via marítima, seguindo depois para áreas que eram menos densamente povoadas, onde eram mantidos em currais, para mais tarde os vendedores os apresentar a agentes e promotores dos espetáculos que os poderiam comprar ou não.

Estes animais seriam transportados em jaulas nos navios, e nas viagens terrestres até às arenas. O grande problema é que muitos destes morriam nestas viagens, devido às condições miseráveis a que estavam sujeitos, ou devido a lesões que iam sofrendo. Estas condições também poderiam significar que quando estes animais sobreviviam a estas viagens, chegavam às arenas em condições muito más, o que iria complicar o seu desempenho nos eventos. Mesmo que se encontrassem em más condições, quando estes chegavam a Roma, como não existia local para a sua acomodação, todos os animais eram empregues na arena acabando, assim por serem mortos de uma forma ou de outra.

Para o autor (*Ibid*, p.582) “o simples facto de os líderes Romanos trazerem vastos números de animais para a cidade, dos vários cantos do Império simplesmente para os destruir, era uma verificação que o estado Romano era poderoso e próspero, e que os seus líderes se importavam com a felicidade dos seus compatriotas”.

Estes animais eram empregues especialmente em lutas entre si, ou contra gladiadores. Existiam mesmo gladiadores especializados neste tipo de luta, os *Bestiarii*, gladiadores treinados e experimentados na utilização de lanças, redes e espadas para enfrentar e matar estes animais selvagens.

3. A crono-tipologia das lucernas de Santa Bárbara de Padrões

Santa Bárbara de Padrões é o lar do maior número de lucernas até à data conhecida na Península Ibérica. As lucernas que se encontram no Museu da Lucerna, em Castro Verde, apresentam uma grande diversidade, cerca de vinte mil na sua totalidade como referimos, estas consistem em duas categorias: exemplares de volutas e de disco, abrangendo distintos tipos e variantes.

Neste estudo utilizei o critério adotado por Ángel Morillo Cerdán por ser aquele que melhor permite a sua classificação e contextualização crono-tipológica.

Segundo Faria (2020, p.50) “os contatos entre as diferentes regiões que compunham o Império Romano ocorreram de forma intensa durante a antiguidade, e este fator pode ser evidenciado através das marcas de oleiro presentes nas lucernas componentes da coleção do Museu da Lucerna”.

Como já aludimos, as lucernas tinham como principal função a iluminação, através da combustão de combustível líquido, em particular o azeite de pior qualidade. Neste sentido “... a presença de muitas lucernas numa região é conotada com a existência de excedentes na sua produção ou importação” (Maia, 1997, p.24).

Como referiu Manuel Maia (1997), as lucernas de Santa Bárbara enquadram-se em contextos votivos. Estas eram oferecidas pelos peregrinos como oferendas, como cumprimento de uma promessa ou de simples veneração aos deuses (Calado, 2012, p.44-45).

Não surpreende assim que um grande número de lucernas de Santa Bárbara esteja decorada com representações da mitologia e de carácter astral, em detrimento de outras decorações (*Ibid*, p.48).

3.1. Enquadramento geográfico e arqueológico

Santa Bárbara de Padrões, situa-se numa pequena freguesia situada no concelho de Castro Verde, em Beja. Esta freguesia tem uma área de 66,3 km² e uma população com 1271 habitantes (Município de Castro Verde) (**Fig.8**).

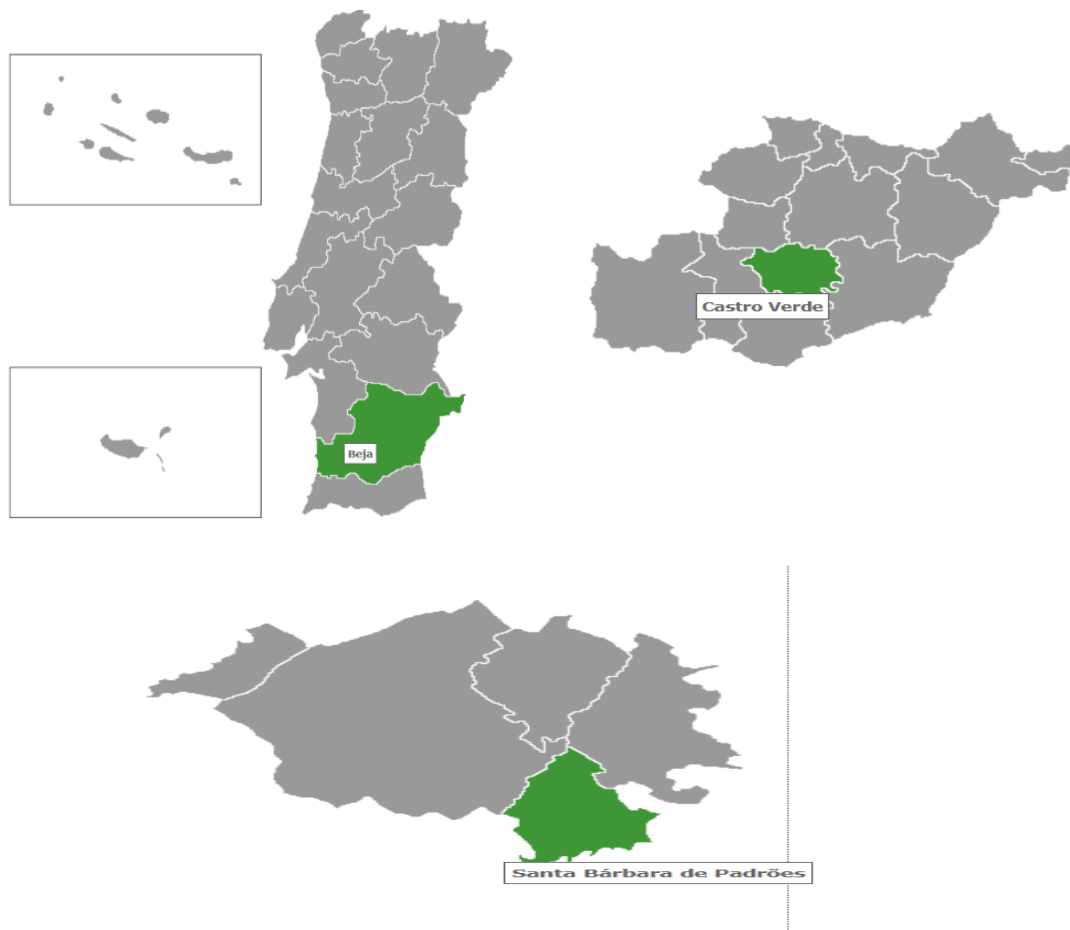


Figura 8: Localização de Santa Bárbara de Padrões, a nível nacional (1:140km), distrital (1:10km), e municipal (1:5km), respetivamente (Autoria Própria)

A região de Castro Verde é muito marcada pela forte presença de comunidades humanas, desde há cerca de 3000 anos, que tinham na exploração mineira e na pastorícia as suas grandes atividades.

Atualmente é uma região dependente da agricultura e da pecuária, apesar do gradual abandono destas atividades. O desenvolvimento industrial e de serviços ainda é muito escasso (Faria, 2020, p.58).

Do ponto de vista orográfico esta região é caracterizada pelo grande número de planícies, bem como montanhas de baixa altitude. Neste sentido Santa Bárbara de Padrões situa-

se numa zona “...mais acidentada que o restante do concelho, mas ainda possui uma paisagem pouco acidentada e de baixo relevo” (*Ibid*, p.58).

A quota mais baixa corresponde a 110 metros de altitude e a mais elevada é de 228 metros de altitude, e os valores de declive apresentam variáveis entre 0% e 2%. Do ponto de vista hidrográfico, o concelho possui vários cursos de água (8 ribeiras) e a precipitação média anual atinge valores médios próximos dos 500 mm para uma temperatura média anual que varia entre os 15,5º e os 16ºC com a temperatura máxima a atingir os 43ºC nos meses mais quentes.

Esta freguesia está também ligada ao setor extrativo graças à localização das Minas de Neves-Corvo, que permite uma extração dos recursos do subsolo. A ligação da região ao mundo do mediterrânico deriva desta riqueza metalífera, registada por inúmeros autores, já que o concelho é atravessado pela Faixa Piritosa Ibérica, com destaque para a formação de ocorrências metálicas de fácil exploração, como o cobre, prata, estanho e ouro.

Os achados arqueológicos da região de Neves-Corvo, provam que estas riquezas já eram conhecidas pelos povos mediterrâneos ainda antes da chegada dos romanos. A chegada destes últimos, originou uma multiplicação das vias de comunicação, datadas dos séculos II a I a.C., e estão ligadas essencialmente a edificações para armazenamento dos minerais extraídos das mesmas³.

A proximidade do porto fluvial de Mértola teria certamente facilitado, a arrecadação de receitas imperiais, tornando a região amplamente romanizada. O carácter sagrado do local em época romana parece ter-se espelhado em épocas posteriores, até aos dias de hoje.

Sendo um concelho eminentemente rural, onde o sagrado tem uma presença imemorial, possui inúmeros templos que se distribuem, marcam e caracterizam a região: ermidas, capelas, igrejas e pequenos templos que se distribuem pelo território e se refletem nas tradições religiosas, culturais.

Dentro do património edificado destaca-se a Basílica Real de Nossa Senhora da Conceição, igreja mandada contruir por D. Sebastião, no local de um templo pré-existente dedicado a Santa Maria, não se sabendo ao certo a data da sua edificação.

³ Câmara Municipal de Castro Verde. Consultado em 22 de Dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.cm-castroverde.pt/>.

A ocupação romana desta região remonta, pelo menos, aos meados do século II a.C., tendo sido documentados “castelas”, necrópoles, santuários e acampamentos militares. Os estudos mais antigos remontam a 1897, a cargo de José Leite de Vasconcelos, que identificou parte de uma antiga cidade romana. Mais recentemente, outras intervenções arqueológicas comprovaram a importância da ocupação romana na região, em particular aquelas realizadas por Manuel Maia, em 1983, 1994, 2008 e 2013. A intervenção mais importante foi a que decorreu em 1994, como resultado da expansão do cemitério de Santa Bárbara de Padrões, colocando a descoberta a “Vala das Lucernas”, um depósito votivo onde se exumaram, como já mencionámos, cerca de 20 mil lucernas (Maia, 1997, p.14-16).

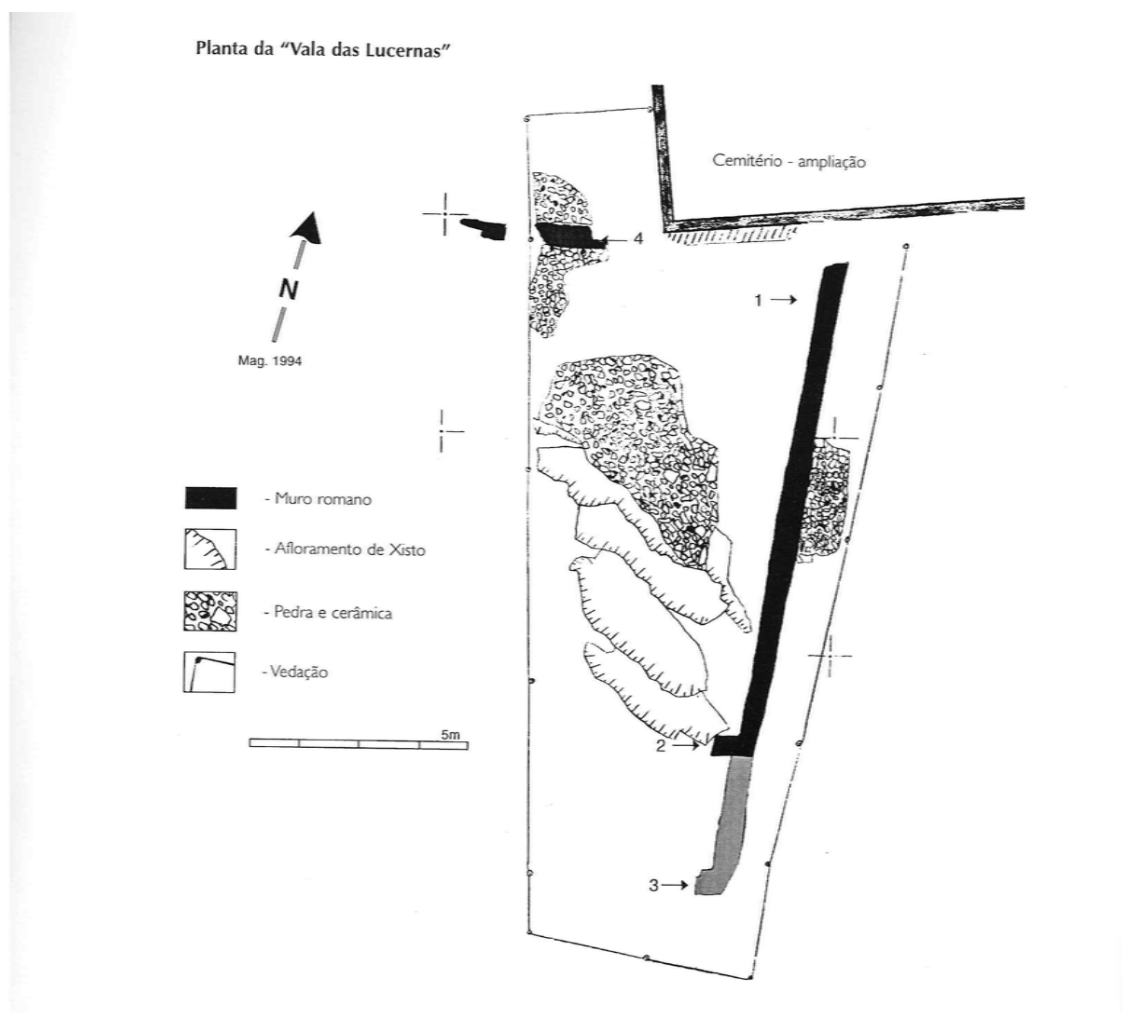


Figura 9: Planta da “Vala das Lucernas”, das camadas 1 a 4, em Santa Bárbara de Padrões (Maia, 1997, p.15)

De acordo com os dados arqueológicos foi possível constatar que estamos perante um santuário votivo, situado no alto de uma colina, num lugar de culto, cuja devoção era expressa através da oferta de luz votiva por parte dos fiéis.

As estruturas sobreviventes estão representadas por uma favissa (recinto sagrado) e três tanques (provavelmente usados em atos de ablução) e um depósito votivo secundário do santuário (*Ibid*, p.15-19).

No que diz respeito à estratigrafia, é na 3.^a camada que se encontra a cobertura do depósito.

A 4.^a camada, possuía uma espessura que não ultrapassa os 15 cm, e era composta por terra escura e húmida e branda, na qual se encontraram uma grande quantidade de lucernas. Nesta camada as deposições de lucernas do século III (depositadas sobre as do século II), estarem quebradas, ao que tudo indica propositadamente, o que poderá indicar uma espécie de ritual (*Ibid*, p.80).

A 5.^a camada possuía uma espessura que variava entre os 15 cm e os 30cm. Esta era constituída por muitos carvões, cinzas e esquirolas ósseas, e foi nesta camada que se descobriu a maior parte das lucernas inteiras. Foram também encontrados fragmentos de vidro e denários da época Antonina. Nesta camada as deposições foram prejudicialmente distribuídas de modo circular, com o intuito de se poupar espaço.



Figura 10: Planta da 5ª camada da “Vala das Lucernas”, em Santa Bárbara de Padrões (Maia, 1997, p.17)

A 6.ª camada era constituída por pedras e fragmentos rolados de cerâmica romana grosseira, tudo isto misturado com terra negra e húmida. Trata-se de uma camada dura, com 20 cm de espessura e que foi interpretado como um pavimento pouco cuidado e sobre o qual foram feitas as deposições.

A 7.ª camada era constituída por terra castanho-escura, praticamente sem espólio e que preenchia as irregularidades da rocha sobre a qual assentava (*Ibid*, p. 18).

Relativamente às deposições que se encontravam a 10 metros do muro sul, da zona nova do cemitério, estas, em vez de se cingirem aos 0,8-1 metros, mais próximos da parede estendem-se numa área mais alargada, área onde a rocha natural faz um declive acentuado e que ficou completamente cheio com o depósito votivo (*Ibid*, p.,18).

As três primeiras camadas, são idênticas às anteriormente descritas. A 4.ª camada era mais espessa e incluía pedras com um volume maior, fragmentos grande de *tegulae*, juntas com ímbrices quase inteiros e grandes pedaços de ânfora e *dolia*, que serviam de base às deposições do século III; na 5.ª camada, com terra negra, cinzas, carvões e

fragmentos ósseos de animais foram encontradas grandes quantidades de lucernas datadas dos finais do século I e século II, a 6.ª camada era constituída por blocos de pedras e, entre as fendas, foram encontradas lucernas com as mesmas cronologias das camadas superiores. O tipo de lucernas recolhidas nesta camada são assim da 5.ª camada; as da 7.ª camada apontam para uma deposição realizada nos finais do século I (*Ibid*, p. 18-19).

Enquanto as deposições do século I e II seguiam a parede Este do recinto, as deposições do século III prolongaram-se para poente; a 4.ª camada estava completamente preenchida por fragmentos de pequenas lucernas, vidros e agulhas de osso.

3.2. Metodologia e objetivos

Do vasto conjunto de lucernas do santuário votivo de Santa Bárbara, como vimos com cerca de 20 mil lucernas, selecionámos aquelas decoradas com motivos de animais. Como já mencionámos, estas estão representadas por cerca de 113 exemplares pertencentes a lucernas de volutas e de disco. Trata-se, portanto, de um conjunto minoritário, mas ainda assim ilustrativo da importância deste tipo de representações em contextos de santuário.

Para além da classificação crono-tipológica, consideramos a análise iconográfica e seu significado.

Numa primeira fase da análise fizemos uma seleção a partir do conjunto de lucernas, conservadas no Museu da Lucerna, em Castro Verde.

Após a separação das lucernas a estudar procedemos ao seu registo fotográfico e elaboramos uma ficha-tipo para cada uma delas no programa Microsoft Excel, tendo considerado os seguintes campos: número de inventário; ano; forma; tipo; marca; decoração; tipo de decoração; medidas (comprimento, altura, diâmetro máximo, largura da asa); breve descrição; observações.

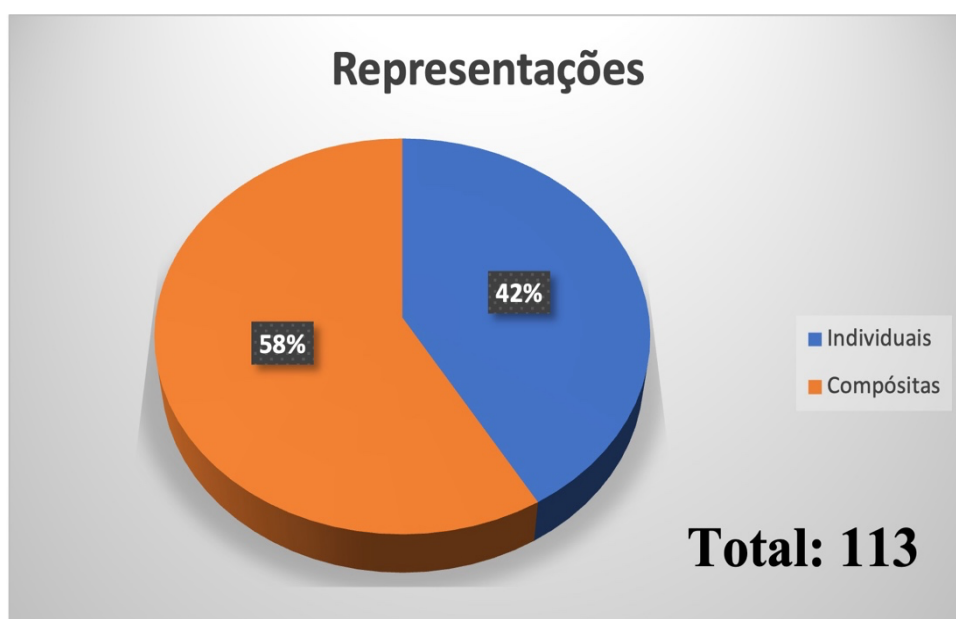
Por fim, como análise complementar recolheu-se os desenhos de algumas das lucernas deste conjunto, realizadas por Manuel Maia (1997).

3.3. Crono-tipologia

Um dos dados mais importantes para o estudo de lucernas é a sua definição crono-tipológica.

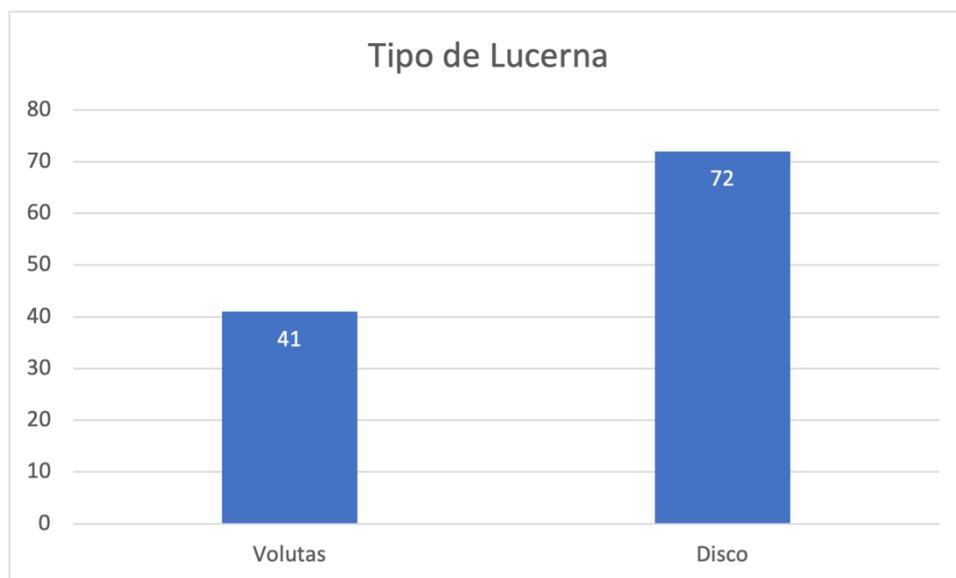
Como já se mencionou, seguimos os critérios adotados por Ángel Morillo Cerdán (1999) permitindo uma síntese criteriosa das distintas tipologias existentes adotando aquela que melhor define cada tipo e respetiva cronologia.

Da mais de uma centena de lucernas estudadas que estão ilustradas com temas de animais, estando a maior parte integralmente conservadas. Como se vê no **Histograma 1** e **2** grande maioria, 66 lucernas (cerca de 58% do conjunto) apresentam cenas compósitas de animais e divindades, as restantes 47 lucernas (cerca de 42% do conjunto) ilustram animais isoladamente.

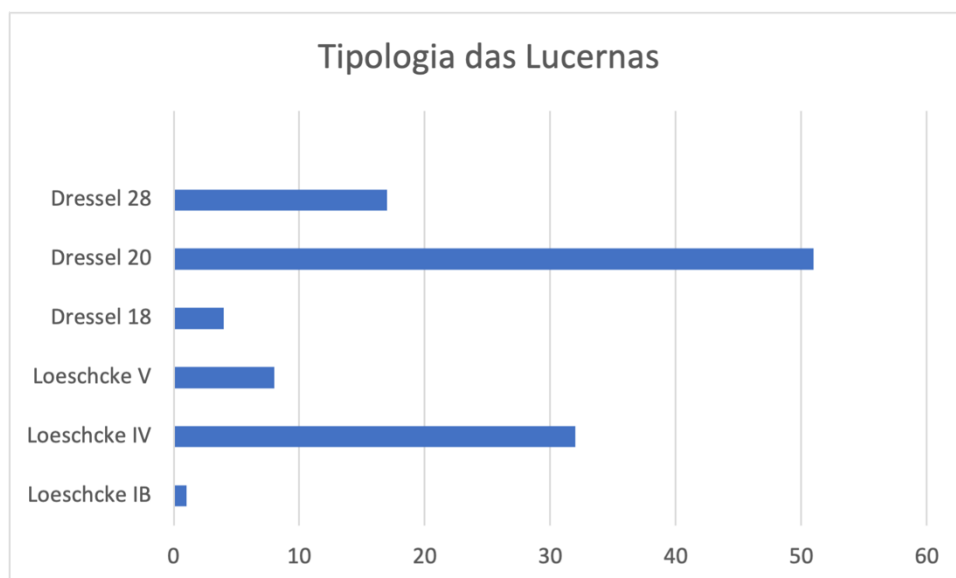


Histograma 1: Representações e contabilização das lucernas

Como se observa nos **Histogramas 2** e **3**, predominam as lucernas de disco, com 72 exemplares, relativamente às de volutas, com 41 exemplares. As primeiras estão representadas por um exemplar do tipo Loeschcke IB, 32 exemplares do tipo Loeschcke IV e 8 do tipo Loeschcke V. As lucernas de disco enquadram-se no tipo Dressel 18, com 4 lucernas, Dressel 20, com 51 exemplares, e Dressel 28, com 17 exemplares.



Histograma 2: Tipos de lucernas



Histograma 3: Tipologias das lucernas

A pequena diferença no número de lucernas de disco relativamente às lucernas de volutas, comprovam que, nesta região, estes dois tipos seriam as mais comuns.

A principal característica das lucernas de volutas, tal como o nome indica, é na presença de volutas nas extremidades do *rostrum* e um disco côncavo de maiores dimensões e, proporcionalmente, um depósito estreito (Morillo Cerdán, 1999, p.67).

As lucernas de disco adotam um corpo circular, com uma orla mais ampla e um disco mais reduzido.

3.3.1. Loeschcke IB

As lucernas de tipologia Loeschcke IB, possuem um *rostrum* triangular que se encontra rodeado por volutas, apresentando um tamanho superior à variante Loeschcke IA e um *rostrum* de maiores dimensões. Caraterizam-se ainda pela ausência de asa e uma orla estreita e horizontal, separada do disco da lucerna, e *rostrum* com volutas salientes, grossas e angulosas (Morillo Cerdán, 1999, p.72-76).

Na sua maioria estas lucernas apresentam um orifício de arejamento e um canal aberto que se encontrava delimitado por molduras entre o disco e o orifício de alimentação.

Mas uma das caraterísticas que melhor definem estas lucernas são as suas volutas que apresentam o mesmo diâmetro junto ao disco e no *rostrum*.

Do ponto de vista crono-tipológico estamos perante lucernas datadas entre o período de Tibério e o reinado de Cláudio. Embora o exemplar de Santa Bárbara seja de produção local/regional (**nº1**), a grande maioria dos exemplares encontrados no território atualmente português provém de oficinas centro-italicas, ainda que se conheçam outras produções no império de origem africana, gálica e, como o exemplo estudado, de origem hispânica. Normalmente estas produções distinguem-se pela sua qualidade técnica e artística e por pastas bem depuradas de tom amarelado, por vezes alaranjado (*Ibid*, p. 72).

O nosso exemplar carece de asa e apresenta no eixo vertical da lucerna o orifício de alimentação. Possui um fundo plano e ligeiramente côncavo no centro e sem marca de oleiro. Aparenta ter marcas de combustão, o que demonstra o seu uso. O disco está decorado com o tema do rapto de Europa.

3.3.2. Loeschcke IV

As lucernas Loeschcke IV apresentam um orifício de alimentação mais arredondado e, normalmente, não possuem asa. Ao contrário dos tipos que a antecedem as outras não sobressaem do corpo da lucerna e apresentam um disco côncavo, rodeado por molduras, com aba estreita e horizontal.

O *rostrum* é mais reduzido que as dos tipos anteriores e as volutas são mais pequenas e compactas. A orla é também mais simplificada.

Encontram-se bem difundidas em todo o ocidente do império romano, em particular aquelas de produção centro-italica que apresentam uma parte fina, bem depurada e tons que variam entre o laranja e o amarelo, e engobes que variam entre tons avermelhados, acastanhados e alaranjados, com reflexos metálicos (Morillo Cerdán, 1999, p.91).

A. Morillo (1999, p.91) refere que esta tipologia apresenta pastas que são finas e muito bem depuradas e que apresentam tons que variam entre o laranja e o amarelo, e engobes que variam entre tons avermelhados, acastanhados e alaranjados, com reflexos metálicos por vezes.

Os 32 exemplares documentados em Santa Bárbara (**nº2-33**) são de fabrico local/regional. Esta é a segunda tipologia mais representada das lucernas de volutas. Estas lucernas enquadram-se cronologicamente no período do reinado de Augusto e o início do século II, e teve o auge no século I, especialmente no segundo e terceiro quartel deste século.

Dos 33 exemplares, 14 estão completas e 17 fragmentadas. As dimensões variam entre os 9 e os 11 cm. Os diâmetros máximos destas lucernas variam entre os 6 e os 7,7 cm e a altura entre os 1,6 e os 2,9 cm.

Deste conjunto, apenas 1 exemplar possui asa, com uma largura de 2,2 cm e uma altura de 3,8 cm. Apenas 12 apresentam marcas: GABINIA 3 exemplares; PVF/PVF 4 exemplares; C.OPPI.RES. 4 exemplares; SL 1 exemplar; e C.CORNEL.VRS 1 exemplar.

A iconografia é variada: 1 exemplares ilustrado com golfinho isolado; 3 com representação de uma pavoia com as suas crias; 6 com cavalo; 2 com camelo; 1 com uma cegonha; 1 com dois galos; 1 com urso; 1 com uma águia. A estas acrescem aquelas

referentes aos jogos, nomeadamente 2 com a representação de bigas, 2 com quadrigas, 2 representações de *Venatio* (um leão a derrubar um burro), e referentes a divindades, 3 com Eros, 2 com Mercúrio, 2 com Júpiter, 2 com um pégaso acresce ainda uma outra com a representação de Sátiro.

3.3.3. Loeschcke V

As lucernas Loeschcke V possuem um corpo alongado e um *rostrum* de forma arredondada com volutas redondas e um pequeno círculo impresso.

A orla é larga e com perfil inclinado para fora, por vezes adornada com motivos ovalados e/ou ou pérolas, os discos, côncavos e com dimensões mais reduzidas, apresentavam uma decoração com uma ou mais molduras (Morillo Cerdán, 1999, p.92).

Estas lucernas tiveram uma larga difusão em todo o Mediterrâneo oriental e têm uma origem centro-italica apresentando pastas bem depuradas, de cor amarelado (*Ibid*, p.92-93). Do ponto de vista cronológico estas lucernas estão presentes desde os finais do reinado de Cláudio e início do século II, com um auge de produção entre 75/80 do reinado de Adriano.

Os 8 exemplares identificados em Santa Bárbara (nº34-41) são de produção local/regional e apenas 3 se encontram intactas. As suas dimensões variam entre 8,2 cm e os 11,2 cm de comprimento, os 6 cm e os 7,3 cm de diâmetro máximo, e 1,9 cm e 2,5 cm de altura.

Apenas 4 exemplares não apresentam asa e as que possuem variam entre os 2 cm e os 2,4 cm de largura. A altura pode variar entre os 2,8 cm e os 3,4 cm.

Deste conjunto apenas 4 lucernas apresentam marcas: C.OPPI.RES com apenas 1 exemplar; PVF/PVF também com apenas 1 exemplar; e GABINIA com 2 exemplares.

Do ponto de vista da decoração, estes exemplares repartem-se pelas seguintes ilustrações de animais: duas com representações de cabras e uma com a representação de um peixe e cavalo, respetivamente, e da divindade máxima do Olimpo, 2 representações de Júpiter e uma de Júpiter-Amon e de Manes.

3.3.4. Dressel 18

As lucernas do tipo Dressel 18 apresentam um corpo circular, um disco côncavo separado da orla (larga e inclinada para o exterior) por uma ou duas molduras; o *rostrum* é mais curto e mais arredondado do que os tipos de volutas mencionadas anteriormente e está delimitado por uma linha curva. O corpo da lucerna está bem diferenciado do *rostrum*.

Como nos tipos anteriores estas lucernas foram manufaturadas/produzidas na região centro-italica, entre a segunda metade do século I e os finais do século II/início do século III.

Em Santa Bárbara temos 4 exemplares de fabrico local/regional (nº42-45) estando apenas duas completas tratando-se de exemplares fabricados a partir da técnica de sobremoldagem, apresentam: um comprimento que varia entre 9,3 e 10,4 cm, um diâmetro máximo entre 7,2 cm e 8,2 cm, e uma altura entre 1,7 cm e 2,3 cm. Todos os exemplares possuem asas que variam entre 1,8 cm e 2,4 cm e possuem uma altura que varia entre 2,4 cm e 2,9 cm. Nenhuma delas possui marcas de oleiro e todas têm o disco decorado com a cabeça de Medusa com serpentes nos cabelos.

3.3.5. Dressel 20

As lucernas do tipo Dressel 20 têm um corpo circular, de secção troncocónica, e uma orla larga e inclinada para o exterior.

Possuem um disco côncavo, normalmente decorado, demarcado por duas a três molduras. O *rostrum* é curto e arredondado, embora a separação em relação ao corpo apresenta características peculiares muito bem definidas, nomeadamente a presença de uma linha reta, com dois traços oblíquos nas extremidades assinalados por um ponto nos vértices (Morillo Cerdán, 1999, p.116).

Na sua grande maioria os exemplares Dressel 20 apresentam uma asa sobre-elevada e perfurada (incluída no molde), e possuem marcas de oleiros preferencialmente nomes abreviados através de tria nomina, como nos exemplares aqui estudados. São as formas mais abundantes em Santa Bárbara aquelas que apresentam o maior nível de perfeição artística de todas as tipologias de lucernas de disco.

Do ponto de vista cronológico estas lucernas datam do período Flávio e a primeira metade do século II. Como nos casos anteriormente citados estas lucernas foram largamente produzidas na região centro-italica, embora se conheçam outras áreas produtoras, como o norte de África Proconsular e noutras áreas do império, incluindo na Hispânia (*Ibid*, p.117).

Os exemplares de Santa Bárbara são de produção local/regional e neste estudo estão maioritariamente representadas com 51 exemplares (nº 46-96).

As lucernas apresentam um comprimento que varia entre os 6 cm e os 10,8 cm, um diâmetro máximo entre 6 cm e 7,9 cm e uma altura entre 1,5 cm e 2,6 cm. Deste conjunto apenas 20 exemplares estão desprovidos de asas; quando presentes as asas variam entre 1,9 cm e 3,5 cm de largura e 2,3 cm e 3,5 cm de altura.

Igualmente, apenas 16 apresentam marcas no fundo externo: 3 exemplares com a marca IVNIALEXI e Q.IVNI.SIC, 2 exemplares com a marca CATILIVES, 4 exemplares com a marca GABINIA, 1 exemplar com as marcas NVN DINI e NNAELVCI, 1 exemplar com letras isoladas, D e I.

Do ponto de vista iconográfico as temáticas com animais são muito variáveis, que aqui se enumeram por ordem de grandeza: Manes (12 exemplares), pavões (9 exemplares,

respetivamente), pombos (5 exemplares), cães e lebres e lebres isoladamente (4 exemplares, respetivamente), galos (3 exemplares), pavão com as suas crias (2 exemplares), carneiro, escorpião, urso, cão e corça (1 exemplar, respetivamente).

A estas acrescentam animais da mitologia, designadamente grifos e sereias (2 exemplares, respetivamente) e o tema de Hércules segurando uma serpente (2 exemplares).

3.3.6. Dressel 28

As lucernas Dressel 28 têm um corpo circular, com uma orla larga e inclinada para o exterior, geralmente decoradas com desenhos geométricos ou vegetais, normalmente grinaldas, linhas de pérolas, ramos e cachos de videiras. O disco está separado da orla por uma moldura e o *rostrum* é curto e arredondado assinalado por dois traços curvilíneos que lhe conferem um formato de coração.

Apresentam por norma uma asa perfurada e uma base plana. Sendo frequente a presença de marcas de oleiro (Morillo Cerdán, 1999, p.119-120). Este tipo de lucernas foram fabricadas entre a segunda metade do século II e o século III, e à semelhança da anterior foi produzida na região centro-italica, e norte de África Proconsular, mas também noutras áreas do império, incluindo na Hispânia (Morillo Cerdán, 1999, p.120). Em Santa Bárbara foram identificados 17 exemplares (**nº 97-113**), todos de produção local/regional.

Estes exemplares apresentam um comprimento entre 6,7 e 10,3 cm, um diâmetro entre 3,4 cm e 7,8 cm e uma altura entre 1,6 e os 2,7 cm. Deste conjunto apenas 7 exemplares estão desprovidos de asas; quando presentes as asas variam entre 2,2 cm e 3,5 cm de largura e 2,3 cm e 3,7 cm de altura. Deste conjunto apenas 2 lucernas apresentam marca: GABINIA, sendo que existe também uma marca de leitura impercetível.

Do ponto de vista da decoração, estes exemplares repartem-se pelas seguintes ilustrações de animais: 8 com a representação de um par de golfinhos, 3 com a representação de Manes, 2, respetivamente, de um cão e de um pégaso, e com apenas 1 exemplar, respetivamente, de um golfinho e de um Sileno.

3.4. Área de Produção

Como já tivemos oportunidade de observar as lucernas aqui estudadas são de produção local/regional. É possível que grande parte das lucernas do depósito votivo de Santa Bárbara possa ter uma origem comum na região, fazendo pressupor a existência de um ou mais centros produtores exclusivamente dedicados à produção de lucernas que seriam adquiridas e ofertadas pelos peregrinos que frequentavam de modo sistemático ou apenas de passagem este santuário votivo.

Como podemos demonstrar pelas características tipológicas, em particular as dimensões dos tipos recuperados, teria sido adotado a técnica da sobremoldagem. Como é conhecido, esta técnica foi bastante utilizada em época romana, copiando-se lucernas originais, a custos reduzidos e ganhando benefícios económicos (Pereira, 2008, p.20-21).

Estas cópias têm, naturalmente, uma dimensão mais reduzida e apresentam acabamentos de menor qualidade que os originais que replicam. A decoração também apresenta uma qualidade inferior e os engobes são de uma qualidade mais esbatida (Figura 11).

Não se trataria, no entanto, de caso único, pois são conhecidos vários centros produtores que usavam esta técnica da sobremoldagem, como no caso bem documentado de *Bracara Augusta* (Braga) (Morais, 2004).

Tipologias	Caraterísticas	Tamanhos (A. Morillo)	Tamanhos (Museu da Lucerna)
Loeschcke IB	Comprimento	9,4-10,5 cm	8,8cm
	Diâmetro Máximo	6,5-8,2cm	6,2cm
	Altura	3-3,5cm	2,6cm
Loeschcke IV	Comprimento	9,6-13,1cm	9-11cm
	Diâmetro Máximo	5cm	6-7,7cm
	Altura	2,2-3,1cm	1,6-2,9cm
Loeschcke V	Comprimento	Fragmentos	8,2-11,2cm
	Diâmetro Máximo	4-4,3cm	6-7,3cm
	Altura	Fragmentos	1,9-2,5cm
Dressel 18	Comprimento	7cm	9,3-10,4cm
	Diâmetro Máximo	4cm	7,2-8,2cm
	Altura	2,2cm	1,7-2,4cm
Dressel 20	Comprimento	9,6-12,8cm	6-10,8cm
	Diâmetro Máximo	Fragmentos	6-7,9cm
	Altura	3,6cm	1,5-2,6cm
Dressel 28	Comprimento	Fragmentos	6,7-10,3cm
	Diâmetro Máximo	Fragmentos	3,4-7,8cm
	Altura	Fragmentos	1,6-2,7cm

Tabela 1. Comparação dos tamanhos das lucernas presentes na obra de A. Morillo (1999) e as do Museu da Lucerna de Santa Bárbara

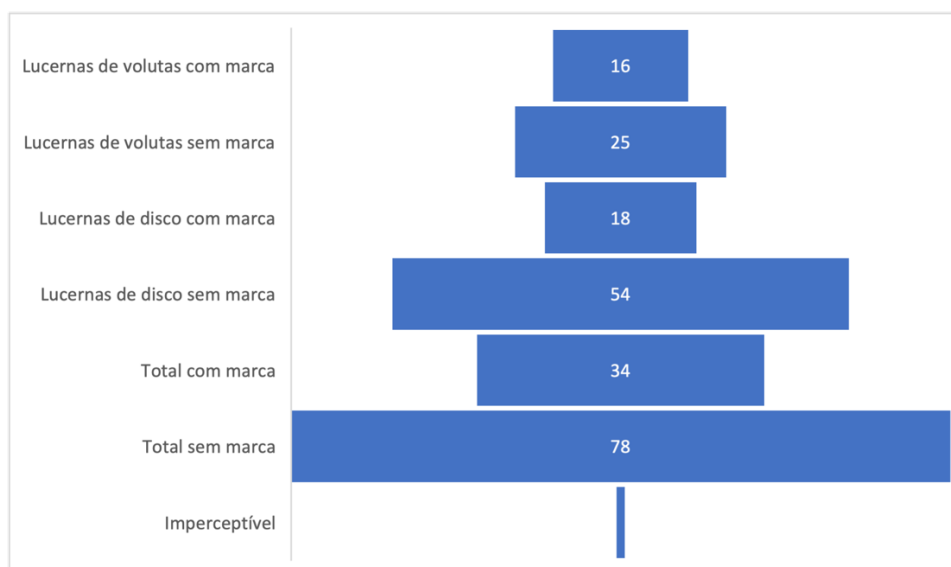
3.5. Marcas, símbolos anepígrafos e letras isoladas

As marcas presentes nas lucernas são um dos fatores importantes para o seu estudo, pois permitem perceber quais foram os oleiros e as *figlinae* onde estas foram produzidas. Normalmente, as marcas estão presentes no fundo externo, ocasionalmente no disco, na orla e no *infundibulum*.

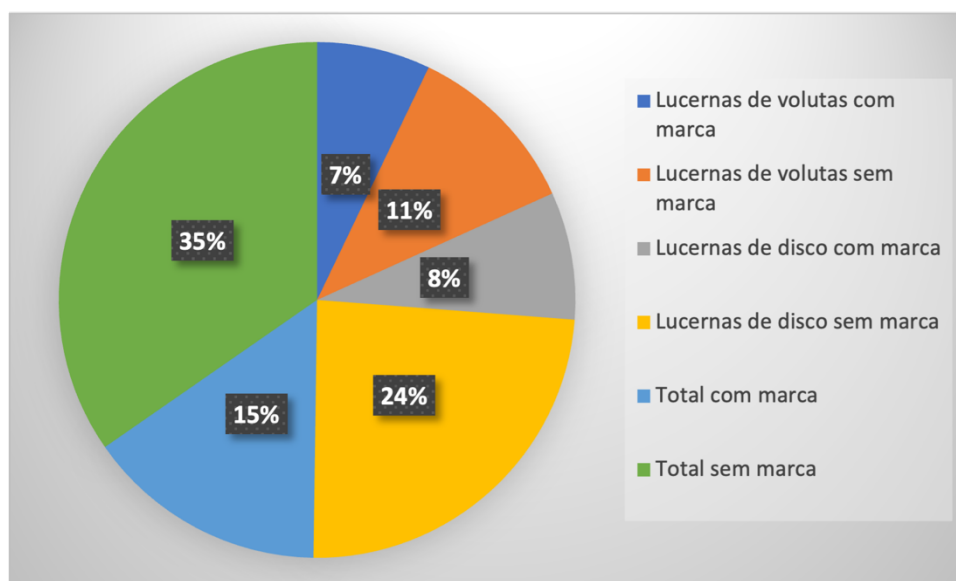
Para além dos nomes e das siglas abreviadas destes nomes, as marcas podem estar representadas por letras isoladas e símbolos anepígrafos, podendo, alguns casos, apresentar também grafitos.

Nas lucernas de origem itálica as marcas mencionam na grande maioria apenas o *cognomen* do oleiro; mais tarde nas lucernas de disco, já podemos encontrar marcas mais completas com o *nomen* e *cognomen*. Nos exemplares estudados contamos com cinco lucernas com a conhecida marca C.OPPI.RES, o *tria nomina* abreviado do oleiro *Caius Oppius Restitutus*. Nas lucernas mais antigas, as marcas eram efetuadas na argila ainda fresca, mais tarde, especialmente, no período dos Flávios, quando a produção de lucernas começou a ser feita em larga escala, as marcas começaram a ser incluídas no molde inferior da lucerna, o que faz com que não fosse necessário marcar cada uma das lucernas individualmente, aparecendo as marcas em relevo ou em negativo (Morillo Cerdán, 1999, p.279).

Da mais de uma centena de lucernas estudadas, apenas 34 apresentam marcas, repartidas por 16 exemplares de volutas e 18 lucernas de disco.



Histograma 4: Quantificação das marcas presentes nas lucernas



Histograma 5: Percentagens das marcas presentes nas lucernas

Com a exceção de uma marca impercetível, foram identificadas as seguintes marcas: GABINIA, PVF/PVF, C.OPPI.RES., SL; Q.IVNI.SIC., C.CORNEL.VRS, CATILIVES, D, IVNIALEXI, I, NVN DINI e NNAELVCI.

As marcas representadas por letras isoladas, SL, e D e I, apenas estão representadas por um exemplar e replicam, através da técnica já mencionada de sobremoldagem, aquelas de produção centro-italica. A primeira apresenta uma cronologia entre o reinado de Augusto e o início do século II; as outras datam dos finais do século I e a primeira metade do século II.

Para além das marcas, estão presentes também dois exemplares com símbolos anepígrafos. O primeiro, **Ficha 110**, está presente entre as duas filas de círculos incisos que se encontram organizados em círculo na orla da lucerna; o segundo, **Ficha 112**, junto à representação de rosetas, cachos de uva e gavinhas, que são apêndices filiformes das videiras.

3.5.1. GABINIA

Esta marca está presente em 10 das lucernas. De acordo com Manuel Maia (1997, p.134), é de difícil interpretação, pois não “...existe a certeza se se tratava de uma mulher ou de um homem”. É possível que a marca corresponda à oficina de um oleiro cujo *cognomen* fosse *Gabinianus*, conhecendo-se distintas variantes da sua assinatura: GAVINIA, GABINIA(NVS), GABIN(IVS), G(AIVS) ABIN(IVS) e IA(NVARIVS) (Martín, 2002, p. 160).

Como no caso das nossas lucernas do depósito votivo de Santa Bárbara conhecem-se produções em Mérida, certamente também fruto da sobremoldagem a partir de originais importados (Martín, 2002, p.160).

Esta marca está presente em lucernas datadas entre a segunda metade do século I e a primeira metade do século II, mais especificamente, antes do ano 140 (Martín, 2002, p. 161).

Segundo Manuel Maia (1997, p.134) e Gérman Rodríguez Martín (2002, p.89,160), esta marca está geograficamente bem determinada no Norte de África, local onde muito provavelmente se situava a oficina, ainda que se conheçam lucernas com esta marca de fabrico itálico (por exemplo, Roma e Sardenha) e a ocidente, nomeadamente do centro e sul do nosso território.

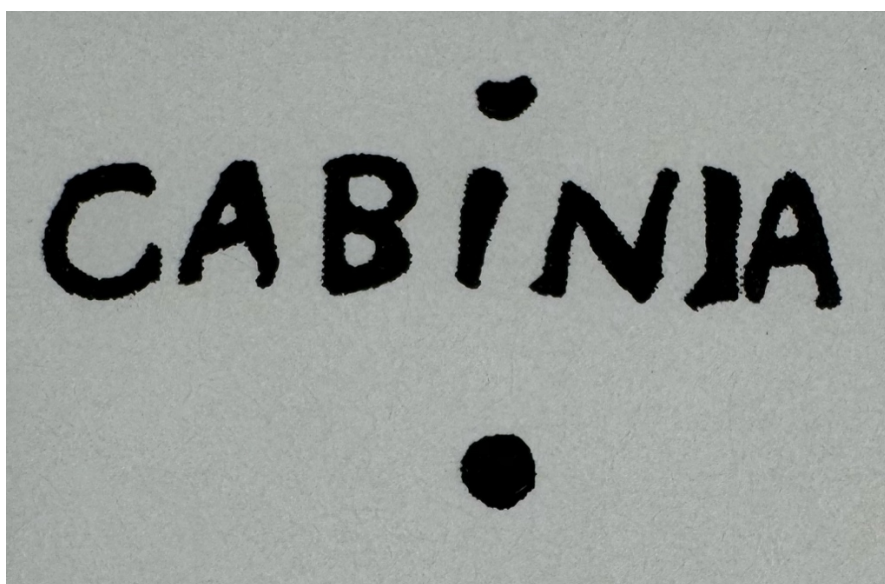


Figura 11. Representação da marca GABINIA. Fonte: Maia, 1997, p.134

3.5.2. PVF/PVF

Esta marca está presente em 5 lucernas. Maia (1997, p.144) refere que “... este oleiro de que só conhecemos o *cognomen* abreviado e repetido usava a cartela rectangular, mas com muito maior frequência, a planta *pedis* dupla”.

Ainda segundo o autor (*Ibid*, p.144), a marca PVF/PVF está “... em relevo, com a cartela e as letras contidas colocadas sobre o eixo vertical das lucernas”. O autor refere também que, cronologicamente, a oficina produtora destas marcas começou antes de 79, pois foram recolhidos exemplares desta marca em Pompeia e em *Herculaneum*, podendo indicar uma origem na Campânia.

Esta marca também está registada em Mérida, ainda que apenas documentada sem grande expressividade (Martín, 2002, p.174).

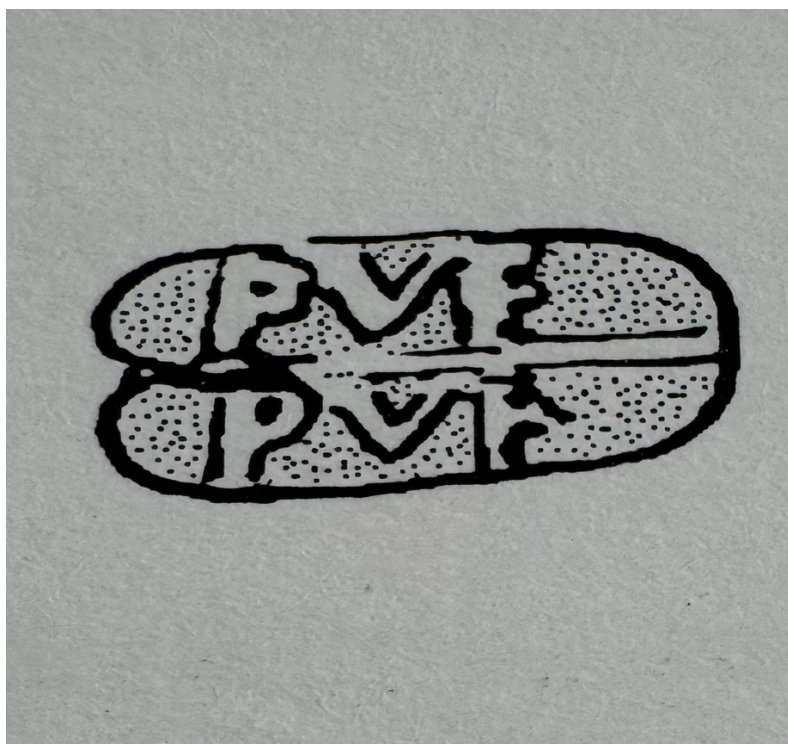


Figura 12. Representação da marca PVF/PVF. Fonte: Maia, 1997, p.144

3.5.3. C.OPPI.RES.

Esta marca está presente em 5 lucernas. De acordo com Maia (1997, p.131) “... faz parte de uma *gens* que se dedicou à manufactura de lucernas em larga escala, desde o período Flávio, até meados ou finais do século II d.C. Pertence ao grupo dos “industriais” que assinava com os *tria nomina* abreviados, em marcas cavadas”.

Trata-se de C (*aivs*) Oppi (*vs*) Res (*titvtvs*), o mais prolífero fabricante de lucernas do seu tempo (Martín, 2002, p.154), conhecendo-se distintas variantes: OPPI, C.O.R., L.OPPI.RES., M.OPPI.SOS e M.OPPI.ZOS. As produções dos *Oppi* inundam os mercados do Mediterrâneo Ocidental durante um século (Morillo Cerdán, 1999, p.300).

Esta marca está particularmente bem difundida na Península Ibérica (Martín, 2002, p.154), é provável que os originais itálicos provenham de uma oficina descoberta na colina de Gianicolo, em Roma onde foram encontradas peças com as marcas OPPI, C.O.R e C.OPPI.RES (*Ibid*, p.300). É, no entanto, possível que algumas lucernas importadas possam também ter sido produzidas no norte de África, designadamente da Mauritânia (Martín, 2002, p.155-156).

Como referimos, esta marca está bem difundida em toda a Península Ibérica, estando documentada, entre outros locais, no Paço Ducal de Vila Viçosa (Alarcão, 1976, p.11), em Bílbilis (Tafalla, 1984, p.43), em Cartagena (Deneauve, 1969, p.84) e em Mérida (Martín, 2002, p.154-156) e *Bracara Augusta* (Morais, 2004).

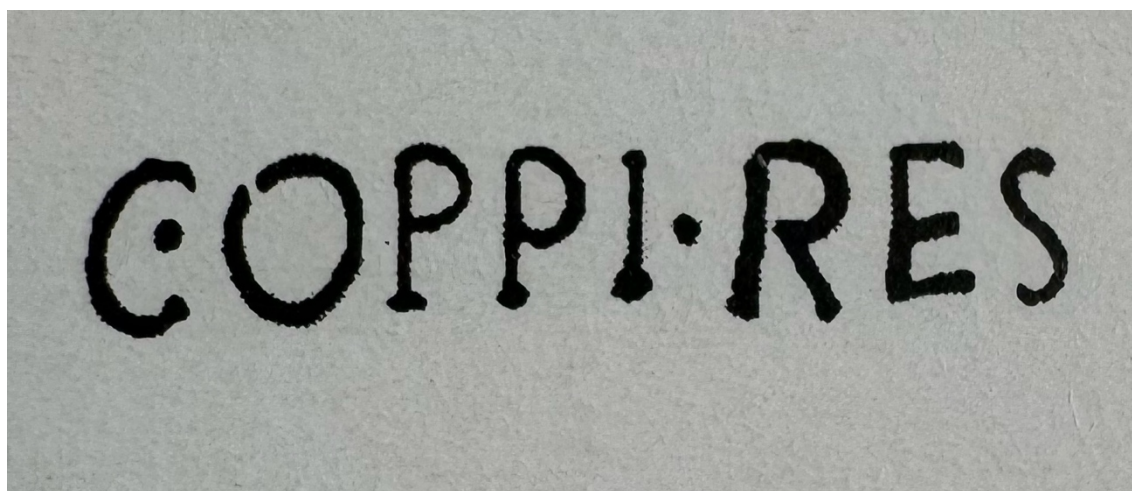


Figura 13. Representação da marca C.OPPI.RES. Fonte: Maia, 1997, p.132

3.5.4. Q.IVNI.SIC

Esta marca está presente em 3 lucernas. Maia (1997, p.144) refere que não foram encontrados “... nenhum paralelo para esta marca” e que “... o gentílico conduz-nos à *gens IVNIA*, de onde são oriundos tantos lucernários”.

Cronologicamente esta data dos inícios do reinado de Augusto e a primeira metade do século II, com origem nas oficinas centro-italicas.

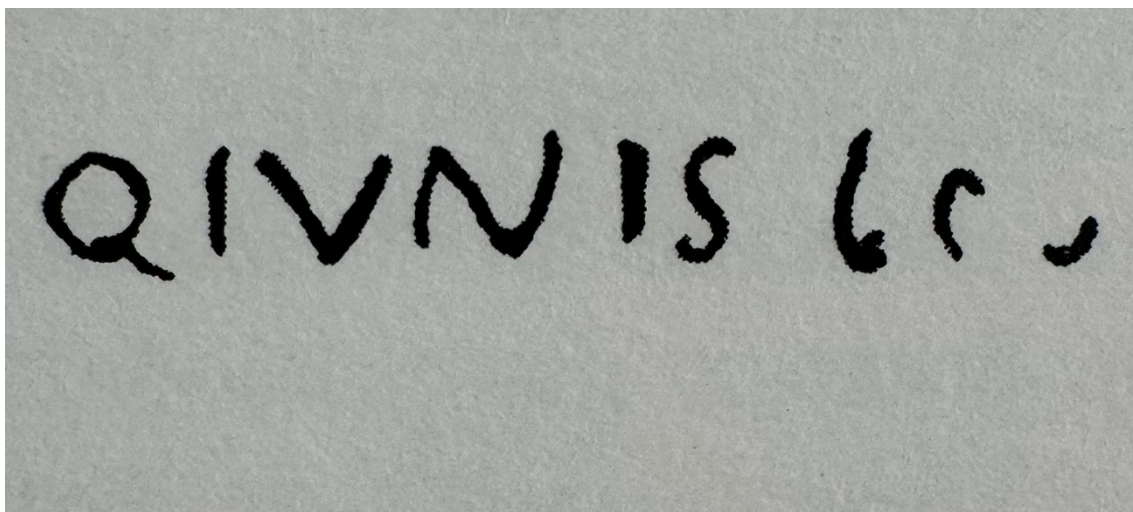


Figura 14. Representação da marca Q.IVNI.SIC. Fonte: Maia, 1997, p.144

3.5.5. C.CORNEL.VRS

Esta marca aparece apenas numa lucerna. Maia (1997, p.130) refere que não existem paralelos exatos desta marca e que esta é uma “... marca cavada, com *praenomen* e gentílico bem moldados, letras grandes e destacadas, *cognomen* com letras menores, quase cursivas”.

O nosso exemplar (Nº24) parece ter sido replicado a partir de um original de proveniência centro-italica.



Figura 15. Representação da marca C. CORNEL.VRS. Fonte: Maia, 1997, p.143

3.5.6. CATILIVES

Marca presente em 2 lucernas. Maia (1997, p.130) refere que esta é uma “... marca cavada, em fundos planos, apenas divididos por uma canelura, largos”, que tem letras medianas, e que por cima da letra L existem dois pequenos círculos que são concêntricos.

A nossa marca foi provavelmente replicada a partir de um modelo itálico datado dos finais do século I e o início do século II.

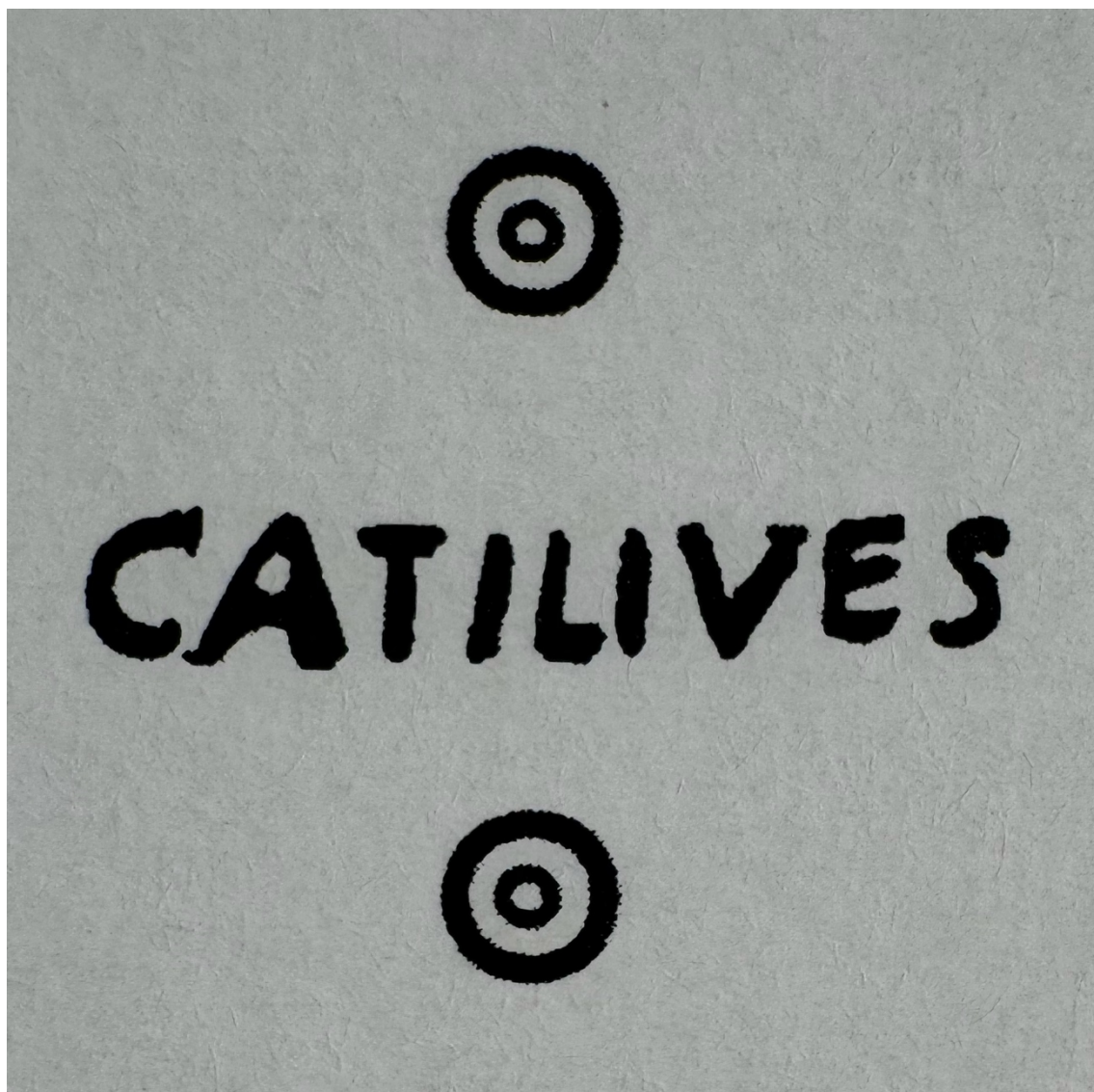


Figura 16. Representação da marca CATILIVES. Fonte: Maia, 1997, p.130

3.5.7. IVNIALEXI

Esta marca está presente em 3 lucernas. Maia (1997, p.135-138) refere que o oleiro desta marca poderia ter “... assinado anteriormente **CIVNALEX**, mantendo a tipologia e variando as decorações”. Segundo este autor, a marca data dos finais do século I e perdura até o ano de 285 e foi replicada a partir de um original importado de origem centro-italica, datada entre os finais do século I e a primeira metade do século II.

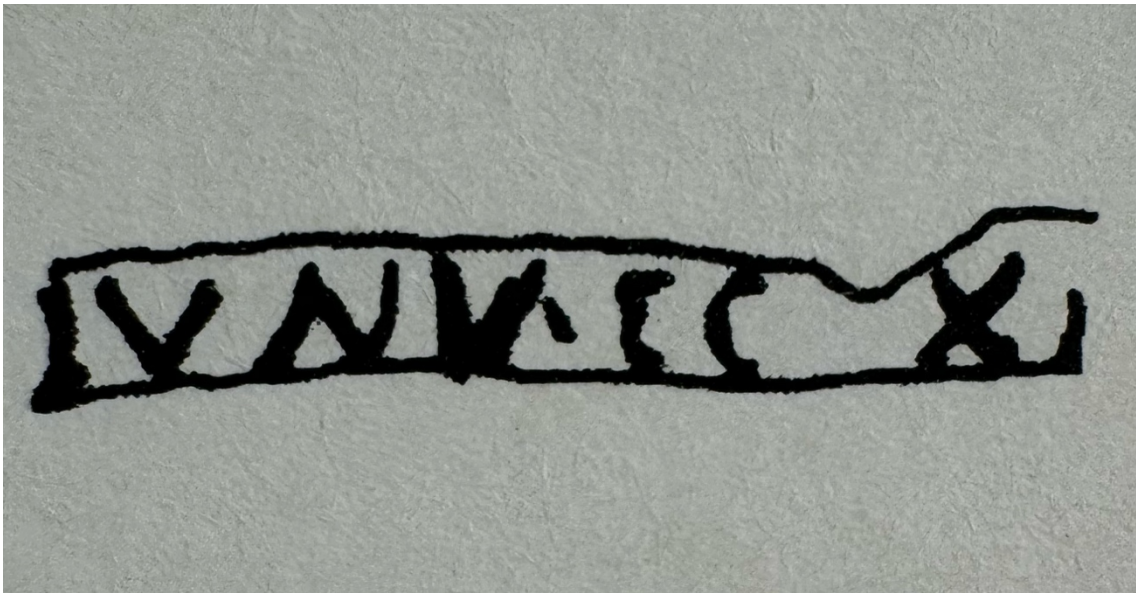


Figura 17. Representação da marca IVNIALEXI. Fonte: Maia, 1997, p.138

3.5.8. NVN DINI

Esta marca apenas está presente numa lucerna. Maia (1997, p.142) refere que esta é uma “... marca incisa, em fundos planos e largos... marca de muito difícil leitura e interpretação”, sendo que apresenta, na parte superior, uma representação de um objeto.

Este exemplar (**Nº76**) data dos finais do século I e a primeira metade do século II, certamente replicada a partir de uma origem centro-italica.

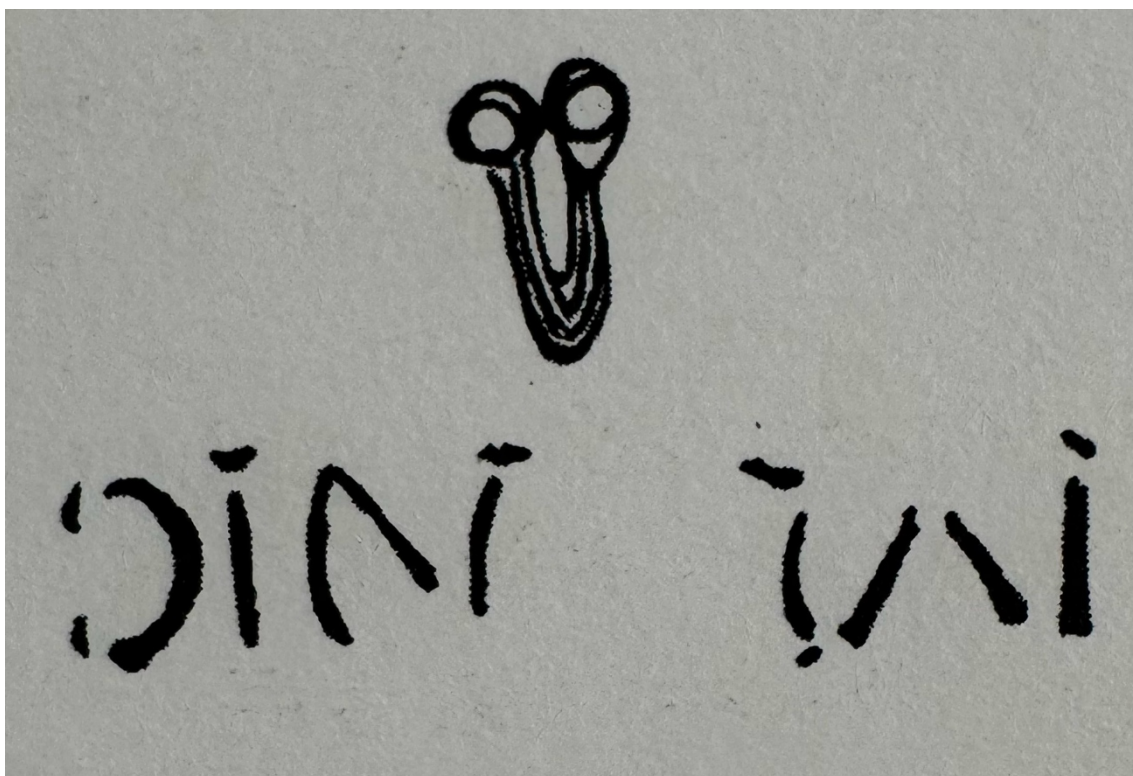


Figura 18. Representação da marca NVN DINI. Fonte: Maia, 1997, p.142

3.5.9. NNAELVCI

Marca presente apenas numa lucerna. Maia (1997, p.141) que “... esta marca aparece em África, Tingitana incluída, mas que é particularmente abundante em Roma, o que indica uma oficina do centro da Península Itálica”.

Segundo este autor, a marca (**N^o81**) data dos inícios do período Flávio e prolonga-se até ao reinado de Adriano.

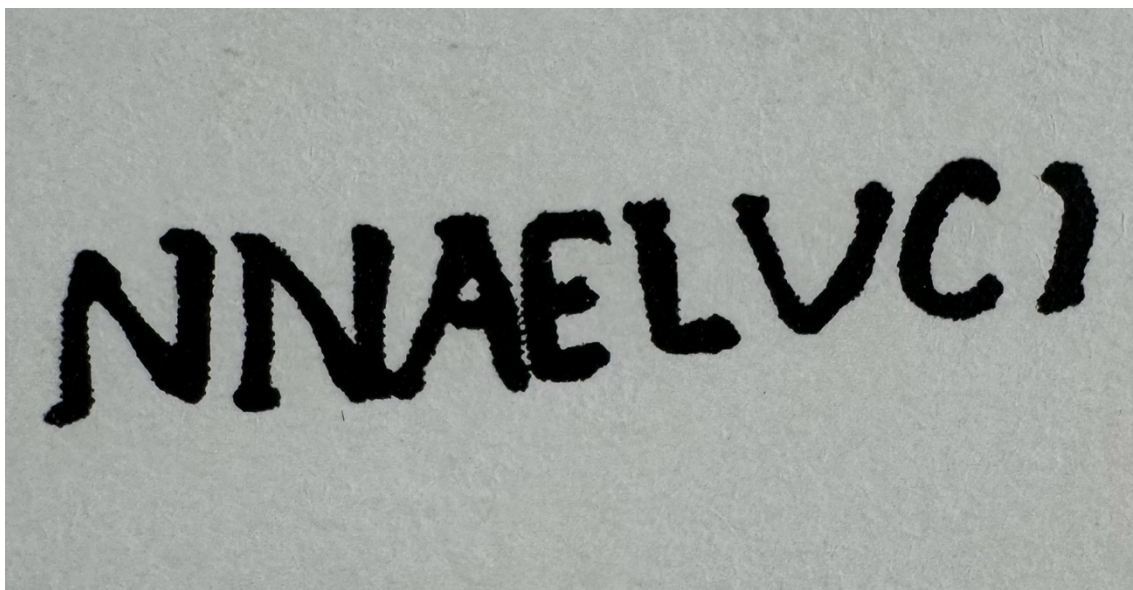
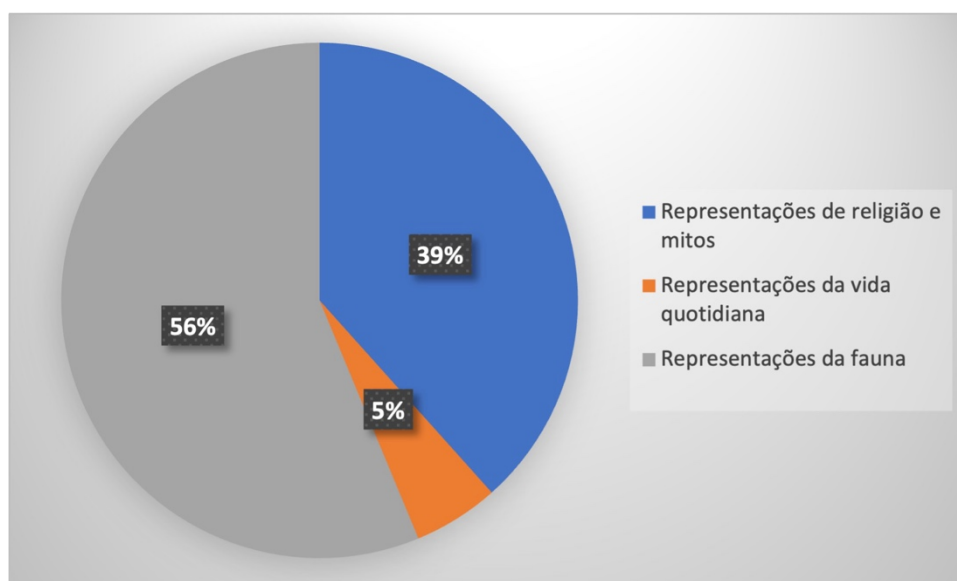


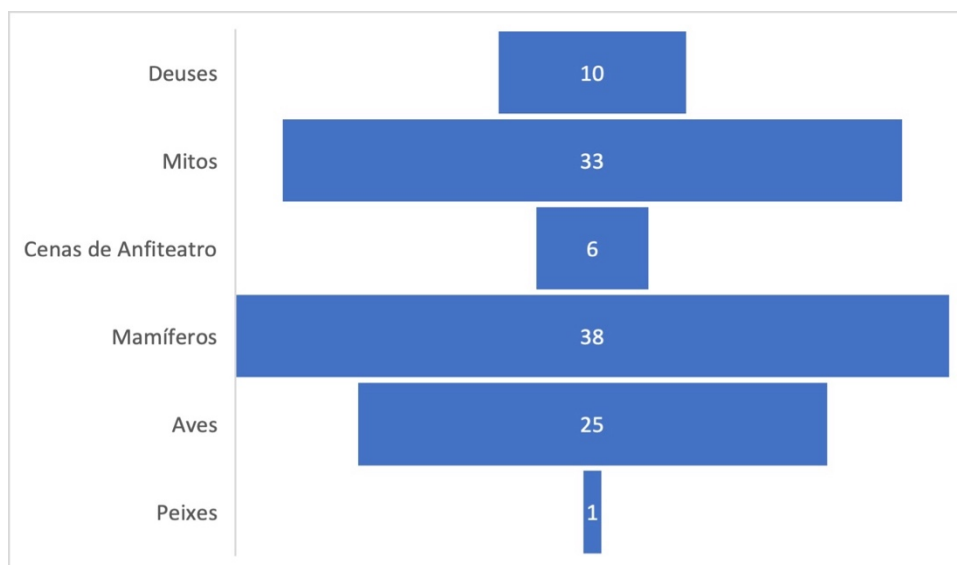
Figura 19. Representação da marca NNAELVCI. Fonte: Maia, 1997, p.142

3.6. Análise Iconográfica

Como já mencionámos, da cerca de uma centena de lucernas analisadas com temas de animais do Santuário de Santa Bárbara, iremos proceder à sua análise iconográfica, agrupando-se em três temáticas: representações da religião e de mitos; representações da vida quotidiana; representações da fauna.

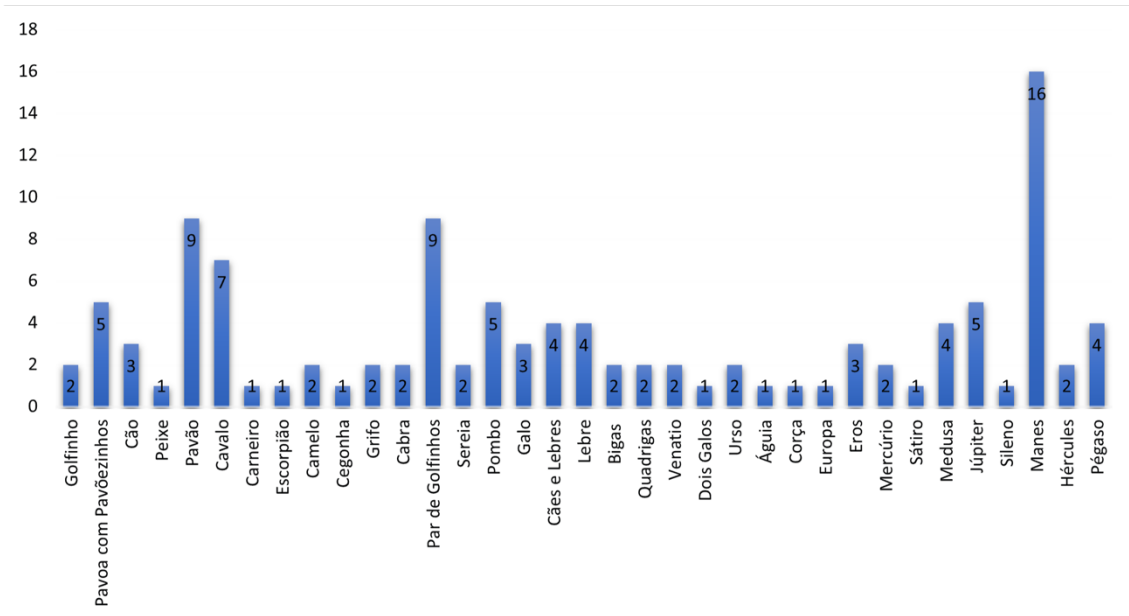


Histograma 6: Quantificação das temáticas presentes nas lucernas



Histograma 7: Quantificação das temáticas presentes nas lucernas

Como se pode constatar nos **Histogramas 6 e 7** a grande maioria das lucernas ilustram temas de fauna, com 56% da amostra, seguida dos temas associados à religião e mitos, com 39%, e apenas 5% relativas à vida quotidiana.



Histograma 8: Quantificação de todos os animais representados nas lucernas

No **Histograma 8** podemos apreciar os motivos ilustrados e a sua representatividade, sendo mais abundantes as lucernas decoradas com os deuses Manes, com 16 exemplares. Os animais isolados estão representados nas seguintes quantidades: pavões e pares de golfinhos, com 9 exemplares cada, os cavalos, com 7 exemplares, os pavões com pavõezinhos e os pombos, com 5 exemplares cada, as lebres e estas em conjunto com cães, com 4 exemplares cada, os cães e galos com três exemplares cada, os golfinhos, camelos, cabras, ursos, com 2 exemplares cada, e, por fim, com apenas um exemplar, os peixes, carneiros, escorpião, cegonha, dois galos, águia e corça.

Os animais da mitologia estão representados por pégasos, com 4 exemplares, e grifos e sereias, com dois exemplares cada; igualmente com dois exemplares cada são os temas alusivos aos jogos, com bigas, quadrígas e temas de Venatio.

A estas devem ainda acrescentar-se as decorações que aludem a divindades e figuras da mitologia associadas a animais. As divindades estão representadas por Júpiter, com 5 exemplares, Eros, com 3 exemplares, e Mercúrio, com apenas 1 exemplar.

As figuras da mitologia estão representadas pela Medusa, com 4 exemplares, Hércules, com 2 exemplares, e apenas com um exemplar, a representação do rapto de Europa, e Dionísio, Sátiro e Silenos.

Tema	Sub-Tema	Tipo de Decoração	Nº	Tipologia Morillo
Religião e Mitos	Eros	Eros cavalgando um Hipocampo	21, 25-26	Loeschcke IV
	Júpiter	Júpiter com a águia	30-31, 38	Loeschcke IV / V
		Cabeça de Júpiter sobre águia com asas abertas	39	Loeschcke V
		Júpiter-Amom (cornos enrolados de carneiro)	40	Loeschcke V
	Manes	Manes (serpentes)	41, 83-94, 97-98, 111	Dressel 18 / 20 / 28
	Mercúrio	Mercúrio (serpentes)	22-23	Loeschcke IV
	Europa	Europa (touro)	1	Loeschcke IB
	Hércules	Hércules (serpente)	95-96	Dressel 20
	Medusa	Medusa	42-45	Dressel 18
	Sátiro	Sátiro (cornos de bode)	24	Loeschcke IV
	Sereias	Sereias	54-55	Dressel 20
	Sileno	Sileno (burro)	110	Dressel 28
	Grifo	Grifo	51-52	Dressel 20
	Pégaso	Pégaso voando para a esquerda, asas abertas para trás	32-33	Loeschcke IV
		Pégaso, andando para a esquerda, asas levantadas	112-113	Dressel 28
	Venatio	Venatio (leão)	17, 27	Loeschcke IV
Vida Quotidiana	Bigas	Bigas	15, 29	Loeschcke IV
	Quadrigas	Quadrigas	16, 28	Loeschcke IV
	Cabra	Cabra	35, 37	Loeschcke V
Fauna	Camelo	Camelo	5, 12	Loeschcke IV
	Cão	Cão	47, 108-109	Dressel 20 / 28
	Carneiro	Carneiro	49	Dressel 20
	Cavalo	Cavalo	4, 7-11, 36	Loeschcke IV / V
	Corça	Corça	82	Dressel 20
	Lebre	Lebre	73-74, 79-80	Dressel 20
	Urso	Urso	19, 46	Loeschcke IV / Dressel 20
	Cães e Lebres	Cães e Lebres	71-72, 75, 81	Dressel 20
	Águia	Águia	20	Loeschcke IV
	Cegonha	Cegonha	6	Loeschcke IV
	Galo	Galo para a direita, com a pata direita encolhida e segurando uma palma que lhe passa por trás	69-70, 76	Dressel 20
		Dois galos de combate estando um com o peito por terra e o outro de pé triunfante	18	Loeschcke IV
	Pavão	Pavão	48, 60, 62-68	Dressel 20
		Pavoa com pavõesinhos (pavoa, para a direita, com a cabeça virada para a esquerda, e uma ninhada de 4 pavõesinhos)	2, 13-14	Loeschcke IV
		Pavoa com pavõesinhos (patas da pavo cortadas, bem como um dos pavõesinhos)	59, 61	Dressel 20
	Pomba	Pomba	56-58, 77-78	Dressel 20
	Golfinho	Golfinho isolado para a direita	3, 102	Loeschcke IV / Dressel 28
		Par de golfinhos para a direita	53, 99-102, 104-107	Dressel 20 / 28
	Peixes	Peixes	34	Loeschcke V
	Escorpião	Escorpião	50	Dressel 20

Tabela 2: Temas representados nas lucernas e respetivas tipologias

3.6.1. Representações de religião e mitos

Os mitos e os temas religiosos que se encontram representados nas lucernas presentes no Museu de Santa Bárbara correspondem ao segundo maior grupo de exemplares neste estudo, com 43 lucernas o que corresponde a 39% da coleção.

Esta temática centrada na representação mitológica, nas suas mais variadas formas, sejam deuses, sejam animais fantásticos, eram muito apreciados pela sociedade romana pelo que rapidamente as oficinas incorporaram estas temáticas no seu reportório decorativo (Morillo Cerdán, 1999, p.195).

Neste grupo, existem 12 representações de divindades e de figuras mitológicas, em que as figuras mitológicas consistem em 8 representações: Grifo, Sereia, Medusa, Europa, Sileno, Hércules, Pégaso e Sátiro.

Grifos eram “... pássaros fabulosos, cuja cabeça está provida de um bico de águia, têm asas poderosas e corpo de leão. São consagrados a Apolo e defendem os seus tesouros dos assaltos” (Grimal, 1951, p.188). Existem dois exemplares nesta coleção (**Fichas nº51 e 52**) e está representado em lucernas Dressel 20, o que corresponde, cronologicamente, ao final do século I e à primeira metade do século II com origem centro-italica. A representação é a de um grifo a um passo para a esquerda. Estas lucernas apresentam uma pasta de cor bege, sendo pouco depuradas e sem engobe.



Figura 20. Representação de um grifo (Ficha nº50). Fonte: Maia (1997)

Sereias de acordo com o autor (*ibid*, p.415 e 421) são seres marinhos, metade mulheres, metade pássaros. As Sereias são mencionadas pela primeira vez na Odisseia pelo poeta grego Homero, e refere que com a sua música, estes seres atraíam os marinheiros que passavam nas redondezas. As sereias aparecem representadas em 2 lucernas (**Ficha nº54 e 55**) que são Dressel 20 e pertencem ao final do século I e à primeira metade do século II e teve origem nas oficinas centro-italicas. A representação é a de uma sereia, de frente, cabelo dividido ao meio, asas levantadas, patas de animais de rapina com três dedos em forma de garra. Estas lucernas apresentam pastas claras e engobes laranja.

A Medusa era “... um dos três terríveis seres com o corpo coberto de escamas e com serpentes enroladas nos cabelos – as *Górgonas* cujo olhar transformava as pessoas em pedra” (Maia, 1997, p.74). A medusa está presente em 4 lucernas (**Ficha nº42, 43, 44 e 45**) do tipo Dressel 18, que cronologicamente está inserida entre o período dos Flávios e meados do século II, com uma origem centro-italica. A representação é a da cabeça da Medusa rodeada de escamas, como se pode ver nas Fichas **nº43, 44 e 45**, e uma cabeça de Medusa, sem a presença de escamas, como se pode comprovar na Ficha **nº42**. Estas lucernas apresentam uma pasta de cor bege amarelada, sendo esta mais dura, e um engobe castanho-avermelhado que se encontra muito gasto.



Figura 21. Representação de uma medusa (Ficha nº45). Fonte: Maia (1997)

Europa era o nome dado a várias heroínas, sendo que a mais comumente associada a Europa é a “... filha de Agenor e de Telefaassa, que foi amada por Zeus” (Grimal, 1951, p.161) e Zeus ao ver esta jovem apaixonou-se e transformou-se num touro que Europa montou, em direção ao mar. Esta é a razão pela qual a representação presente no único exemplar (**Ficha nº1**) é a de Europa montada num touro. A representação de Europa está presente na única lucerna que pertence à tipologia Loeschcke IB, o que corresponde, cronologicamente, ao período de Augusto e Tibério, e teve uma origem centro-italica. A representação é a de Europa, em cima de um touro, tem a sua mão esquerda a segurar um véu que sobrevoa a sua cabeça, enquanto a sua mão direita está a agarrar a cabeça do touro. Esta lucerna apresenta uma pasta clara e engobe amarelado e com vestígios de castanho.



Figura 22. Representação de Europa (Ficha nº1). Fonte: Maia (1997)

Sileno era “... uma designação genérica atribuída aos sátiros velhos, mas denomina especificamente o educador de Baco/Diόνisos. Filho de Pan e de uma ninfa, era sábio, mas avaro desta sabedoria. Representa-se como um velho gordo e muito feio, de feições grosseiras, muitas vezes montado num burro, sempre embriagado, estado em que tinha

o dom de fazer profecias” (Maia, 1997, p.77). O único exemplar desta representação está presente numa lucerna (**Ficha nº110**) Dressel 28 com uma origem africana e itálica, e que pertence à segunda metade do século II e ao século III. Esta representação de Sileno apresenta, mais propriamente a sua cabeça, onde se pode ver a barba e cabelo farto, e dois pequenos cornos. Por cima da cabeça encontram-se dois cachos de uvas. Esta lucerna apresenta uma pasta esbranquiçada e um engobe laranja que tem algum brilho.



Figura 23. Representação de Sileno (Ficha nº110). Fonte: Maia (1997)

Hércules ou Héracles era, de acordo com a mitologia grega o herói ou semideus mais celebrado e o mais popular. Hércules era filho de Zeus e segundo as lendas, quando tinha oito meses estrangulou duas cobras. Esta figura é também conhecida por ter completado os chamados “12 Trabalhos de Hércules” (Dictionary of Classical Mithology, p.112-114). Esta representação está presente em 2 lucernas (Ficha nº95 e 96) Dressel 20 e pertencem ao final do século I e à primeira metade do século II e teve origem nas oficinas centro-itálicas. A representação é de Hércules, de pé no Jardim das Hespérides, olhando para a esquerda, segurando a cabeça do monstro Ladão, representado como uma serpente.

Pégaso era uma figura que era, de acordo com a mitologia grega um cavalo alado, que se pensa ser fruto do tronco da Medusa quando esta foi morta por Perseu (Dictionary of Classical Mithology, p.193-194). Esta figura encontra-se representada em 4 lucernas (Ficha nº33, 33, 112 e 113). Esta figura encontra-se representada de duas formas distintas: Pégaso voando para a esquerda com as asas abertas para trás (Ficha nº32 e 33) Loeschcke IV e pertencem ao período do reinado de Augusto e o início do século II, e teve o auge no século I, especialmente no segundo e terceiro quartel deste século, tendo uma origem centro-italica.; e Pégaso, andando para a esquerda, com as asas levantadas e as orlas da lucerna encontram-se decoradas (Ficha nº112 e 113) Dressel 28 com uma origem africana e itálica, e que pertence à segunda metade do século II e ao século III.



Figura 24. Representação de um pégaso (Ficha nº112). Fonte: Maia (1997)

A última representação de uma figura mitológica é a de Sátiro. Estes eram "... génios da natureza que foram incorporados no cortejo de Dionísio. Eram representados de diferentes maneiras: umas vezes, a parte inferior do corpo era a de um cavalo, e a superior, a partir da cintura, a de um homem; outras vezes, a sua parte animal era a de um bode" (Grimal, 1951, p.413). Esta é uma representação presente em apenas 1 lucerna (Ficha nº24) do tipo Loeschcke IV, com uma origem centro-italica e

cronologicamente, estabelecida entre o reinado de Augusto e o início do século II. A representação presente nesta lucerna é a de uma figura nua a andar para a esquerda e que segura uma flauta, sendo possível observar na sua cabeça dois cornos. A lucerna apresenta um engobe laranja-acastanhado e está bastante irisado.

As restantes representações são de divindades, estando nesta coleção representadas as seguintes divindades: Eros, Mercúrio, Júpiter e Manes.

Eros, também conhecido como Cupido ou deus do amor, e “... filho de Afródite-Vénus, é um personagem irrequieto e irreverente que se mete até com os deuses e que, no fundo, é muito poderoso” (Maia, 1997, p.48). A representação de Eros está presente em 3 lucernas (**Ficha nº21, 25 e 26**) do tipo Loeschcke IV, pertencente ao reinado de Augusto até ao início do século II, e com uma origem centro-italica e podem-se encontrar exemplares desta figura em representações diferentes em Cotta e Dresden (Martín, 2005, p.36-37). A representação presente é a de Eros cavalcando um hipocampo, virado para a esquerda. Estas lucernas apresentam uma pasta mais arenosa, e os engobes sem brilho, eram esbranquiçados e vermelho-alaranjados.

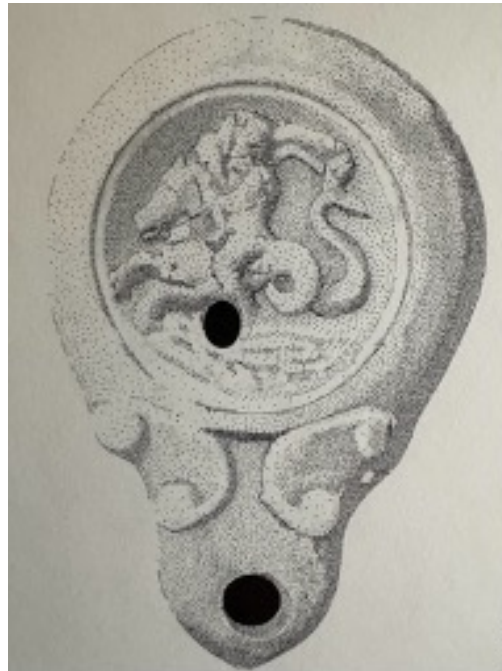


Figura 25. Representação de Eros (Ficha nº22). Fonte: Maia (1997)

Mercúrio, no que diz respeito ao panteão de deuses romanos, era considerado um deus menor e foi assimilado do deus grego Hermes, considerado como o protetor dos

comerciantes e dos viajantes, sendo também o mensageiros dos deuses e além de possuir o dom da palavra e deslocar-se velozmente (Grimal, 1951, p.306-307). Mercúrio está presente em 2 lucernas (**Ficha nº22 e 23**) do tipo Loeschcke IV, correspondente do reinado de Augusto ao início do século II, com uma origem centro-italica. A representação é a do busto de Mercúrio de frente, pétaso de asas abertas e caduceu sobre o seu ombro direito. Estas lucernas apresentam pasta clara, depurada e com um engobe alaranjado. Esta figura é normalmente representada tanto em figura de pé, como de busto como é o caso de Santa Bárbara, podendo encontrar-se exemplares semelhantes nas com a figura de Mercúrio em pé em Badajoz, Mérida, Sevilha, Palência e Volubilis (Martín, 2005, p.32-33).

Júpiter foi a assimilação do deus grego Zeus e, “...é por excelência o grande deus do panteão romano. Surge como a divindade do céu, da luz divina, das condições climatéricas, e também do raio e do trovão” (Grimal, 1951, p.261). Júpiter está representado em 5 lucernas (**Ficha nº30, 31, 38, 29 e 40**) pertencentes às tipologias Loeschcke IV e Loeschcke V, correspondente do reinado de Augusto e início do século II, e tendo origem Hispânica e centro-italica. A representação é a da cabeça de Júpiter sobre a águia que estava com as asas abertas e na **Ficha nº40** está representada a cabeça de Júpiter com cornos de carneiro enrolados. Estas lucernas apresentam uma pasta clara, com engobe laranja com presença de castanho e a **Ficha nº40** apresenta uma pasta esbranquiçada muito fina e depurada, e não tem engobe.

Esta divindade era também “... o protector de Roma e centro da tríade capitolina, objeto de culto em todas as cidades do Império. A águia é a mediadora entre Júpiter e os homens” (Maia, 1997, p.58), sendo essa a razão pela qual Júpiter está sempre representada nestas lucernas juntamente com uma águia.



Figura 26. Representação de Júpiter (Ficha nº32). Fonte: Maia (1997)

A última divindade representada nesta coleção é Manes. Manes são, nas crenças romanas “... as almas dos mortos... os Manes eram objeto de um culto. Ofereciam-lhes vinho, mel, leite, etc., e flores” (Grimal, 1951, p.289-290). Como referido anteriormente, Manes está presente em 16 lucernas (**Ficha nº41, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98 e 111**) Dressel 18, que cronologicamente está inserida entre o período dos Flávios e meados do século II, com uma origem centro-italica, Dressel 20 pertencem ao final do século I e à primeira metade do século II e teve origem nas oficinas centro-italicas e Dressel 28 com uma origem africana e itálica, e que pertence à segunda metade do século II e ao século III.

A representação presente nestas lucernas é a de duas árvores simétricas, com serpentes à volta das árvores e com as suas cabeças sobre três chamas. Estes exemplares apresentam pastas claras sendo que os engobes poderiam não existir ou cor laranja.

3.6.2. Representações da vida quotidiana

As representações da vida quotidiana são as que aparecem em menor número, com apenas 6 lucernas. Neste grupo estão presentes 3 representações: bigas, quadrigas e a de Venatio.

As corridas eram espetáculos muito apreciados por parte da sociedade romana, bem como eram também praticados jogos de anfiteatro, como por exemplo as lutas de gladiadores e de feras, denominado Venatio.

Estas corridas ocorriam nas pistas dos circos e nestas poderiam "... correr as bigas, carros puxados por dois cavalos ou as quadrigas, tiradas por duas parelhas, em linha, de condução extraordinariamente difícil" (Maia, 1997, p.92). Nas lucernas romanas em geral, as bigas e das quadrigas são das representações mais comuns nos discos das lucernas.

Em Santa Bárbara temos 2 exemplares (**Ficha nº15 e 29**) com a representação de bigas e 2 exemplares (**Ficha nº16 e 28**) com a representação de quadrigas. Estas 4 lucernas são do tipo Loeschcke IV, e pertencem, cronologicamente, ao reinado de Augusto e o início do século II. As lucernas com representações de bigas, ilustram o tema à direita, com o condutor a segurar as rédeas, usando um elmo e couraça. Estas lucernas apresentam uma pasta clara, depurada e com um engobe laranja. As lucernas com representações de quadrigas, apresentam-nas viradas para o lado esquerdo, enquanto o condutor segura na mão direita uma coroa, e usando na sua cabeça um elmo e atrás está uma palma. As lucernas importadas desta tipologia encontradas noutras regiões apresentam uma pasta clara, depurada e com um engobe laranja e podem ser encontrados exemplares destas representações, especialmente de bigas em inúmeros locais como Córdoba, Mérida, Tânger, Museu do Louvre ou no Museu Britânico (Martín, 2005, p.54-55).



Figura 27. Representação de bigas (Ficha nº15). Fonte: Maia (1997)

Venatio, como referido anteriormente, faz parte do conjunto de jogos e espetáculos de anfiteatro. De acordo com Maia (1997, p.91) “... entre os espetáculos de anfiteatro, para além dos combates de gladiadores, havia também combates de homens com feras, feras com feras ou cenas de caça como um leão a caçar um burro”, representação que se encontra presente em 2 exemplares (**Ficha nº17 e 27**) desta coleção. Estas 2 lucernas são do tipo Loeschcke IV, têm uma cronologia inserida entre o reinado de Augusto e o início do século II e tinham uma origem centro-italica. A representação nestas lucernas é a de um leão, virado para a direita a derrubar um burro, que também se encontra virado para a direita. Estas lucernas apresentam uma pasta clara, depurada e com um engobe laranja.



Figura 28. Representação de Venatio (Ficha nº17). Fonte: Maia (1997)

3.6.3. Representações da fauna

As representações da fauna são maioritárias em Santa Bárbara, com 64 lucernas, cerca de 59%.

A fauna apresenta, nesta amostra, um total de 20 representações: Golfinho; Par de Golfinhos; Pavão; Pavo com as suas crias, denominadas por Maia (1997, p.107) por “Pavõezinhos”; Cão; Peixe; Cavalo; Carneiro; Escorpião; Camelo; Cegonha; Cabra; Pombo; Galo; Dois Galos; Cães e Lebres; Lebre; Urso; Águia; e Corça.

Estas representações encontram-se divididas em 4 grupos: os animais mamíferos, aquáticos, aves e invertebrados.

O primeiro animal mamífero a ser representado é o cão. O cão era um dos animais mais representados nas lucernas romanas, podendo estes estarem isolados, em contexto de caça ou na guarda de rebanhos. As representações de um cão estão presentes em 3 exemplares (**Ficha nº47, 108 e 109**) de lucernas do tipo dos tipos Dressel 20 pertencem ao final do século I e à primeira metade do século II e teve origem nas oficinas centro-italicas e Dressel 28 com uma origem africana e itálica, e que pertence à segunda metade do século II e ao século III. A representação presente nestas lucernas é a de um cão em corrida, para a esquerda, com a sua cauda levantada. Estas lucernas apresentam pasta clara e engobe de cor laranja.

O cavalo eram um animal de grande importância, pois além da sua importância na vida quotidiana, eram também muito importantes devido ao seu “... papel fundamental na cena político-militar do Próximo Oriente na Idade do Bronze e no início da Idade do Ferro”, já que estes animais eram utilizados como armas de guerra. Temos 7 exemplares (**Ficha nº4, 7, 8, 9, 10, 11 e 36**) do tipo Loeschcke IV e Loeschcke V, cronologicamente inseridas entre o reinado de Augusto e o início do século II. A representação nestas lucernas é a de um cavalo, virado para a direita, levantando a pata esquerda. Estas lucernas apresentam pasta clara, depurada e com um engobe alaranjado.



Figura 29. Representação de um cavalo (Ficha nº4). Fonte: Maia (1997)

O carneiro é um animal que representa o deus Amón, sendo por isso que a representação da cabeça de Júpiter/Amón, apresenta os cornos de um carneiro, sendo que alguns autores também consideram que o carneiro está ligado ao deus Mercúrio. “A representação do carneiro é vulgar nas lucernas romanas, em corrida, parado, em rebanho etc.” (Maia, 1997, p.100). A representação de um carneiro, está presente em 1 exemplar (**Ficha nº49**) de lucerna do tipo Dressel 20, inserida cronologicamente entre o final do século I e a primeira metade do século II. A representação nesta lucerna é a de um carneiro a deslocar-se para a direita, e apresenta uma pasta ocre e um engobe castanho.

O camelo é uma representação que aparece em números muito reduzidos em lucernas. O autor (*Ibid*, p.99) refere “Curioso é não estarmos na presença de dromedários, originários do Norte de África e bem conhecidos dos romanos, mas sim de camelos de duas bossas, originários da Ásia e muito pouco frequentes na margem sul do Mediterrâneo”. O camelo aparece representado em 2 exemplares (**Ficha nº 5 e 12**) de lucernas do tipo Loeschcke IV, que pertencem cronologicamente ao reinado de Augusto e o início do século II. A representação presente nestas lucernas é a de um camelo, virado para a esquerda, e apresentam pastas claras, depuradas e com um engobe alaranjado.

A cabra é um animal representado com alguma frequência nas lucernas romanas, e isto deve-se à sua importância pois, tal como o autor (*Ibid*, p.98) refere “A cabra Amalteia

amamentou Zeus quando Gea o escondeu de Cronos”. A cabra está presente em 2 exemplares (**Ficha nº35 e 37**) de lucernas do tipo Loeschcke V, e estão inseridas entre o final do reinado de Cláudio e o início do século II. A representação nestas lucernas é a de uma cabra virada para a esquerda. Estas lucernas apresentam pastas claras e engobes de cor laranja.

Os cães e lebres são representações muito presentes em lucernas romanas associadas a cenas de caça. Neste caso, temos a representação de dois cães e de duas lebres, alternando a sua representação em torno do disco da lucerna (*Ibid*, p.103). Esta cena de caça encontra-se representada em 4 exemplares (**Ficha nº71, 72, 75 e 81**) de lucernas do tipo Dressel 20, inseridas cronologicamente entre o final do século I e a primeira metade do século II. Estas lucernas apresentam pastas claras e engobes de cor laranja e amarelado.

A lebre, quando representada na presença de cães ou, quando representada sozinha, encontra-se sempre associada a um contexto de caça, sendo também “...consagrada a Artémis e a Pan” (*Ibid*, p.101). A lebre encontra-se representada em 4 exemplares (**Ficha nº73, 74, 79 e 80**) de lucernas do tipo Dressel 20, inserida entre o final do século I e a primeira metade do século II. A representação presente nestas lucernas é a de uma lebre isolada, virada para a direita, e apresentam pastas claras e engobes de cor laranja.

O urso, tal como as corridas de bigas e quadrigas estava ligado às atuações e jogos de anfiteatro e circo (*Ibid*, p.102). O urso encontra-se representado em 2 exemplares (**Ficha nº19 e 16**) de lucernas do tipo Loeschcke IV, inseridas entre o reinado de Augusto e o início do século II e Dressel 20 inserida entre o final do século I e a primeira metade do século II. A representação presente nestas lucernas é a de um urso, em corrida, para a direita. Estas lucernas apresentam pastas claras, depuradas e com engobes de cor laranja e amarelada.

A corça, o último mamífero representado nesta amostra, é encontrada muitas vezes representada em lucernas romanas, pois trata-se de um “animal que acompanha Diana” (*Ibid*, p.101), daí o seu simbolismo e importância. A corça está representada em 1 exemplar (**Ficha nº82**) de uma lucerna do tipo Dressel 20, inserida entre o final do século I e o início do século II. A representação é a de uma corça, virada para a direita, e apresenta uma pasta clara e com um engobe alaranjado.

O primeiro animal marinho a ser representado é o golfinho. Trata-se de um animal que aparece frequentemente na arte romana, especialmente em mosaicos. De acordo com o autor (*Ibid*, p.109) “O golfinho é um animal que acompanha Poseidon e também Vénus e Apolo. Em golfinhos se transformaram os piratas que tentaram raptar e vender Diónisos e que este aterrorizou, obrigando-os a lançar-se ao mar”.

Os golfinhos encontram-se divididos em dois grupos: os que estão representados isoladamente e os que se encontram representados em par. As representações isoladas estão presentes em 2 exemplares (**Ficha nº3 e 102**) de lucernas do tipo Loeschcke IV, inserida entre o reinado de Augusto e o início do século II e Dressel 28 com uma origem africana e itálica, e que pertence à segunda metade do século II e ao século III. A representação presente nestas lucernas é a de um golfinho, isolado, virado para a direita. Estas lucernas apresentam pastas brancas, e com um engobe que varia entre o laranja e o amarelado.

As representações em par encontram-se presentes em 9 exemplares (**Ficha nº53, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106 e 107**) de lucernas dos tipos Dressel 20 pertencem ao final do século I e à primeira metade do século II e teve origem nas oficinas centro-itálicas e Dressel 28 com uma origem africana e itálica, e que pertence à segunda metade do século II e ao século III. A representação nestas lucernas é a de um par de golfinhos que se encontram a nadar para a direita. Estas lucernas apresentam pastas claras, finas e depuradas e com engobes laranja.



Figura 30. Representação de um golfinho (Ficha nº3). Fonte: Maia (1997)

O peixe, último animal marinho representado nesta amostra, bem como os restantes temas marinhos “... são muito frequentes na arte romana. Em frescos, em mosaicos, em cerâmica, nomeadamente em lucernas” (*Ibid*, p.110). Esta representação está presente num exemplar (**Ficha nº34**) de lucerna do tipo Loeschcke V, e estão inseridas entre o final do reinado de Cláudio e o início do século II. A representação desta lucerna é a de um peixe, virado para a esquerda, e apresenta uma pasta clara, depurada e com um engobe laranja.

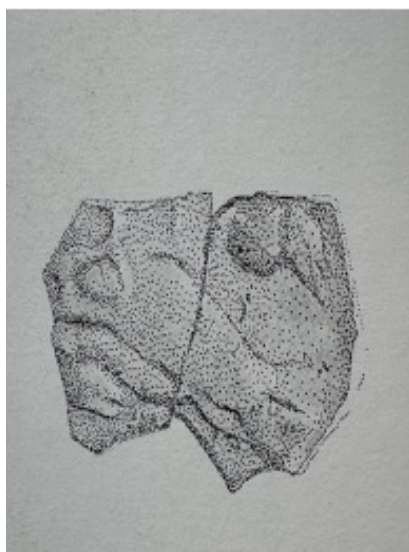


Figura 31. Representação de um peixe (Ficha nº35). Fonte: Maia (1997)

A primeira ave a ser representada é o pavão. Trata-se de um animal que sempre despertou o interesse do Homem, devido à sua beleza da sua plumagem, o que levou a que este fosse nomeada a ave sagrada de Juno. O autor (*Ibid*, p.106) refere que “No Império Romano, este animal foi representado em frescos, em mosaicos magníficos e até em lucernas. É um motivo muito utilizados nos primeiros séculos do cristianismo, como símbolo da imortalidade e do próprio Cristo”.

O pavão está representado em dois grupos: os que estão representados de forma isolada, e as representações de pavoas com as suas crias. O pavão isolado está representado em 9 exemplares (**Ficha nº48, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67 e 68**) de lucernas do tipo Dressel 20 e encontram-se inseridas no final do século I e a primeira metade do século II. A representação nestas lucernas é a de um pavão em cima de um ramo, com

o seu leque aberto e a cabeça para a esquerda, e apresentam pastas claras com um engobe laranja e amarelado.

A pavoia com as suas crias está representada em 5 exemplares (**Ficha nº2,13, 14, 59 e 61**) de lucernas do tipo Loeschcke IV e do tipo Dressel 20, e estão inseridas entre o reinado de Augusto até ao início do século II. A representação presente nestas lucernas é a de uma pavoia, virada para a direita, com a cabeça virada para a esquerda, e quatro crias que a rodeiam. Estas lucernas apresentam uma pasta clara, depurada e com um engobe alaranjado.

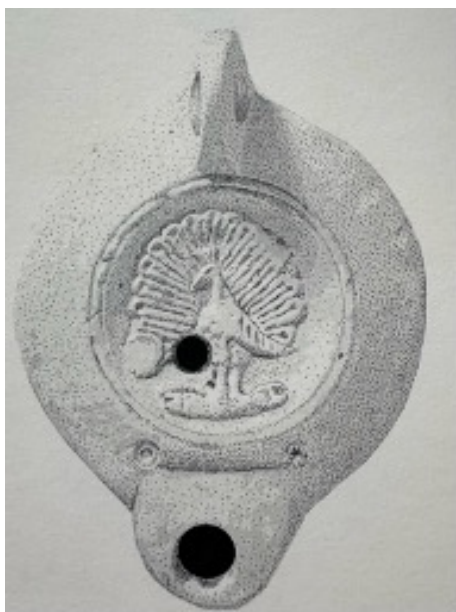


Figura 32. Representação de um pavão (Ficha nº47). Fonte: Maia (1997)

A cegonha não é uma representação muito comum nas lucernas romanas, e por isso apenas está presente em 1 exemplar (**Ficha nº6**) de lucerna do tipo Loeschcke IV, e está inserida cronologicamente entre o reinado de Augusto e o início do século II. A representação é a de uma cegonha com as asas abertas e com a cabeça virada para a direita apresentando uma pasta clara, é depurada e tem um engobe laranja.

O pombo é um animal com uma enorme simbologia pois "... é um animal normalmente associado a Vénus, ainda que esteja ligada à deusa da terra. Associada a um ramo de oliveira pode, ainda, simbolizar a Paz ou a Vitória" (*Ibid*, p.108). Este animal aparece representado em 5 exemplares (**Ficha nº56, 57, 58, 77 e 78**) de lucernas do tipo Dressel 20, inseridas cronologicamente entre o final do século I e a primeira metade do século II. A representação é a de um pombo que se encontra em cima de um ramo de uma

oliveira, e apresentam uma pasta alaranjada, pouco depurada e com um engobe de cor bege.

O galo é uma figura muito representada nas lucernas romanas, pois estes animais eram utilizados como animais de combate, estando representados de forma sozinha ou em par nas lucernas, sendo que ambos os casos estão presentes nesta coleção. O autor (*Ibid*, p.105) refere que “O galo é consagrado aos deuses solares, como Apolo, e lunares. É, também, o animal de Mercúrio que por vezes é representado cavalcando um galo”. Nesta coleção, a representação de um galo sozinho está presente em 3 exemplares (**Ficha nº69, 70 e 76**) de lucernas do tipo Dressel 20 e inseridas cronologicamente entre o final do século I e a primeira metade do século II. A representação presente nestas lucernas é a de um galo, virado para a direita, com a sua pata direita encolhida, enquanto segura uma palma, e apresentam umas pastas claras e engobes de cor laranja e amarelada.

As representações com um par de galos está presente num exemplar (**Ficha nº18**) de uma lucerna do tipo Loeschcke IV inserida, cronologicamente, entre o reinado de Augusto e o início do século II. A representação presente nesta lucerna é a de dois galos de combate, sendo que o vencedor estava de pé, enquanto o vencido está no chão. Esta lucerna apresenta uma pasta clara e um engobe laranja.

A águia, a última das aves representadas nesta coleção, é talvez o animal que maior simbologia e prestígio apresenta nesta coleção, dado este ser o “Animal sagrado de Júpiter; é o símbolo do próprio Império Romano. À frente das legiões, era transportada pelo *aquilifer* uma águia de bronze”, sendo que este é também, um animal que está ligado aos bons presságios pois uma águia “... pousou no ombro de Cláudio quando atravessava o fórum, o que foi interpretado como sinal de que o Império lhe estava destinado” (*Ibid*, p.104).

A águia encontra-se representada num exemplar (**Ficha nº20**) de uma lucerna do tipo Loeschcke IV, inserida cronologicamente, entre o reinado de Augusto e o início do século II. A representação presente nesta lucerna é a de uma águia, que se encontra isolada, virada para a direita. Esta lucerna apresenta uma pasta clara, é depurada e tem um engobe laranja.



Figura 33. Representação de uma águia (Ficha nº 20). Fonte: Maia (1997)

O único animal invertebrado a ser representado nesta coleção é o escorpião. O escorpião é um animal associado à morte de forma dolorosa. Tal como o autor (*Ibid*, p.112) refere “O escorpião foi o animal usado por Diana para matar Orion, segundo uma das versões do mito... Aparece também ligado a Mitra, a quem auxilia no sacrifício do touro”. Este animal está representado num exemplar (**Ficha nº50**) de lucerna do tipo Dressel 20, inserido cronologicamente entre o final do século I e a primeira metade do século II. A representação presente nesta lucerna é a de um escorpião que se encontra virado para a direita, e apresenta uma pasta esbranquiçada que é muito fina e depurada e não parece ter engobe.

4. Considerações Finais

O presente trabalho centra-se no estudo de lucernas decoradas do depósito votivo de Santa Bárbara com a representação animais domésticos, selvagens e mitológicos, atualmente conservadas no Museu da Lucerna, em Castro Verde.

Neste enquadramento abordámos, de modo breve, a importância social, económica, cultural e religiosa da representação destes animais na sociedade romana.

Não se trata apenas do estudo crono-tipológico das lucernas, mas também do significado das representações de animais, junto a divindades e figuras mitológicas.

Como referiu Jaime da Encarnação Calado (2012, p.132), é possível que as cerca de 20 mil lucernas recuperadas neste santuário possam estar associadas a um depósito votivo dedicado aos deuses alexandrinos. Como em épocas mais recentes da Era cristã, pressupõem-se que a devoção fosse realizada através da oferta de uma luz votiva.

No atual território português conhecem-se outros depósitos votivos de época romana, com destaque para o da Horta das Faias, em Peroguarda, e Horta do Pinto, em Faro, que possuem fortes afinidades com o de Santa Bárbara (Maia, 1997, p.21).

Apesar de ainda não ter sido encontrada nenhuma estrutura do santuário, Manuel Maia sugeriu que este poderia não ter tido cobertura. Ainda segundo Maia (1997), a presença de tanques – certamente usados para abluções rituais de purificação e de preparação para os sacrifícios – numa área colina sem acesso direto à água, poderia estar associada à existência de uma nascente sulfurosa no local e à provável veneração de divindades aquáticas. Não descarta o culto, todavia, a possibilidade de o santuário votivo poder estar associado à utilização de luz e à cremação de perfumes nos rituais religiosos, como nos rituais adotados nos santuários aos deuses egípcios, Ísis e Serápis.

O que parece certo é que as lucernas deste depósito foram utilizadas, por apresentarem vestígios da queima de combustível. As análises químicas e mineralógicas realizadas por Silvânia Afonso (2017, p.101-102) a 55 exemplares permitiram detetar o uso de óleo de sementes *Brassicaceae* (plantas herbáceas), resina de pinheiro, cera de abelha e outros óleos vegetais (provavelmente azeite), testemunhando um combustível de origem vegetal.

Como já se mencionou, das 113 lucernas estudadas, 41 são de volutas e 72 de disco, a que corresponde a seguinte distribuição tipológica: Loeschcke IB com 1 exemplar,

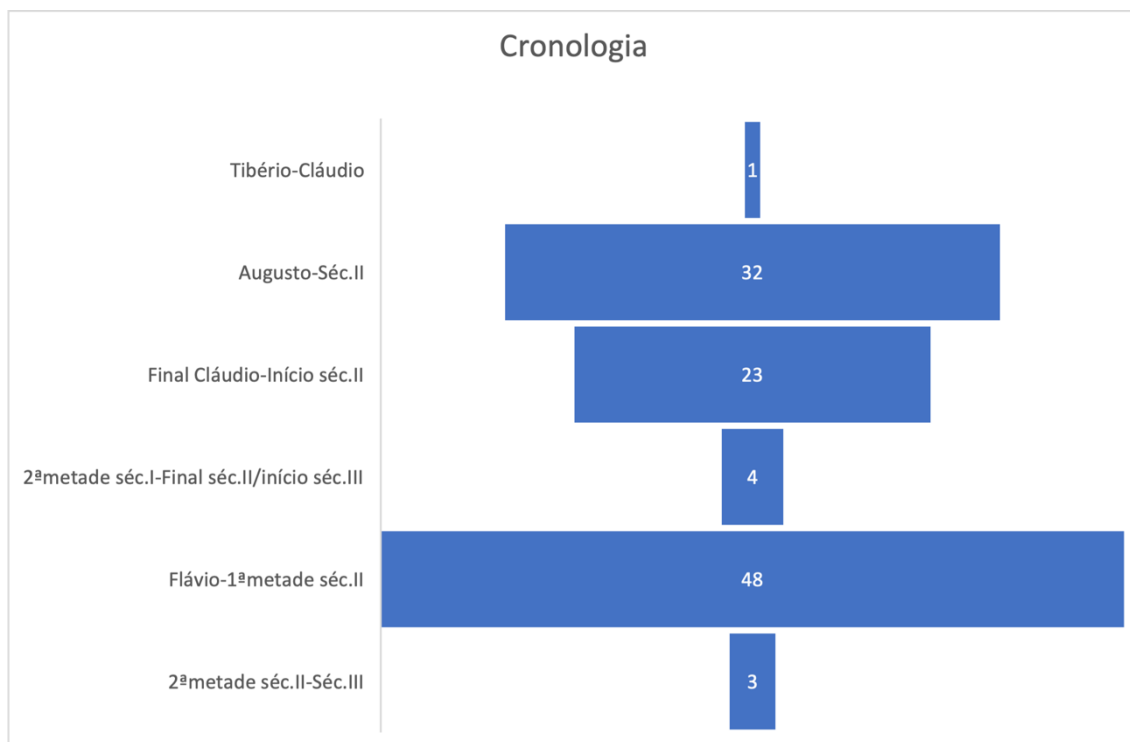
Loeschcke IV com 33 exemplares e Loeschcke V com 7 exemplares, correspondentes a lucernas de volutas, Dressel 18 com 4 exemplares, Dressel 20 com 53 exemplares e Dressel 28 com 15 exemplares, correspondentes a lucernas de disco.

Relativamente às marcas presentes nesta amostra, 78 exemplares não apresentam qualquer tipo de marcas, enquanto 34 apresentam marcas correspondentes a 9 oleiros diferentes, destacando a assinatura GABINIA com 10 exemplares, sendo que destas, 18 são lucernas de volutas e as restantes 16 são lucernas de disco. Por fim temos 1 exemplar de uma lucerna de disco com uma marca impercetível.

Deste conjunto, as lucernas mais abundantes são do tipo Dressel 20, com 53 exemplares. Do ponto de vista iconográfico são mais abundantes as representações de fauna, com 56%, com 38 exemplares de mamíferos, 25 exemplares de aves e 1 exemplar de 1 peixe. Segue-se as representações de religião e de carácter mitológico, com 39%, com 33 representações de mitos, 10 representações de divindades, e por fim, com 5% dos exemplares, temas de anfiteatro, com 6 exemplares. O tema mais representado é a dos deuses Manes, com 16 exemplares.

Dos 113 exemplares, 66 lucernas, ou seja 58%, apresentam cenas compósitas de animais e de divindades, e 47 lucernas, 42% dos exemplares, correspondem à representação de animais de forma isolada.

Em termos cronológicos, as 113 lucernas da amostra apresentam 6 cronologias distintas, como se pode comprovar pelo **Histograma 9**: o único exemplar da tipologia Loeschcke IB apresenta uma cronologia entre o reinado de Tibério e o de Cláudio; os 33 exemplares da tipologia Loeschcke IV apresentam uma cronologia entre o reinado de Augusto e o século II; os 7 exemplares da tipologia Loeschcke V apresentam uma cronologia entre o final do reinado de Cláudio e o início do século II; os 4 exemplares da tipologia Dressel 18 apresentam uma cronologia entre a segunda metade do século I e o final do século II, início do século III; os 53 exemplares da tipologia Dressel 20 apresentam uma cronologia entre o reinado de Flávio e a primeira metade do século II; e os 15 exemplares da tipologia Dressel 28 apresentam uma cronologia entre a segunda metade do século II e o século III.



Histograma 9: Cronologia das lucernas em estudo

Para além do carácter utilitário as lucernas tinham também um grande valor simbólico, podendo, muitas vezes associar-se os temas representados com um uso particular, como podia ter sido o caso do seu uso em contextos religiosos e votivos.

Como mencionámos, é possível que no caso do santuário votivo de Santa Bárbara as lucernas pudessem ter sido usadas como oferendas votivas, oferecidas pelos peregrinos na veneração dos deuses.

Não surpreende assim que muitas delas apresentem uma decoração com motivos mitológicos (Calado, 2012, p.48). A importância do santuário em época romana teria certamente pressuposto a necessidade autárquica de uma produção local ou regional, replicando, através da técnica da sobremoldagem de lucernas importadas.

Como tivemos oportunidade de observar, a representação de animais em objetos de uso diário, como as lucernas, não se limitava a uma simples representação iconográfica, mas certamente foram adaptadas com fins culturais, especialmente em contextos religiosos e votivos.

A representação de animais em distintos suportes, de entre as quais as lucernas, foi central no mundo romano, ilustrando-se aqueles domesticados e selvagens com fins variados e em distintos cenários, isoladamente ou em articulação com outros temas,

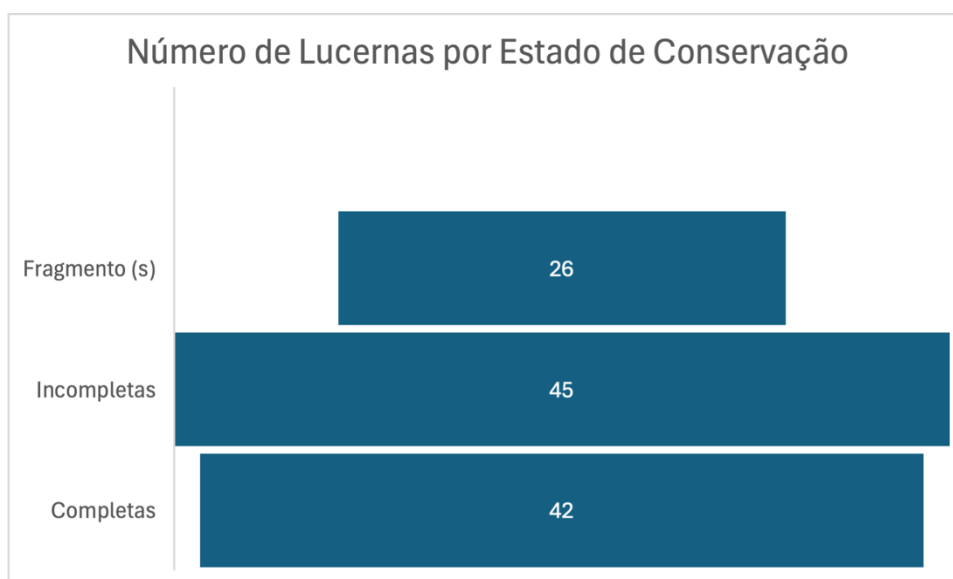
fossem eles alusivos a contexto de desporto, da mitologia e os religiosos. Não devemos descartar também a sua importância económica, nas atividades agrícolas e comerciais, bem como sinónimo de estatuto social.

Neste enquadramento, a representação de animais em lucernas e o seu uso particular em depósitos votivos são importantes fontes de informação. A par de outros objetos, como por exemplo, estatuetas em terracota e bronze, as lucernas permitem testemunhar as crenças adotadas em determinada região.

A sua presença em contextos de cariz religioso, como no depósito votivo de Santa Bárbara, pressupõem, todavia, uma devida contextualização arqueológica. Neste caso, de acordo com os dados apresentados por Manuel Maia (1997), as lucernas foram encontradas depositadas fora do seu contexto original. Tal facto impede-nos de as contextualizar nas áreas específicas em que foram depositadas, e de saber que determinados temas foram preferencialmente adotados num período e num local específico do santuário votivo.

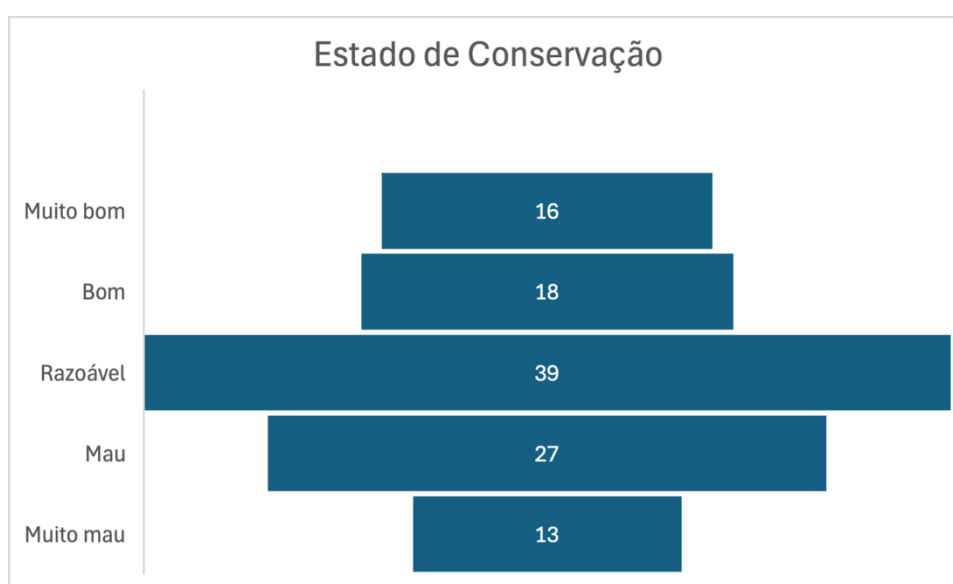
Apesar destas dificuldades podemos traçar alguns paralelismos com outros depósitos romanos conhecidos no império, como, por exemplo, o de Chastelard de Lardiers, local onde se detetaram cerca de 20 mil lucernas inteiras, mas fragmentadas o seu número pode chegar a cerca de 50 mil, e de Lachau com dez mil exemplares (Maia, 1997, p.20). Como no caso do depósito votivo de Santa Bárbara, as lucernas recolhidas neste santuário são maioritariamente de fabrico local/regional, e apenas uma terça parte importadas.

Estas lucernas são fabricadas através da sobremoldagem, que se tornou prática recorrente neste período, pode ser verificado através da análise das suas dimensões, que na maior parte dos casos são mais pequenas do que as originais, embora existam escassos exemplares, no Museu de Santa Bárbara, que apresentam dimensões maiores.



Histograma 10: Número de lucernas por estado de conservação

Das 113 lucernas que compõem a amostra, a grande maioria não são exemplares completos, apenas 42 exemplares se encontram nesta condição. Por outro lado, as lucernas incompletas perfazem 45 exemplares e os fragmentos 26 exemplares.



Histograma 11: Estado de conservação das lucernas

Relativamente ao estado de conservação dos exemplares da amostra, tal como o **Histograma 10** mostra, vemos um conjunto de lucernas com um estado de conservação razoável, com 39 exemplares; 27 exemplares apresentam um mau estado de

conservação, enquanto 13 apresentam um estado de conservação muito mau devido essencialmente ao desgaste e fragmentação que apresentam.

Por outro lado, a amostra contém 18 exemplares num bom estado de conservação e 16 num estado muito bom de conservação.

Acredita-se, portanto, que este trabalho contribuiu para o avanço do conhecimento científico do estudo das lucernas provenientes do santuário de Santa Bárbara de Padrões, Castro Verde, em linha de continuidade com trabalhos anteriores, e servir de auxílio em futuros trabalhos académicos sobre o tema.

Bibliografia

- Adkins, Lesley; Adkins, Roy (2004). *Handbook to Life in Ancient Rome*. Facts on File, Inc., New York.
- Afonso, Silvânia da Silva (2017). *Lucernas romanas do sul da Lusitânia – proveniência e combustíveis utilizados*. Dissertação de Mestrado em Química, Universidade de Évora.
- Alarcão, Adília M.; Ponte, Salette (1976). *As Lucernas Romanas do Paço Ducal de Vila Viçosa*. Universidade de Coimbra.
- Almeida, José António Ferreira de (1953). *Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal*. Lisboa: Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos.
- Ameisenowa, Zofia (1949). *Animal-Headed Gods, Evangelists, Saints and Righteous Men*. Journal of the Warburg and Courtauld Institutes, 12, pp.21-45.
- Aston, Emma (2014). Part-Animal Gods in *The Oxford Handbook of Animals in Classical Thought and Life*. Oxford University Press, pp.447-470.
- Bell, Sinclair; Willekes, Carolyn (2014). Horse Racing and Chariot Racing. In Campbell, Gordon Lindsay (2014). *The Oxford Handbook of Animals in Classical Thought and Life*. Oxford University Press, pp.585-600.
- Bonet, Paloma Cabrera; Ríaza, Alicia Rodero (2002). *Seres híbridos em las culturas del mediterráneo antiguo*. In *Seres Híbridos – Apropiación de Motivos Míticos Mediterráneos*. Madrid: Espanha. Casa de Velázquez, pp.21-25.
- Caetano, José Carlos Martins (1993). *Lucernas Romanas de Villa Cardílio (Torres Novas)*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Calado, Jaime da Encarnação (2012). *O Santuário de Santa Bárbara de Padrões – uma Perspectiva Religiosa e Artística na Lusitânia dos Séculos I a III d.C.* Dissertação de Mestrado em História da Arte, Universidade Nova de Lisboa.
- Câmara Municipal de Castro Verde. Acedido através de: <https://www.cm-castroverde.pt/>.
- Campbell, Gordon Lindsay (2014). *The Oxford Handbook of Animals in Classical Thought and Life*. Oxford University Press.
- Deneauve, Jean (1969). *Lampes de Carthage*. Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique.

- Deonna, Waldemar (1927). *L'ornementation des lampes romaines. Revue archéologique*, nº.26.
- Dictionary of Classical Mythology (1995). Brockhampton Press, London.
- Esteves, Andreia (2016). Contributo para o estudo das lucernas de produção local/regional no Norte de Portugal. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Faria, Mariana Visone (2020). *Lucernas Hispânicas do Sudoeste Peninsular. As lucernas “mineiras” de Santa Bárbara de Padrões (Castro Verde, Beja)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Franco, Cristiana (2019). *Dogs and Humans in Ancient Greece and Rome in Dog's Best Friend?*. McGill-Queen's University Press, Canada
- Grimal, Pierre (1951). Dicionário da Mitologia Grega e Romana. DIFEL 82 – Difusão Editorial, S.A. 2ª Edição.
- Harden, Alastair (2013). *Animals in the Classical World. Ethical Perspectives from Greek and Roman Texts*. The Palgrave Macmillan Animal Ethics Series, 1st Edition.
- Hopkins, Keith; Beard, Mary (2011). *The Colosseum*. Profile Books, Ltd.
- Howe, Timothy (2014). Value Economics: Animals, Wealth, and the Market. In *The Oxford Handbook of Animals in Classical Thought and Life*. Oxford University Press, pp.179-201.
- Kindt, Julia (2017). *Capturing The Ancient Animal: Human/Animal Studies and the Classics*. Journal of Hellenic Studies 137, pp.213-225.
- Kitchell Jr., Kenneth F. (2014). *Animals in the Ancient World from A to Z*. Routledge, Taylor & Francis Group, London and New York.
- Kyle, Donald G. (1998). *Spectacles of Death in Ancient Rome*. Routledge, Taylor & Francis Group, London and New York.
- Lewis, Sian; Llewellyn-Jones, Lloyd (2018). *The Culture of Animals in Antiquity. A Sourcebook with Commentaries*. Routledge, Taylor & Francis Group, London and New York.
- MacKinnon, Michael (2014). *Pets in The Oxford Handbook of Animals in Classical Thought and Life*. Oxford University Press, pp.331-346.

- Maia, Manuel; Maia, Maria Garcia Pereira (1997). *Lucernas de Santa Bárbara*. Edição Cortiçol, Castro Verde.
- Martín, F. Germán Rodríguez (2002). *Lucernas Romanas del Museo Nacional de Arte Romano (Mérida): Monografías Emeritenses-7*. Madrid.
- Martín, F. Germán Rodríguez (2005). *Las Lucernas de la Villa Romana de Torre Águila (Barbaño, Badajoz). Cuadernos Emeritenses-30*. Mérida.
- Martins, Carla Maria Braz (2008). *A exploração mineira romana e a metalurgia do ouro em Portugal*. Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais. Braga.
- Morais, Rui Manuel Lopes de Sousa (2004). *Autarcia e Comércio em Bracara Augusta no período Alto-Imperial: contribuição para o estudo económico da cidade*. I e II parte. Braga.
- Morillo Cerdán, Ángel (1992). *Ceramica Romana de Herrera de Pisuergra (Palencia-España)*. Ediciones Universidad Internacional SEK, Santiago de Chile.
- Morillo Cerdán, Ángel (1999). *Lucernas romanas em la reguón septentrional de la península ibérica*. Monographies Instrumentum. Montagnac: Éditions Monique Mergoïl, 8/2: I e II.
- Morillo Cerdán, Ángel (2015). *Lucernas romanas em Hispania: entre lo utilitário y lo simbólico*. In *Manual de cerâmica romana II – Cerâmicas romanas de época alto imperial em Hispania. Importación y producción*. Madrid.
- Nunes, Flávia Maria Magalhães (2016). *Lucernas romanas importadas no Norte de Portugal. Contributo para o seu estudo*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Nunes, João de Castro; Guerra, Amílcar; Fabião, Carlos (1990). *As Lucernas do Acampamento Militar Romano da Lomba do Canho (Arganil). Conímbriga*, XXIX, 1990, pp.69-90.
- Pereira, Carlos Samuel Pires (2008). *As Lucernas Romanas de Scallabis*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Setembro 2008.
- Pereira, Carlos (2012). *Lucernas Romanas de Ossonoba (Faro, Portugal). Um contexto Ambíguo*. Universidade de Lisboa.

- Pereira, Carlos (2013). Lucernas Romanas de Alcácer do Sal: entre a prática e o sagrado. *Al-Madan*, II série, nº17, Tomo 2, Janeiro 2013.
- Rivet, Lucien (2003). *Lampes Antiques du Golfe de Fos. Collections du Musée d'Istres et du Service du Patrimoine de Fos-sur-Mer. Production et consommation*. Édisud.
- Rupke, Jorg (2007). *A Companion to Roman Religion*. Blackwell Publishing.
- Shelton, Jo-Ann (2014). Spectacles of Animal Abuse. In *The Oxford Handbook of Animals in Classical Thought and Life*. Oxford University Press, pp.565-584.
- Smith, Steven D. (2014). *Man and Animal in Severan Rome. The Literary Imagination of Claudius Aelianus*. Cambridge University Press.
- Struck, Peter T. (2014). *Animals and Divination*. The Oxford Handbook of Animals in Classical Thought and Life, Agosto 2014.
- Tafalla, Maria Teresa Amare (1984). *Lucernas Romanas de Bilbilis*. Institucion Fernando el Catolico, Zaragoza.
- Tafalla, Maria Teresa Amare (1988). *Lucernas Romanas em Aragon*. Institucion Fernando el Catolico, Zaragoza.
- Uhde, Constantine (1872). The Lion as an Art-Subject. *The Workshop*, vol. 5, nº.7, p.97-102.
- Vegas, Mercedes (1966). “*Motivos decorativos en lucernas de disco romanas: sus antecedentes y paralelos*”. *Pyrenae*, Núm. 2, p. 81-91+I-VIII.
- Vieira, Vasco Alexandre Correia Noronha (2011). *As Lucernas Romanas da Praça da Figueira (Lisboa): Contributo para o conhecimento de Olisipo*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Setembro 2011.

Anexos

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **1** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 7-46**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IB**

Marca **Sem marca**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Augusto-Tibério**

Centro Produtor **Local**

Representação **Europa montada sobre touro**

Comprimento **8,8** cm Altura **2,6** cm

Diâmetro Máximo **6,2** cm

Largura da Asa cm

Descrição **Orifício de alimentação no eixo vertical, em baixo, fundo plano, ligeiramente côncavo ao centro**

Observações **Com marcas de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **2** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 23 - 1**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **GABINIA**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Reinado de Augusto e início do séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Pavoa com crias**

Comprimento **9** cm Altura **2** cm

Diâmetro Máximo **6** cm

Largura da Asa cm

Descrição: **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior direito. O orifício de arejamento situa-se entre as volutas para a esquerda. O fundo côncavo, é emoldurado por uma canelura e apresenta a marca GABINIA.**

Observações



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **3** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 12 - 4**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **Sem marca**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Reinado de Augusto e início do séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Golfinho isolado para a direita**

Comprimento: **9,5** cm Altura **2,5** cm

Diâmetro Máximo **7** cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação está situado no quadrante inferior direito. O orifício de respiração situa-se entre as volutas.**

Observações



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº 4 Ano 1994

Nº Inventário SB 94 – 5 - 32

Forma Lucerna de Volutas

Tipo Loeschcke IV

Marca PVF / PVF

Decoração Sim

Tipo de Decoração Volutas

Cronologia Reinado de Augusto e início do séc. II

Centro Produtor Local

Representação Cavalo

Comprimento 10,8 cm Altura 2,5 cm

Diâmetro Máximo 7,4 cm

Largura da Asa cm

Descrição O orifício de alimentação situa-se ao centro, sob o cavalo. O orifício de respiração apenas apontado, entre as volutas.

Observações Peça reconstruída através de oito fragmentos



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **5** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6 - 65**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **C.OPPI.RES.**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Reinado de Augusto e início do séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Camelo**

Comprimento **10,7** cm Altura **2,6** cm

Diâmetro Máximo **7,7** Cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação está entre as patas do camelo, no eixo vertical do camelo.**

Observações **Peça incompleta, reconstruída através de quinze fragmentos**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº 6 Ano 1994

Nº Inventário SB 94 – 7 - 11

Forma Lucerna de Volutas

Tipo Loeschcke IV

Marca Sem marca

Decoração Sim

Tipo de Decoração Volutas

Cronologia Reinado de Augusto e início do séc. II

Centro Produtor Local

Representação Cegonha

Comprimento 11 cm Altura 2,9 cm

Diâmetro Máximo 7,5 cm

Largura da Asa cm

Descrição O orifício de alimentação no quadrante inferior esquerdo, cortando a pata da cegonha. Orifício de arejamento, apenas apontado, entre as volutas.

Observações Peça reconstruída através de três fragmentos.



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **7** Ano **1994**

Nº Inventário **Sem número de inventário**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Cavalo**

Comprimento **3,1** cm Altura cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa cm Altura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se ao centro, sob o cavalo. O orifício de respiração apenas apontado, entre as volutas**

Observações **Pequeno fragmento com representação parcial da cabeça de um cavalo**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **8** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 36-13 F**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Cavalo**

Comprimento: **1,7** cm Altura cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se ao centro, sob o cavalo. O orifício de respiração apenas apontado, entre as volutas**

Observações **Pequeno fragmento com representação parcial da cabeça de um cavalo**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **9** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 5-32**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Cavalo**

Comprimento **4,6** cm Altura cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se ao centro, sob o cavalo. O orifício de respiração apenas apontado, entre as volutas**

Observações **Pequeno fragmento com a representação parcial do corpo de um cavalo**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **10** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-23 F**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**



Centro Produtor **Local**

Representação **Cavalo**

Comprimento **5,8** cm Altura **2,2** cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se ao centro, sob o cavalo. O orifício de respiração apenas apontado, entre as volutas**

Observações **Pequeno fragmento com representação do corpo de um cavalo sem cabeça. Reconstrução parcial da peça com 7 fragmentos**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **11** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-350**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **Sem marca**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**



Centro Produtor **Local**

Representação **Cavalo**

Comprimento **9,7** cm Altura **2,1** cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa cm

Descrição O orifício de alimentação situa-se ao centro, sob o cavalo. O orifício de respiração apenas apontado, entre as volutas

Observações **Peça fragmentada em 6 pedaços, com reservatório incompleto**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **12** Ano **1994**
Nº Inventário **SB 94 – 6-347**
Forma **Lucerna de Volutas**
Tipo **Loeschcke IV**
Marca **Sem marca**
Decoração
Tipo de Decoração
Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Camelo**

Comprimento cm Altura cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação está presente entre as patas do camelo, no eixo vertical do camelo**

Observações **Peça fragmentada em 3 pedaços com um camelo parcialmente representado**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **13** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-271**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **Sem marca**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Pavoa com pavõezinhos (pavoa, para a direita, com a cabeça virada para a esquerda, e uma ninhada de 4 pavõezinhos)**

Comprimento **8,8** cm Altura **2** cm

Diâmetro Máximo **6** cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior direito. O orifício de arejamento, apenas apontado, entre as volutas, para a esquerda**

Observações **Peça fragmentada. Peça reconstruída através de 6 fragmentos sem partes do depósito**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **14** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94-36-43 F**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**



Centro Produtor **Local**

Representação **Pavoa com pavõezinhos (pavoa, para a direita, com a cabeça virada para a esquerda, e uma ninhada de 4 pavõezinhos)**

Comprimento **9,6** cm Altura **2,4** cm

Diâmetro Máximo **6,7** cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior direito. O orifício de arejamento, apenas apontado, entre as volutas, para a esquerda**

Observações **Peça reconstruída através de 12 fragmentos. Falta partes do disco, do depósito e do orifício de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **15** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-41**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **GABINIA**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Bigas**

Comprimento **9,4** cm Altura **2,7** cm

Diâmetro Máximo **6,4** cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior direito. Orifício de respiração entre as volutas**

Observações **Com marcas de combustão. Peça fabricada com um descaimento do lado direito**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **16** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 26-1**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **Sem marca**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Quadrigas**



Comprimento **9,3** cm Altura **2** cm

Diâmetro Máximo **6,5** cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior direito, próximo das patas traseiras dos cavalos**

Observações **Fragmento reconstruído através de 4 partes. Falta parte inferior do depósito**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **17** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 19-61**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **Sem marca**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Venatio (Leão a derrubar um Burro)**



Comprimento **10,2** cm Altura **2,5** cm

Diâmetro Máximo **7,2** cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se na base do eixo da lucerna**

Observações **Peça fabricada com pequena inclinação.
Com marcas de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº 18 Ano 1994

Nº Inventário SB 94 – 6-341

Forma Lucerna de Volutas

Tipo Loeschcke IV

Marca PVF/PVF

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia Reinado de Augusto e início séc. II

Centro Produtor Local

Representação Dois galos de combate estando um com o peito por terra e outro de pé triunfante

Comprimento cm Altura cm

Diâmetro Máximo 7,6 cm

Largura da Asa cm Altura da Asa cm

Descrição O fundo, plano e largo (39mm), emoldurado por uma canelura apresenta a marca PVF/PVF em dupla *Planta Pedis*

Observações Peça fragmentada e semi reconstruída através de 8 fragmentos. Sem partes do depósito e orifício de combustão

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **19** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 10-1**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **C.OPPI.RES**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Urso**



Comprimento **9,7** cm Altura **2,3** cm

Diâmetro Máximo **6,9** cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior esquerdo. Orifício de arejamento apenas esboçado, entre as volutas**

Observações **Peça fabricada com m pequeno deslocamento para a direita**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **20** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 5-107**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **SL**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Águia**

Comprimento **9,7** cm Altura **2,8** cm

Diâmetro Máximo **6,8** cm

Largura da Asa cm Altura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior esquerdo. Orifício de arejamento, apenas apontado, entre as volutas**

Observações **Peça fabricada com pequeno descaimento para a direita**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **21** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 12-3**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **C.OPPI.RES**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Eros cavalgando com um Hipocampo**



Comprimento **10** cm Altura **2,5** cm

Diâmetro Máximo **7,2** cm

Largura da Asa cm Altura da Asa cm

Descrição **Moldagem pouco nítida. Pasta “beije” acinzentada dura, engobe laranja manchado, mate. Orifício de alimentação deslocado para a esquerda. Orifício de arejamento sobre a orla, à frente**

Observações **Com marcas de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **22** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 7-10**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **Sem marca**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Busto de Mercúrio, com pétaso de grandes asas abertas, caduceu sobre o ombro direito e manto esvoaçando sobre o ombro esquerdo (serpentes)**

Comprimento **9,8** cm Altura **2,5** cm

Diâmetro Máximo **6,9** cm

Largura da Asa cm

Descrição **Orifício de alimentação sobre o eixo vertical, deslocado para baixo. Orifício de arejamento aberto entre as volutas, demarcados de reservatório por uma canelura**

Observações **O cetro com as serpentes é oferta a Apolo. Com marcas de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **23** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 19-71**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **C.CORNEL.VRS**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Busto de Mercúrio, com pétaso de grandes asas abertas, caduceu sobre o ombro direito e manto esvoaçando sobre o ombro esquerdo (serpentes)**

Comprimento **10,7** cm Altura **2,4** cm

Diâmetro Máximo **7,5** cm

Largura da Asa cm Altura da Asa cm

Descrição **Orifício de alimentação sobre o eixo vertical, deslocado para baixo. Orifício de arejamento aberto entre as volutas, demarcados de reservatório por uma canelura**

Observações **O cetro com as serpentes é oferta a Apolo**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **24** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 19-72**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **GABINIA**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Sátiro**



Comprimento **9,4** cm Altura **2,7** cm

Diâmetro Máximo **6,5** cm

Largura da Asa cm

Descrição **Orifício de alimentação no eixo vertical, em baixo. Fundo largo e plano, ressaltado, dividido por uma canelura**

Observações

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **25** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 26-2**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **Sem marca**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Eros cavalgando um Hipocampo**

Comprimento **11** cm Altura **2,1** cm

Diâmetro Máximo **7** cm

Largura da Asa **2,2** cm Altura da Asa **3,8** cm

Descrição **Moldagem pouco nítida. Pasta “beije” acinzentada dura, engobe laranja manchado, mate. Orifício de alimentação deslocado para a esquerda. Orifício de arejamento sobre a orla, à frente**

Observações **Peça reconstruída parcialmente através de 5 fragmentos. Falta parte do depósito (inferior e superior, assim como parte do orifício de combustão)**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **26** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-231**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **C.OPPI.RES**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Eros cavalgando um Hipocampo**



Comprimento **9,9** cm Altura **2,5** cm

Diâmetro Máximo **7,1** cm

Largura da Asa cm

Descrição **Moldagem pouco nítida. Pasta “beije” acinzentada dura, engobe laranja mate. Orifício de alimentação deslocado para a esquerda. Orifício de arejamento sobre a orla, à frente**

Observações **Peça reconstruída parcialmente por 17 fragmentos. Falta partes laterais do depósito**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **27** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 7-76**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **Sem marca**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Venatio (Leão a derrubar um Burro)**



Comprimento **10,4** cm Altura **2** cm

Diâmetro Máximo **7,5** cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se na base do eixo da lucerna**

Observações **Peça reconstruída parcialmente através de 13 fragmentos. Falta partes do depósito e partes laterais**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº	28	Ano	1994
Nº Inventário	SB 94 – 6-111		
Forma	Lucerna de Volutas		
Tipo	Loeschcke IV		
Marca	Sem marca		
Decoração	Sim		
Tipo de Decoração	Volutas		
Cronologia	Reinado de Augusto e início séc. II		
Centro Produtor	Local		
Representação	Quadriga		
Comprimento	6	cm	Altura 2,5 cm
Diâmetro Máximo	6,8	cm	
Largura da Asa		cm	
Descrição	O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior direito, próximo das patas traseiras dos cavalos		
Observações	Peça reconstruída parcialmente através de 7 fragmentos. Falta orifício de combustão. Com marcas de combustão		

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **29** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94-36-53 F**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**



Centro Produtor **Local**

Representação **Biga**

Comprimento cm Altura **2,7** cm

Diâmetro Máximo **6,8** cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior direito. Orifício de respiração entre as volutas**

Observações **Peça reconstruída parcialmente através de 8 fragmentos. Falta grande parte do depósito, especialmente a parte inferior e orifício de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **30** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 5-31**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **PVF/PVF**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Júpiter com águia**



Comprimento **9,9** cm Altura **2,5** cm

Diâmetro Máximo **7,1** cm

Largura da Asa cm Altura da Asa cm

Descrição **Orifício de alimentação deslocado para o quadrante inferior direito. Orifício de arejamento entre as volutas**

Observações **Com vestígios de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **31** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 14-1**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **PVF/PVF**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Júpiter com águia**



Comprimento **10,7** cm Altura **2,7** cm

Diâmetro Máximo **7,2** cm

Largura da Asa cm

Descrição **Orifício de alimentação deslocado para o quadrante inferior direito. Orifício de arejamento entre as volutas**

Observações **Com vestígios de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº	32	Ano	1994	
Nº Inventário	SB 94 – 7-136			
Forma	Lucerna de Volutas			
Tipo	Loeschcke IV			
Marca	Sem marca			
Decoração	Sim			
Tipo de Decoração	Volutas			
Cronologia	Reinado de Augusto e início séc. II			
Centro Produtor	Local			
Representação	Pégaso voando para a esquerda, asas abertas para trás			
Comprimento	10	cm	Altura	cm
Diâmetro Máximo	6,9	cm		
Largura da Asa	cm		Altura da Asa	cm
Descrição	Moldagem nítida. Engobe muito manchado de castanho e negro			
Observações	Peça encontra-se fragmentada			

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **33** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 18-7**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke IV**

Marca **Sem marca**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Reinado de Augusto e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Pégaso voando para a esquerda, asas abertas para trás**

Comprimento **10** cm Altura cm

Diâmetro Máximo **6,9** cm

Largura da Asa cm Altura da Asa cm

Descrição **Moldagem pouco nítida a fraca. Engobe de má qualidade, muito desgastado**

Observações **Peça fragmentada**

Inventário Lucernas de Castro Verde

Nº **34** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 36- 2F**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke V**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Indeterminado**



Centro Produtor **Indeterminado**

Representação **Peixe**

Comprimento **4,8** cm Altura cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa cm

Descrição



Observações **Dois fragmentos colados.**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **35** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 9-34**

Forma **Lucerna de Voluta**

Tipo **Loeschcke V**

Marca **Sem marca**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Final reinado de Cláudio e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Cabra**

Comprimento **9,7** cm Altura **2,1** cm

Diâmetro Máximo **6** cm

Largura da Asa cm Altura da Asa cm

Descrição **Orifício de alimentação sobre o eixo vertical, um pouco descaído de modo a não prejudicar a figura. Orifício de respiração apenas apontado entre as volutas**

Observações **Peça reconstruída através de 6 fragmentos com o reservatório danificado e incompleto**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **36** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-29 F**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke V**

Marca **Sem marca**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Final reinado de Cláudio e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Cavalo**

Comprimento **8,2** cm Altura **1,9** cm

Diâmetro Máximo **6** cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se ao centro, sob o cavalo. O orifício de respiração apenas apontado, entre as volutas**

Observações **Peça reconstruída através de 6 fragmentos com reservatório danificado**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **37** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 17-9**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke V**

Marca **C.OPPI.RES**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Final reinado de Cláudio e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Cabra**

Comprimento **10,8** cm Altura **2,3** cm

Diâmetro Máximo **6,6** cm

Largura da Asa **2,2** cm Altura da Asa **3,2** cm

Descrição **Orifício de alimentação sobre o eixo vertical, um pouco descaído de modo a não prejudicar a figura. Orifício de respiração apenas apontado entre as volutas**

Observações **Peça reconstruída através de 7 fragmentos. Falta partes do depósito inferior e lateral. Com marcas de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **38** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 13-5**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke V**

Marca **PVF/PVF**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Final reinado de Cláudio e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Júpiter com águia**



Comprimento cm Altura **2,5** cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa cm Altura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação está deslocado para o quadrante inferior esquerdo**

Observações **Peça reconstruída através de 7 fragmentos. Falta parte do depósito e orifício de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **39** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-35**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke V**

Marca **GABINIA**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final reinado de Cláudio e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Cabeça de Júpiter sobre águia com asas abertas**



Comprimento **10,8** cm Altura **2,1** cm

Diâmetro Máximo **6,6** cm

Largura da Asa **2** cm Altura da Asa **2,8** cm

Descrição **O orifício de alimentação está deslocado para o quadrante inferior esquerdo**

Observações **Com marcas de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **40** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-206**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke V**

Marca **GABINIA**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Final do reinado de Cláudio e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Júpiter-Amon**



Comprimento: **11,2** cm Altura **2,3** cm

Diâmetro Máximo **6,7** cm

Largura da Asa **2,4** cm Altura da Asa **3,4** cm

Descrição **O orifício de alimentação está deslocado para o quadrante inferior esquerdo, quase sobre a orla**

Observações **Peça reconstruída através de 5 fragmentos. Falta parte lateral e inferior do depósito**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **41** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 5-16**

Forma **Lucerna de Volutas**

Tipo **Loeschcke V**

Marca **Sem marca**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **Final do reinado de Cláudio e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Manes (serpentes)**



Comprimento **10,4** cm Altura **2,4** cm

Diâmetro Máximo **7,3** cm

Largura da Asa cm

Descrição **Orifício de alimentação deslocado para cima**

Observações **Peça reconstruída através de 16 fragmentos. Falta a asa; faltam partes do depósito. Com marcas de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **42** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 17-3**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 18**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Entre o período dos Flávios e meados
séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Medusa**

Comprimento **9,3** cm Altura **2,1** cm

Diâmetro Máximo **7,2** cm

Largura da Asa **1,8** cm Altura da Asa **2,6** cm

Descrição **Orifício de alimentação no quadrante inferior
esquerdo. Fundo largo e plano, apenas dividido por uma
fina canelura**

Observações



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **43** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-118**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 18**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Entre o período dos Flávios e meados
séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Medusa**

Comprimento **10,4** cm Altura **1,9** cm

Diâmetro Máximo **8,2** cm

Largura da Asa **2,4** cm Altura da Asa **2,9** cm

Descrição **Orifício de alimentação no quadrante inferior
esquerdo. Fundo largo e plano, apenas dividido por uma
fina canelura**

Observações **Peça reconstruída através de 20
fragmentos. Faltam partes laterais e da
parte inferior do depósito**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **44** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 17-8**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 18**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Entre o período dos Flávios e meados
séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Medusa**

Comprimento **9,3** cm Altura **1,7** cm

Diâmetro Máximo **7,2** cm

Largura da Asa **2,2** cm Altura da Asa **2,4** cm

Descrição **Orifício de alimentação no quadrante inferior
esquerdo. Fundo largo e plano, apenas dividido por uma
fina canelura**

Observações



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **45** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-45**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 18**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Entre o período dos Flávios e meados
séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Medusa**

Comprimento **9,4** cm Altura **2,3** cm

Diâmetro Máximo **7,2** cm

Largura da Asa **2,1** cm Altura da Asa **2,6** cm

Descrição **Orifício de alimentação no quadrante inferior
esquerdo. Fundo largo e plano, apenas dividido por uma
fina canelura**

Observações **Peça reconstruída através de 2
fragmentos. Falta parte inferior do
depósito**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **46** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 16-14**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Q.IVNI.SIC**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final do Período dos Flávios e início do Reinado de Adriano**

Centro Produtor **Local**

Representação **Urso**

Comprimento **9,7** cm Altura **1,6** cm

Diâmetro Máximo **7** cm

Largura da Asa **2,1** cm Altura da Asa **2,8** cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior esquerdo. Orifício de arejamento apenas esboçado, entre as volutas**

Observações **Peça reconstruída através de 3 fragmentos. Falta pequeno fragmento na parte inferior do depósito**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº 47 Ano 1994

Nº Inventário SB 94 – 6 – 4F

Forma Lucerna de Disco

Tipo Dressel 20

Marca Sem marca

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia Final do Período dos Flávios e início do
Reinado de Adriano

Centro Produtor Local

Representação Cão

Comprimento 7,5 cm Altura cm

Diâmetro Máximo 6 cm

Largura da Asa 3,5 cm Altura da Asa 3,4 cm

Descrição O orifício de alimentação encontra-se entre
as patas do animal, no eixo do disco.

Observações Peça reconstruída através de dois
fragmentos colados



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **48** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 19 - 58**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **CATILIVES**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade do séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Pavão**

Comprimento **10** cm Altura **1,5** cm

Diâmetro Máximo **7,2** cm

Largura da Asa **2,3** cm Altura da Asa **3,5** cm

Descrição **O orifício de alimentação está situado no quadrante inferior esquerdo**

Observações **Peça reconstruída a partir de seis fragmentos**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **49** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6 – 14F**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final do séc. I e primeira metade do séc.II**



Centro Produtor **Local**

Representação **Carneiro**

Comprimento **6,3** cm Altura cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação encontra-se entre as patas do carneiro sobre o eixo vertical, na sua metade inferior.**

Observações **Peça com dois fragmentos**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **50** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6 – 75F**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final do séc. I e primeira metade do séc.II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Escorpião**



Comprimento **7** cm Altura **2,5** cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se perto do eixo vertical da lucerna, cortando parte das patas do escorpião.**

Observações **Peça com dois fragmentos**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **51** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 16-65**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**



Centro Produtor **Local**

Representação **Grifo**

Comprimento **6,2** cm Altura cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa **2,6** cm

Descrição **Moldagem muito nítida**

Observações **Peça fragmentada**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **52** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 19-19**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **D**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Grifo**

Comprimento **10,2** cm Altura **2** cm

Diâmetro Máximo **7** cm

Largura da Asa **2,3** cm

Descrição **Moldagem pouco nítida**



Observações **Peça inteira, com vestígios de
combustão e com a marca colocada por
baixo do orifício de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **53** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 16-7**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Reinado de Cláudio**



Centro Produtor **Local**

Representação **Par de Golfinhos para a direita**

Comprimento **9,4** cm Altura **2,4** cm

Diâmetro Máximo **7,4** cm

Largura da Asa cm

Descrição **O fundo é liso e emoldurado por uma canelura**

Observações **Asa fragmentada**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **54** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 5-26**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Sereia**

Comprimento **10,2** cm Altura **2** cm

Diâmetro Máximo **6,9** cm

Largura da Asa **2,2** cm Altura da Asa **2,7** cm

Descrição **Orifício de alimentação deslocado para o quadrante inferior esquerdo e interrompendo um pouco a asa deste lado. Fundo ressaltado, “em bolacha” (31mm)**

Observações **Sem asa perfurada**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **55** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 7-2**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Sereia**

Comprimento **10,1** cm Altura **1,9** cm

Diâmetro Máximo **6,6** cm

Largura da Asa **2,2** cm Altura da Asa **3,4** cm

Descrição **Orifício de alimentação deslocado para o quadrante inferior esquerdo e interrompendo um pouco a asa deste lado. Fundo ressaltado, “em bolacha” (31mm)**

Observações **Com marcas de combustão**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **56** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 20-8**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Pombo**



Comprimento **8,8** cm Altura **2,5** cm

Diâmetro Máximo **7** cm

Largura da Asa **2,4** cm Altura da Asa **3,1** cm

Descrição **O orifício de alimentação está descentrado e colocado no limite do disco, no quadrante inferior direito**

Observações **Peça reconstruída através de 2 fragmentos. Sem bico de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **57** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-314**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **IVNIALEXI**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Pombo**



Comprimento **9,4** cm Altura **2,3** cm

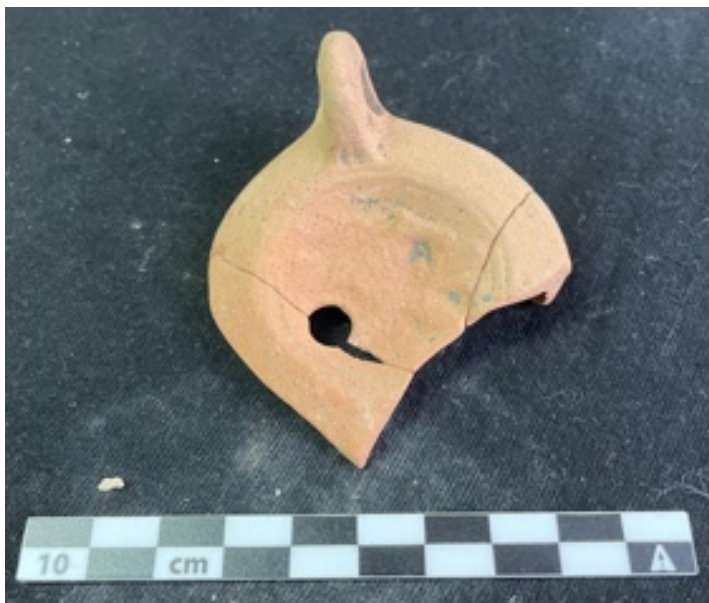
Diâmetro Máximo **6,5** cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação está descentrado e colocado no limite do disco, no quadrante inferior direito**

Observações **Peça reconstruída através de 12 fragmentos, faltando partes do depósito e do orifício de combustão. Com asa partida**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **58** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 17-58**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Pombo**



Comprimento **7,8** cm Altura **1,5** cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa **2,1** cm Altura da Asa **2,5** cm

Descrição **O orifício de alimentação está descentrado e colocado no limite do disco, no quadrante inferior direito**

Observações **Peça composta por 3 fragmentos da parte superior do depósito**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº 59 Ano 1994

Nº Inventário SB 94 – 17-12

Forma Lucerna de Disco

Tipo Dressel 20

Marca CATILIVES

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia Final séc. I e 1ª metade séc. II

Centro Produtor Local

Representação Pavia com pavõezinhos (patas da pavia cortadas, bem como um dos pavõezinhos)

Comprimento 9,7 cm Altura 1,6 cm

Diâmetro Máximo 7,4 cm

Largura da Asa 2,2 cm Altura da Asa 2,5 cm

Descrição Orifício de alimentação levemente deslocado para a direita do eixo vertical no quadrante inferior direito e corta as patas da pavia bem como a parte superior de um dos pavõezinhos

Observações Com marcas de combustão



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **60** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 30-7**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Pavão**



Comprimento **9,2** cm Altura **2,4** cm

Diâmetro Máximo **6,5** cm

Largura da Asa **2,4** cm Altura da Asa **2,5** cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior esquerdo**

Observações **Com marcas de combustão. Depósito incompleto**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **61** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-60**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **GABINIA**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e início séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Pavoa com pavõezinhos (patas da pavoia cortadas, bem como um dos pavõezinhos)**

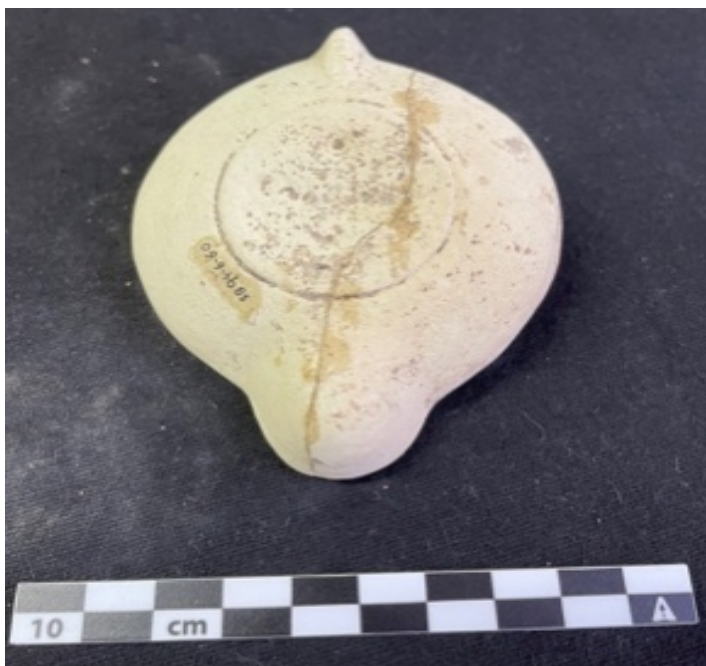
Comprimento **9,6** cm Altura **1,6** cm

Diâmetro Máximo **7,3** cm

Largura da Asa **2,2** cm Altura da Asa **2,6** cm

Descrição **Orifício de alimentação levemente deslocado para a direita do eixo vertical no quadrante inferior direito e corta as patas da pavoia bem como a parte superior de um dos pavõezinhos**

Observações **Com marcas de combustão. Peça reconstruída através de 5 fragmentos**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **62** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-112 F**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Pavão**

Comprimento **6** cm Altura cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior esquerdo**

Observações **Fragmento do disco**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **63** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 17-95**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Pavão**

Comprimento **6,8** cm Altura cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior esquerdo**

Observações **Fragmentos do disco**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **64** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 36-7 F**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Pavão**

Comprimento **3** cm Altura cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior esquerdo**

Observações **Fragmento**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº 65 Ano 1994

Nº Inventário SB 94 – 36-10 F

Forma Lucerna de Disco

Tipo Dressel 20

Marca Sem marca

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia Final séc. I e 1ª metade séc. II

Centro Produtor Local

Representação Pavão

Comprimento 3,3 cm Altura cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa cm Altura da Asa cm

Descrição O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior esquerdo

Observações Fragmento



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **66** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 36-9 F**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Pavão**

Comprimento **2,3** cm Altura cm

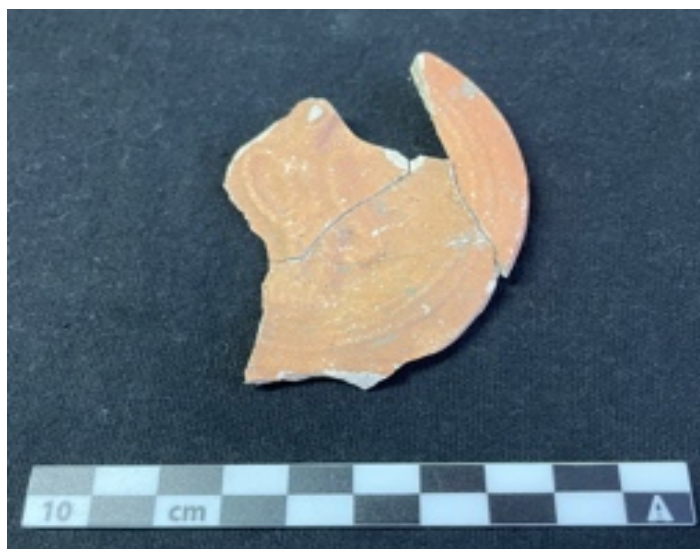
Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior esquerdo**

Observações **Fragmento**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **67** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94-6-112 F**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Pavão**

Comprimento **6,8** cm Altura cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa cm Altura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior esquerdo**

Observações **Parte do disco reconstruído através de 4 fragmentos**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **68** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 32-1**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **I**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Pavão**



Comprimento **9,9** cm Altura **1,8** cm

Diâmetro Máximo **7,2** cm

Largura da Asa **2,3** cm Altura da Asa **2,6** cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior esquerdo**

Observações **Com marcas de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº 69 Ano 1994

Nº Inventário SB 94 – 44-9

Forma Lucerna de Disco

Tipo Dressel 20

Marca Sem marca

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia Final séc. I e 1ª metade séc. II

Centro Produtor Local

Representação Galo para a direita, com a pata direita encolhida e segurando uma palma que lhe passa por trás

Comprimento 9,6 cm Altura 2 cm

Diâmetro Máximo 6,8 cm

Largura da Asa 2,2 cm Altura da Asa 2,7 cm

Descrição O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior esquerdo



Observações Peça reconstruída através de 18 fragmentos. Reconstrução parcial. Falta uma parte lateral do depósito e parte do orifício de combustão

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **70** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 34-11**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Galo para a direita, com a pata direita encolhida e segurando uma palma que lhe passa por trás**

Comprimento **10** cm Altura **2** cm

Diâmetro Máximo **7,4** cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior esquerdo**

Observações **Peça reconstruída através de 8 fragmentos. Falta parte lateral do depósito**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **71** Ano **1994**
Nº Inventário **SB 94 – 6-37**
Forma **Lucerna de Disco**
Tipo **Dressel 20**
Marca **Sem marca**
Decoração
Tipo de Decoração
Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Cães e Lebres**



Comprimento **10,5** cm Altura **2,1** cm

Diâmetro Máximo **7,9** cm

Largura da Asa cm

Descrição O orifício de alimentação situa-se à esquerda do eixo vertical, praticamente sobre o eixo horizontal

Observações **Falta parte inferior do depósito, e do orifício de combustão. Com vestígios de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **72** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 1-22**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Cães e Lebres**



Comprimento **9,8** cm Altura **2,3** cm

Diâmetro Máximo **7** cm

Largura da Asa **2,3** cm Altura da Asa **2,7** cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se à esquerda do eixo vertical, praticamente sobre o eixo horizontal**

Observações **Peça reconstruída através de 7 fragmentos. Falta parte do depósito e do orifício de combustão. Com marcas de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **73** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 5-120**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Q.IVNI.SIC**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Lebre**



Comprimento **9,3** cm Altura **2** cm

Diâmetro Máximo **7** cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior direito**

Observações **Falta uma parte do orifício de combustão e da asa**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **74** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-380**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Lebre**



Comprimento **7,5** cm Altura **2** cm

Diâmetro Máximo **7** cm

Largura da Asa **2,2** cm Altura da Asa **2,5** cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior direito**

Observações **Peça reconstruída através de 9 fragmentos. Falta parte do depósito e o orifício de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **75** Ano **1994**
Nº Inventário **SB 94 – 21-10**
Forma **Lucerna de Disco**
Tipo **Dressel 20**
Marca **Sem marca**
Decoração
Tipo de Decoração
Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**



Centro Produtor **Local**
Representação **Cães e Lebres**

Comprimento cm Altura cm
Diâmetro Máximo **7,4** Cm
Largura da Asa Cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se à esquerda do eixo vertical, praticamente sobre o eixo horizontal**

Observações **Fragmento reconstruído através de 3 partes**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **76** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 5-5**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **NVN DINI**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Galo para a direita, com a pata direita encolhida e segurando uma palma que lhe passa por trás**

Comprimento **10** cm Altura **1,5** cm

Diâmetro Máximo **7** cm

Largura da Asa **2,5** cm Altura da Asa **2,9** cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior esquerdo**

Observações **Com marcas de combustão. Por baixo encontra-se o sinal subsidiário “falo”**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **77** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 28-1**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **IVNIALEXI**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Pombo**

Comprimento **9,4** cm Altura **2,4** cm

Diâmetro Máximo **6,6** cm

Largura da Asa **2,3** cm Altura da Asa **2,7** cm

Descrição **O orifício de alimentação está descentrado e colocado no limite do disco, no quadrante inferior direito**

Observações **Lucerna “Pequena Laranja”**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **78** Ano **1994**
Nº Inventário **SB 94 – 31-2**
Forma **Lucerna de Disco**
Tipo **Dressel 20**
Marca **IVNIALEXI**
Decoração
Tipo de Decoração
Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Pombo**

Comprimento **9,1** cm Altura **2** cm

Diâmetro Máximo **6,6** cm

Largura da Asa cm

Descrição **O orifício de alimentação está descentrado e colocado no limite do disco, no quadrante inferior direito**

Observações **Pequena laranja com marcas de combustão. Asa partida**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **79** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-42**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Q.IVNI.SIC**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Lebre**

Comprimento **9,5** cm Altura **2** cm

Diâmetro Máximo **6,8** cm

Largura da Asa **1,9** cm Altura da Asa **2,7** cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior direito**

Observações



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº 80 Ano 1994

Nº Inventário SB 94 – 6-282

Forma Lucerna de Disco

Tipo Dressel 20

Marca Sem marca

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia Final séc. I e 1ª metade séc. II

Centro Produtor Local

Representação Lebre



Comprimento 10,8 cm Altura 1,5 cm

Diâmetro Máximo 7,6 cm

Largura da Asa 2,5 cm Altura da Asa 2,8 cm

Descrição O orifício de alimentação situa-se no quadrante inferior direito

Observações Peça reconstruída parcialmente através de 15 fragmentos. Falta depósito e orifício de combustão

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **81**

Ano

1994

Nº Inventário **SB 94 – 5-15**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **NNAELVCI**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Cães e Lebres**



Comprimento **10,5** cm Altura **2,1** cm

Diâmetro Máximo **7,7** cm

Largura da Asa **2,4** cm Altura da Asa **3** cm

Descrição **O orifício de alimentação situa-se à esquerda do eixo vertical, praticamente sobre o eixo horizontal**

Observações

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **82** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-109 F**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Corça**



Comprimento cm Altura cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa cm

Descrição **Moldagem nítida**

Observações **Fragmento composto por 3 pedaços**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **83** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 7-71**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

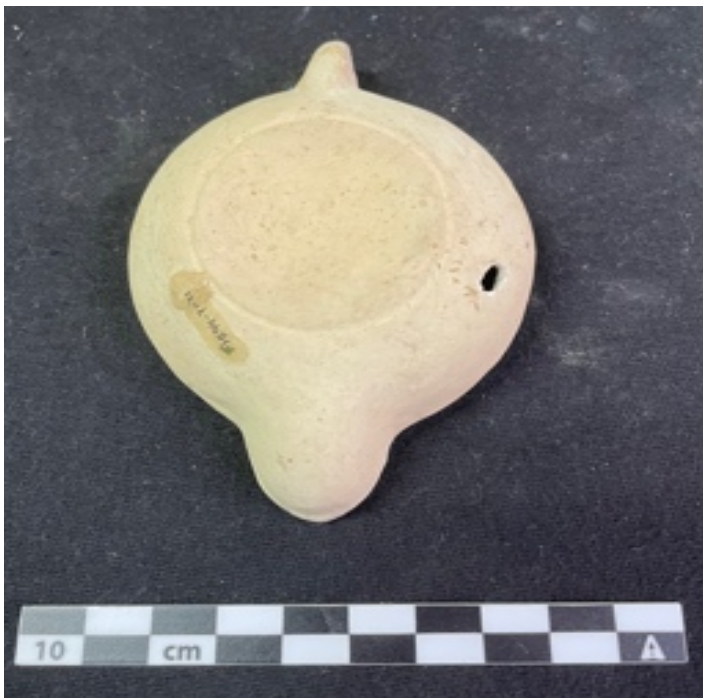
Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Manes (serpentes)**



Comprimento **10,1** cm Altura **2** cm

Diâmetro Máximo **6,9** cm

Largura da Asa **2,5** cm

Descrição **Orifício de alimentação deslocado para cima**

Observações **Peça fabricada com ligeiro descaimento à direita. Com asa partida. Com vestígios de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **84** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-94 F**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **GABINIA**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Manes (serpentes)**



Comprimento **10,1** cm Altura **2,4** cm

Diâmetro Máximo **6,9** cm

Largura da Asa **2,3** cm Altura da Asa **3,3** cm

Descrição **Orifício de alimentação deslocado para cima**

Observações **Peça reconstruída através de 2 fragmentos. Falta parte superior do depósito. Com marcas de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **85** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-43**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Manes (serpentes)**

Comprimento **10** cm Altura **1,8** cm

Diâmetro Máximo **7** cm

Largura da Asa **2,5** cm Altura da Asa **3,1** cm

Descrição **Orifício de alimentação deslocado para cima**

Observações **Falta parte inferior do depósito. Com
marca de combustão**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **86** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 5-4**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Manes (serpentes)**

Comprimento **10,2** cm Altura **2,1** cm

Diâmetro Máximo **7,3** cm

Largura da Asa **2,5** cm Altura da Asa **3,4** cm

Descrição **Orifício de alimentação deslocado para cima**

Observações **Com marcas de combustão**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **87** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 29-3**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Manes (serpentes)**



Comprimento **10** cm Altura **2,1** cm

Diâmetro Máximo **6,9** cm

Largura da Asa **2,7** cm Altura da Asa cm

Descrição **Orifício de alimentação deslocado para cima**

Observações **Peça reconstruída através de 3 fragmentos. Falta parte inferior do depósito**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **88** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 5-103**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **GABINIA**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Manes (serpentes)**



Comprimento cm Altura **1,9** cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa **2,4** cm Altura da Asa **3,1** cm

Descrição **Orifício de alimentação deslocado para cima**

Observações **Peça reconstruída através de 5 fragmentos. Falta parte da orla, depósito e orifício de combustão. Com marcas de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **89** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 5-147**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Manes (serpentes)**



Comprimento cm Altura **2,1** cm

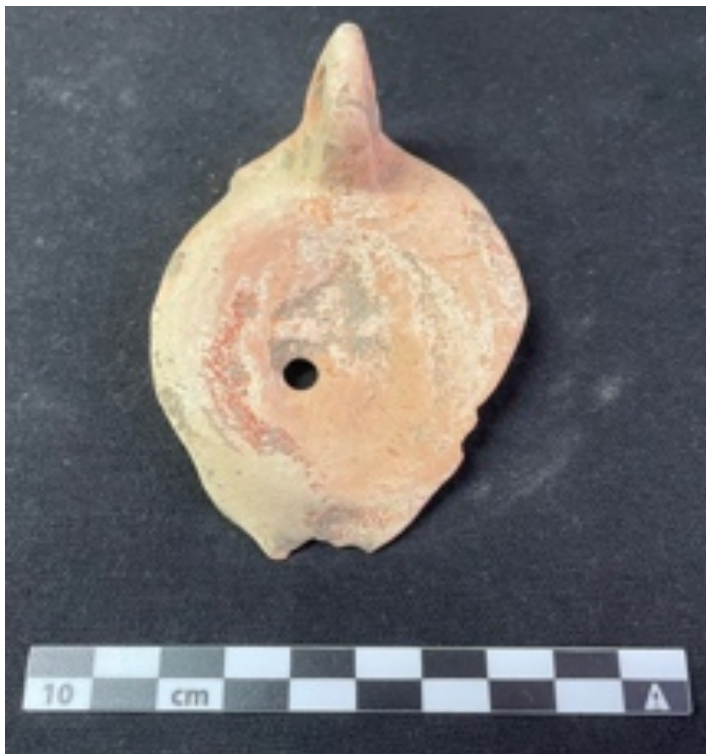
Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa **2,3** cm Altura da Asa **3,1** cm

Descrição **Orifício de alimentação deslocado para cima**

Observações **Peça muito incompleta. Falta depósito e orifício de combustão. Reconstrução parcial através de 13 fragmentos**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **90** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-88 F**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo: **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

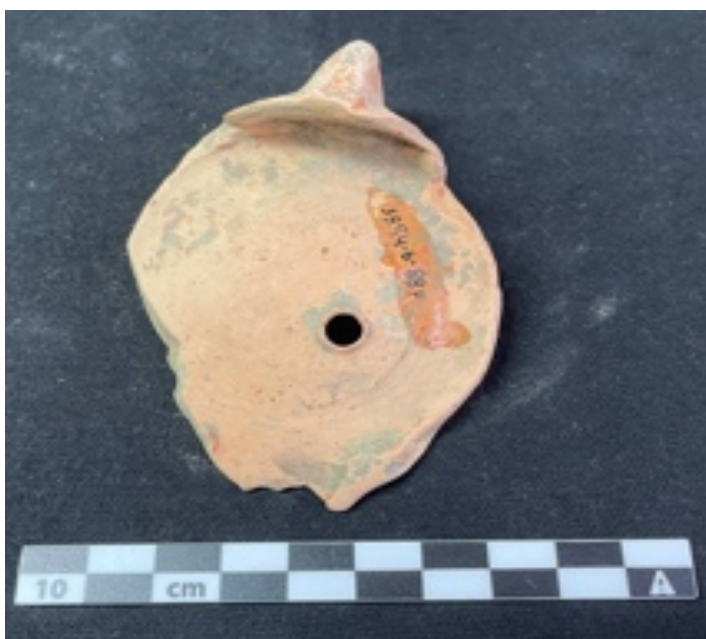
Representação **Manes (serpentes)**

Comprimento cm Altura cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa **2,5 cm** Altura da Asa **3,3 cm**

Descrição **Orifício de alimentação deslocado para cima**



Observações **Peça muito incompleta. Fragmento do depósito e asa**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **91** Ano **1994**
 Nº Inventário **SB 94 – 6-383**
 Forma **Lucerna de Disco**
 Tipo **Dressel 20**
 Marca **Sem marca**
 Decoração
 Tipo de Decoração
 Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**



Centro Produtor **Local**
 Representação **Manes (serpentes)**
 Comprimento cm Altura cm
 Diâmetro Máximo cm
 Largura da Asa **2,6 cm** Altura da Asa **3,1 cm**
 Descrição **Orifício de alimentação deslocado para cima**

Observações **Peça incompleta, reconstruído com 3 pequenos fragmentos. Apenas possui uma parte do depósito lateral e da asa**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **92** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-86 F**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Manes (serpente)**

Comprimento cm Altura cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa **2,3 cm** Altura da Asa. **3 cm**

Descrição **Orifício de alimentação deslocado para cima**



Observações **Peça incompleta. Possui apenas parte lateral do depósito e da asa**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **93** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-118 F**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Manes (serpentes)**

Comprimento cm Altura cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa cm Altura da Asa cm

Descrição **Orifício de alimentação deslocado para cima**

Observações **Fragmento reconstruído por 3 pequenos pedaços**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **94** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94-6-120 F**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Manes (serpentes)**

Comprimento cm Altura cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa **2,6 cm** Altura da Asa **3,5 cm**

Descrição **Orifício de alimentação deslocado para cima**

Observações **Fragmento composto por 3 pedaços da peça. A asa está completa**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº 95 Ano 1994

Nº Inventário SB 94 – 6-331

Forma Lucerna de Disco

Tipo Dressel 20

Marca Sem marca

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia Final séc. I e 1ª metade séc. II

Centro Produtor Local

Representação Hércules no jardim das Hespérides

Comprimento 6 cm Altura cm

Diâmetro Máximo 5 cm

Largura da Asa 2 cm Altura da Asa 2,4 cm

Descrição Moldagem pouco nítida

Observações A peça encontra-se fragmentada

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **96** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-379**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 20**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **Final séc. I e 1ª metade séc. II**

Centro Produtor **Local**

Representação **Hércules no jardim das Hespérides**



Comprimento **6,5** cm Altura cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa cm Altura da Asa cm

Descrição **Moldagem fraca**

Observações **Peça incompleta e fragmentada**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **97** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 7-7**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 28**

Marca **GABINIA**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **2ª metade séc. II e séc. III**

Centro Produtor **Local**

Representação **Manes (serpentes)**

Comprimento cm Altura **2,2** cm

Diâmetro Máximo **7,3** cm

Largura da Asa cm

Descrição **Orifício de alimentação deslocado para cima**



Observações **Peça reconstruída através de 8 fragmentos. Falta parte do depósito e do orifício de combustão e da asa**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **98** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 7-75**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 28**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **2ª metade séc. II e séc. III**

Centro Produtor **Local**

Representação **Manes (serpentes)**



Comprimento cm Altura **2,1** cm

Diâmetro Máximo **7** cm

Largura da Asa **2,4** cm Altura da Asa **2,3** cm

Descrição **Orifício de alimentação deslocado para cima**

Observações **Falta grande parte do depósito e do orifício de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **99** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 9-4**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 28**

Marca **Marca impercetível**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **2ª metade séc. II e séc. III**

Centro Produtor **Local**

Representação **Par de Golfinhos para a direita**



Comprimento **10,3** cm Altura **2,3** cm

Diâmetro Máximo **7,7** cm

Largura da Asa **3,5** cm

Descrição **O fundo é liso e emoldurado por uma canelura**

Observações **Marcas de combustão. Possui uma marca na face posterior do orifício de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **100** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 7-58**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 28**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **2ª metade séc. II e séc. III**

Centro Produtor **Local**

Representação **Par de Golfinhos para a direita**

Comprimento **9,3** cm Altura **2,5** cm

Diâmetro Máximo **7,2** cm

Largura da Asa **2,5** cm Altura da Asa **3,5** cm

Descrição **O fundo é liso e emoldurado por uma canelura**

Observações **Peça reconstruída através de dois fragmentos**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **101** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 29-5**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 28**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **2ª metade séc. II e séc. III**

Centro Produtor **Local**

Representação **Par de Golfinhos para a direita**



Comprimento **10** cm Altura **2,2** cm

Diâmetro Máximo **7,8** cm

Largura da Asa **2,3cm** Altura da Asa **3,5** cm

Descrição **O fundo é liso e emoldurado por uma canelura**

Observações **Com vestígios de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **102** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 29-1**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 28**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **2ª metade séc. II e séc. III**

Centro Produtor **Local**

Representação **Par de Golfinhos para a direita**



Comprimento **9,2** cm Altura **2,2** cm

Diâmetro Máximo **7,4** cm

Largura da Asa **2,5** cm Altura da Asa **3** cm

Descrição **O fundo é liso e emoldurado por uma canelura**

Observações **Peça sem orifício de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **103** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 5-30**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 28**

Marca **Sem marca**

Decoração **Sim**

Tipo de Decoração **Volutas**

Cronologia **2ª metade séc. II e séc. III**

Centro Produtor **Local**

Representação **Golfinho isolado para a direita**

Comprimento **9,7** cm Altura **2,3** cm

Diâmetro Máximo **7,5** cm

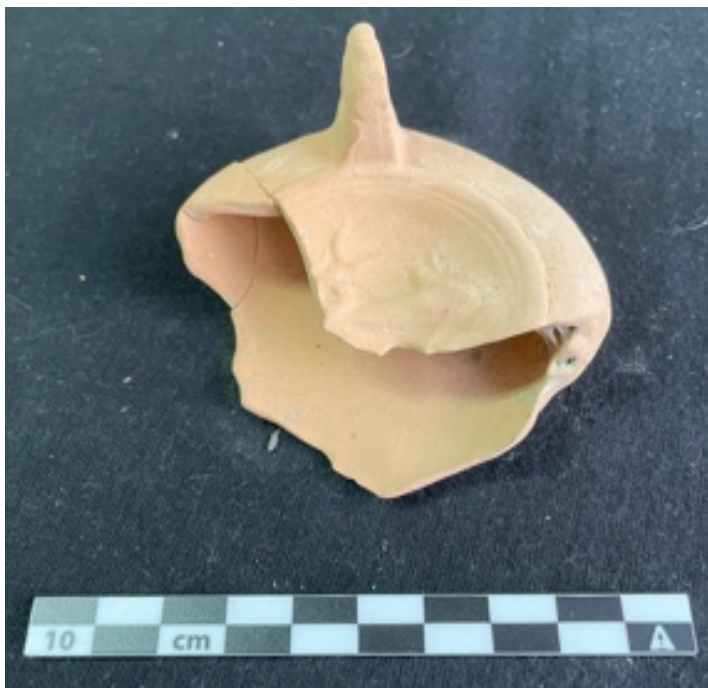
Largura da Asa **2,6cm** Altura da Asa **3,3** cm

Descrição **O orifício de alimentação está situado no quadrante inferior direito. O orifício de respiração situa-se entre as volutas**

Observações **Peça reconstruída através de 4 fragmentos. Com vestígios de combustão**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **104** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-235**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 28**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **2ª metade séc. II e séc. III**

Centro Produtor **Local**

Representação **Par de Golfinhos para a direita**



Comprimento **8,5** cm Altura **2,6** cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa **2,4**cm Altura da Asa **3,4** cm

Descrição **O fundo é liso e emoldurado por uma canelura**

Observações **Peça incompleta. Reconstrução parcial do depósito de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **105** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 16-53**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 28**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **2ª metade séc. II e séc. III**

Centro Produtor **Local**

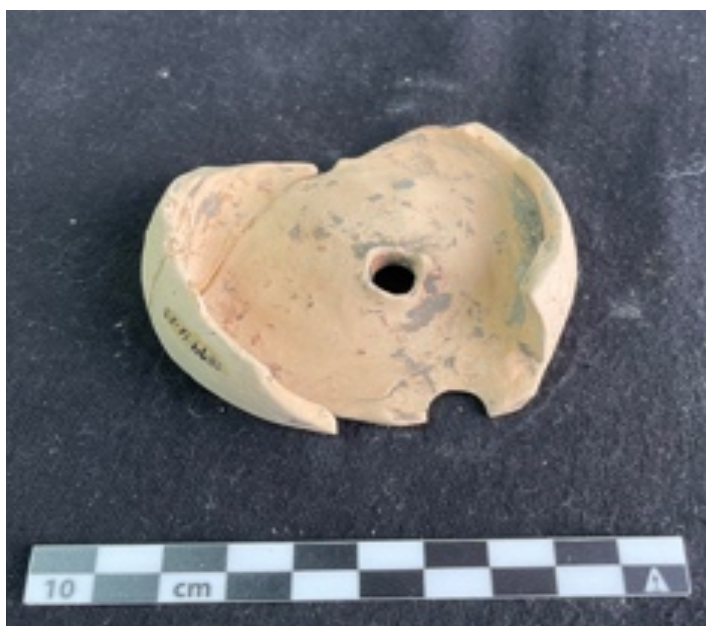
Representação **Par de Golfinhos para a direita**

Comprimento cm Altura cm

Diâmetro Máximo **7,7** cm

Largura da Asa cm

Descrição **O fundo é liso e emoldurado por uma canelura**



Observações **Peça composta por 4 fragmentos do depósito. Com marcas de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **106** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-90 F**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 28**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **2ª metade séc. II e séc. III**



Centro Produtor **Local**

Representação **Par de Golfinhos para a direita**

Comprimento cm Altura cm

Diâmetro Máximo **7,7** cm

Largura da Asa cm

Descrição **O fundo é liso e emoldurado por uma canelura**

Observações **Reconstrução da parte superior do depósito através de 3 fragmentos**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **107** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-125 F**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 28**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **2ª metade séc. II e séc. III**

Centro Produtor **Local**

Representação **Par de Golfinhos para a direita**

Comprimento cm Altura cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa cm

Descrição **O fundo é liso e emoldurado por uma canelura**



Observações **Pequeno fragmento do depósito com a representação parcial de dois golfinhos**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **108** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 7-139**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 28**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **2ª metade séc. II e séc. III**

Centro Produtor **Local**

Representação **Cão**

Comprimento **8,5** cm Altura **2** cm

Diâmetro Máximo **6,8** cm

Largura da Asa **2,2** cm Altura da Asa **2,4** cm

Descrição **O orifício de alimentação encontra-se entre as patas do animal, no eixo do disco**

Observações **Falta orifício de combustão**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **109** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 7-132**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 28**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **2ª metade séc. II e séc. III**

Centro Produtor **Local**

Representação **Cão**

Comprimento **7,5** cm Altura **1,6** cm

Diâmetro Máximo cm

Largura da Asa **2,7** cm Altura da Asa **3** cm

Descrição **O orifício de alimentação encontra-se entre as patas do animal, no eixo do disco**

Observações **Fragmento do disco**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **110** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 9-20**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 28**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **2ª metade séc. II e séc. III**

Centro Produtor **Local**

Representação **Sileno**



Comprimento **8,8** cm Altura **2,7** cm

Diâmetro Máximo **7** cm

Largura da Asa cm

Descrição **Moldagem pouco nítida. Pasta esbranquiçada, engobe laranja, com algum brilho. Dois orifícios de alimentação, em baixo de cada lado da figura. Fundo plano largo (41mm)**

Observações **Peça reconstruída através de 6 fragmentos. Falta parte do orifício de combustão**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **111** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-3**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 28**

Marca **GABINIA**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **2ª metade séc. II e séc. III**

Centro Produtor **Local**

Representação **Manes (serpentes)**

Comprimento **10** cm Altura **1,9** cm

Diâmetro Máximo **7,1** cm

Largura da Asa **2,3** cm Altura da Asa **3,7** cm

Descrição **Orifício de alimentação deslocado para cima**

Observações **Peça reconstruída através de 7 fragmentos**



Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **112** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 12-2**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 28**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **2ª metade séc. II e séc. III**

Centro Produtor **Local**

Representação **Pégaso, andando para a esquerda, asas levantadas, a meio das quais se observa um elemento que poderá ser um caduceu**

Comprimento **7** cm Altura cm

Diâmetro Máximo **3,4** cm

Largura da Asa cm Altura da Asa cm

Descrição **Moldagem muito nítida**

Observações **Engobe amarelado mate, manchado de castanho escuro**

Inventário Lucernas de Castro Verde



Nº **113** Ano **1994**

Nº Inventário **SB 94 – 6-334**

Forma **Lucerna de Disco**

Tipo **Dressel 28**

Marca **Sem marca**

Decoração

Tipo de Decoração

Cronologia **2ª metade séc. II e séc. III**

Centro Produtor **Local**

Representação **Pégaso, andando para a esquerda, asas levantadas, a meio das quais se observa um elemento que poderá ser um caduceu**

Comprimento **6,7** cm Altura cm

Diâmetro Máximo **5,8** cm

Largura da Asa cm Altura da Asa cm

Descrição **Moldagem nítida, ainda que um pouco defeituosa na orla**

Observações **Engobe alaranjado mate**

Fotografias

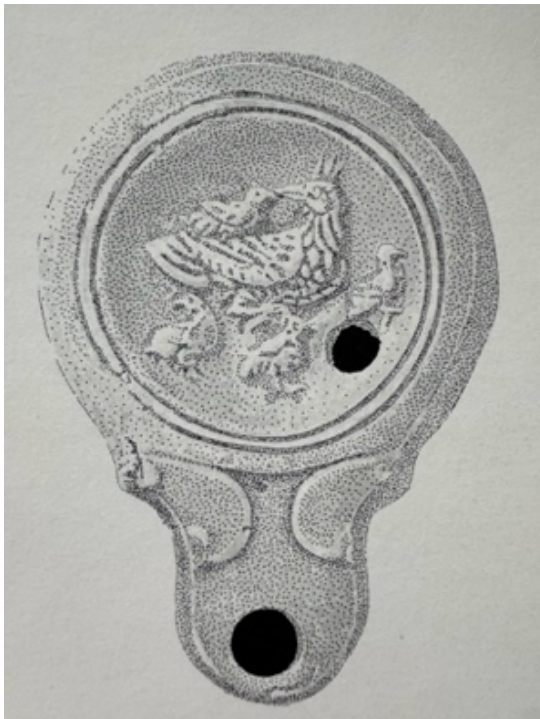
Nota: Autoria dos desenhos técnicos/fotografias

Desenhos técnicos: Retirado de Maia (1997)

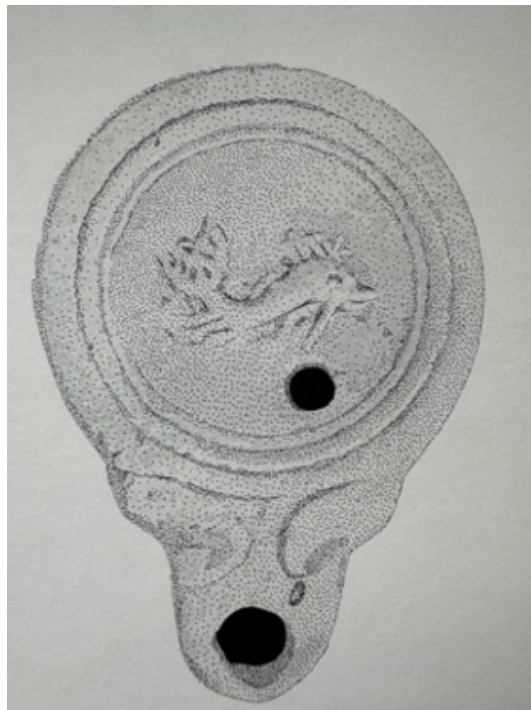
Fotografias: Autoria própria



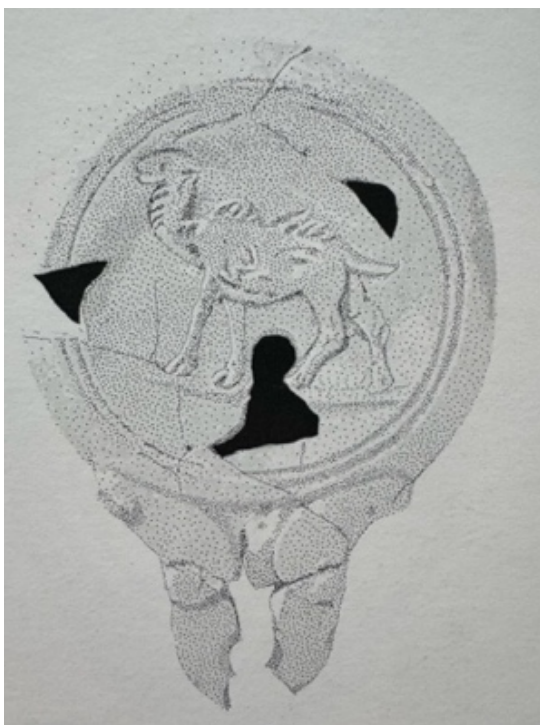
Ficha nº1



Ficha nº 2



Ficha nº3



Ficha nº4



Ficha nº5



Ficha nº6



Ficha nº15



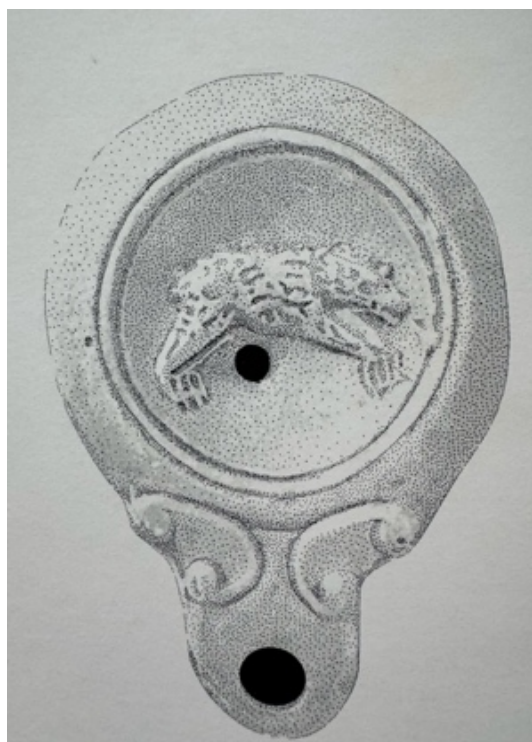
Ficha nº16



Ficha nº17



Ficha nº18



Ficha nº19



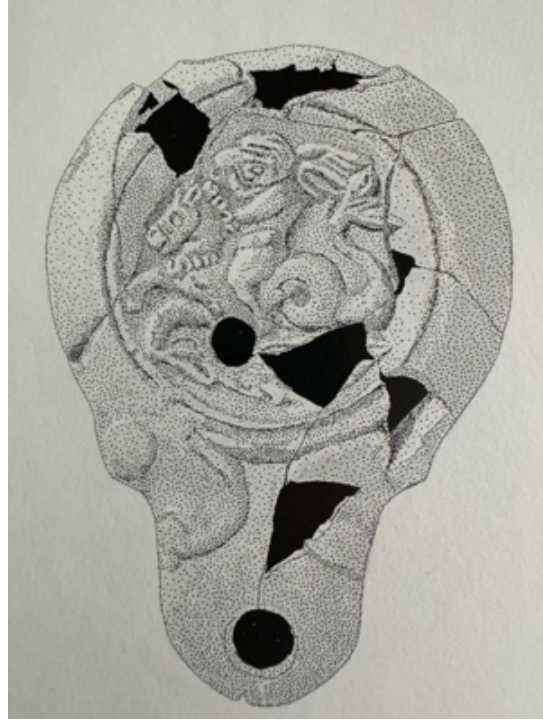
Ficha nº20



Ficha nº21



Ficha nº23



Ficha nº24



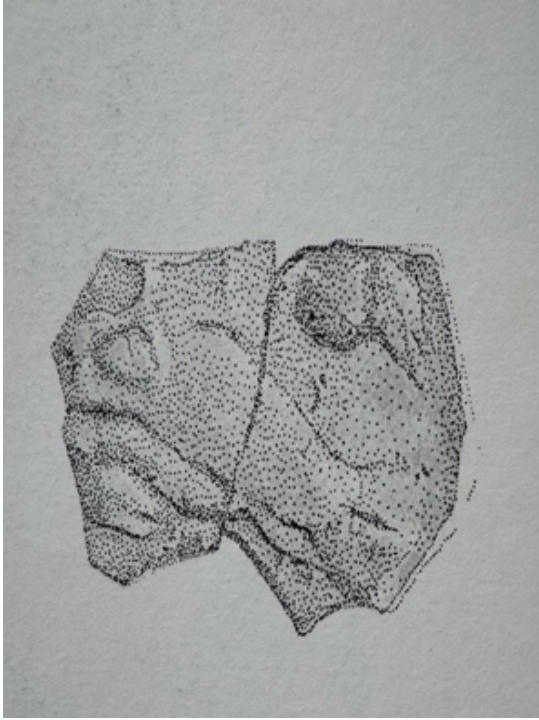
Ficha nº26



Ficha 31



Ficha nº32



Ficha nº34



Ficha nº37



Ficha nº39



Ficha nº40



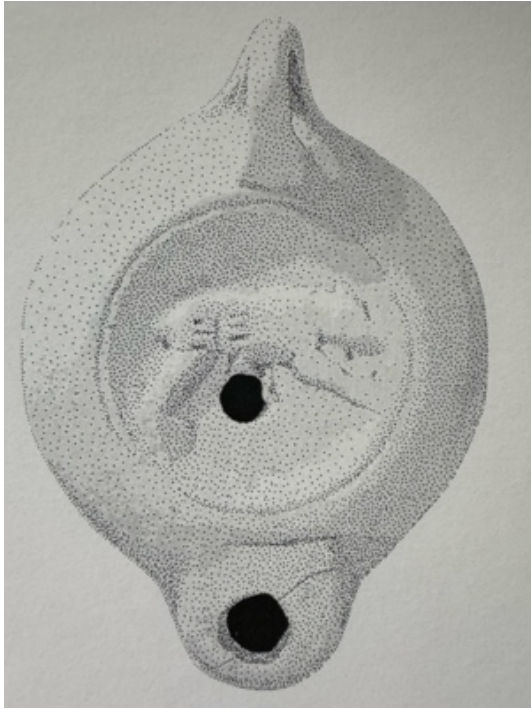
Ficha nº41



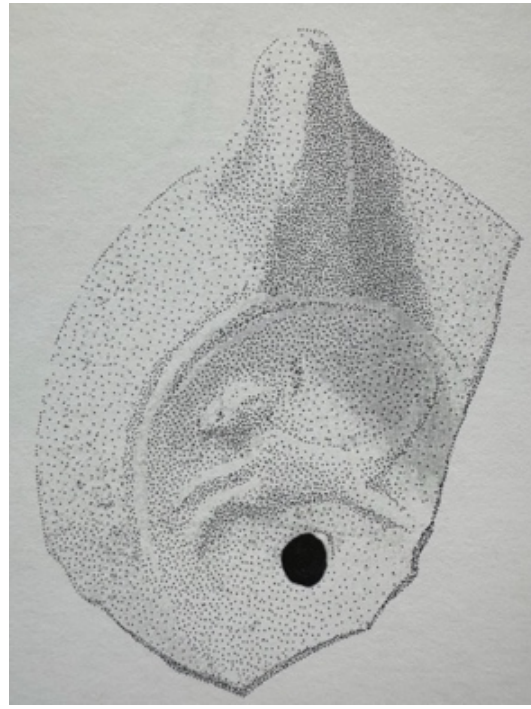
Ficha nº42



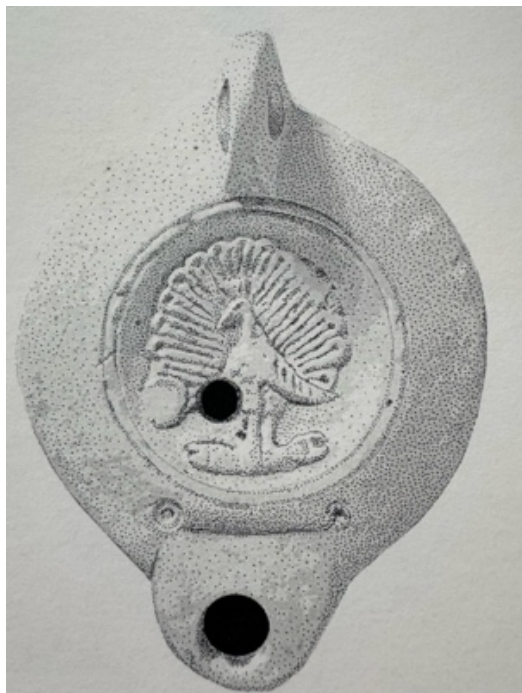
Ficha nº45



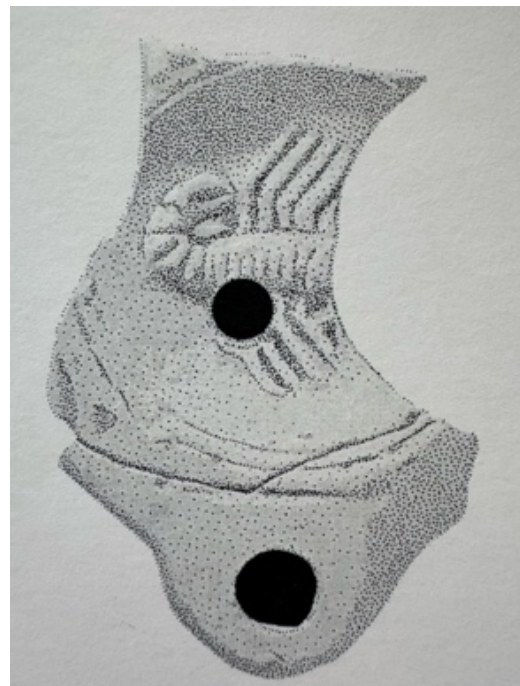
Ficha nº46



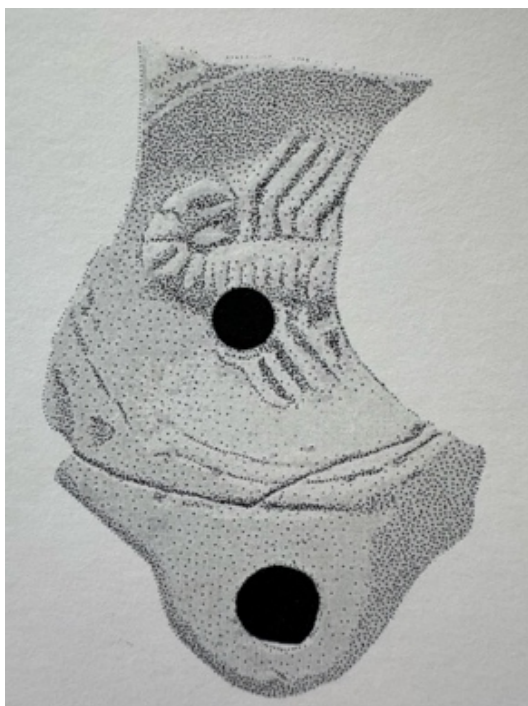
Ficha nº47



Ficha nº48



Ficha nº49



Ficha nº50



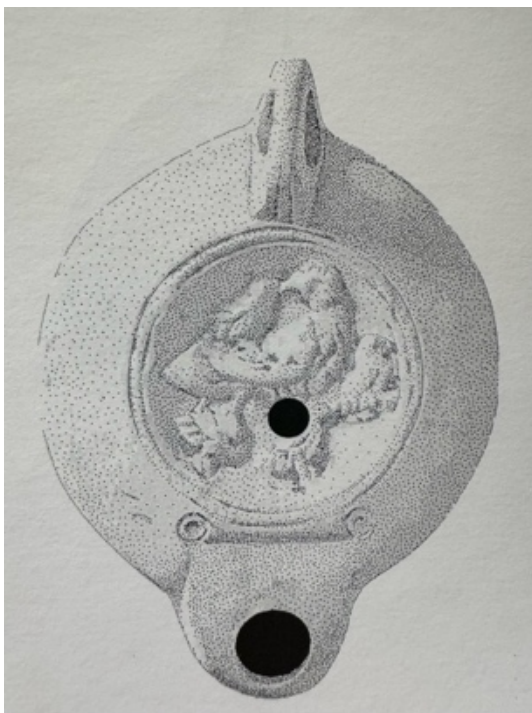
Ficha nº51



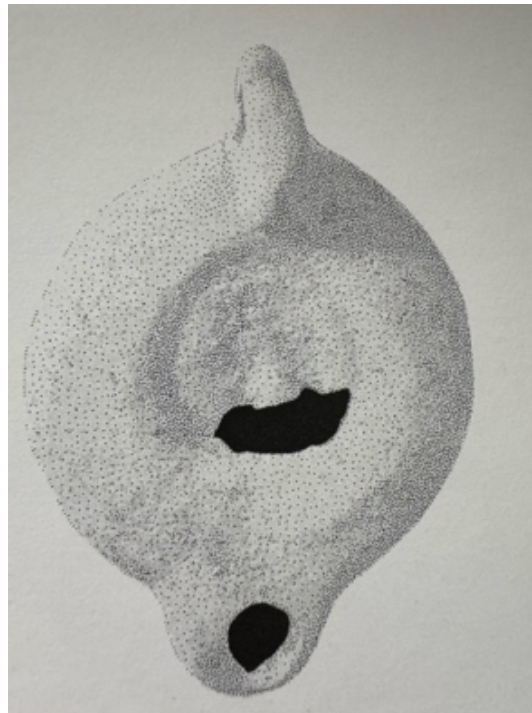
Ficha nº52



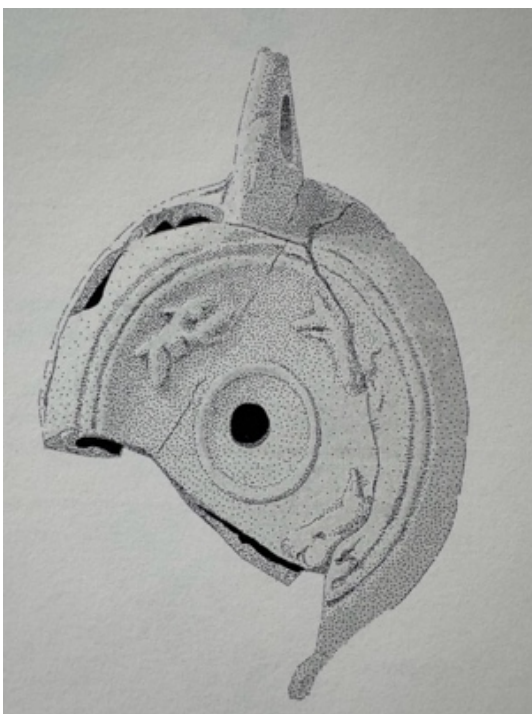
Ficha nº53



Ficha nº57



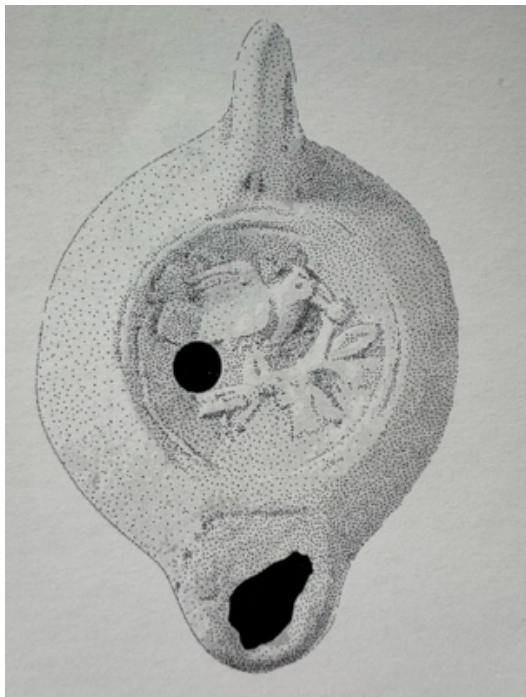
Ficha nº58



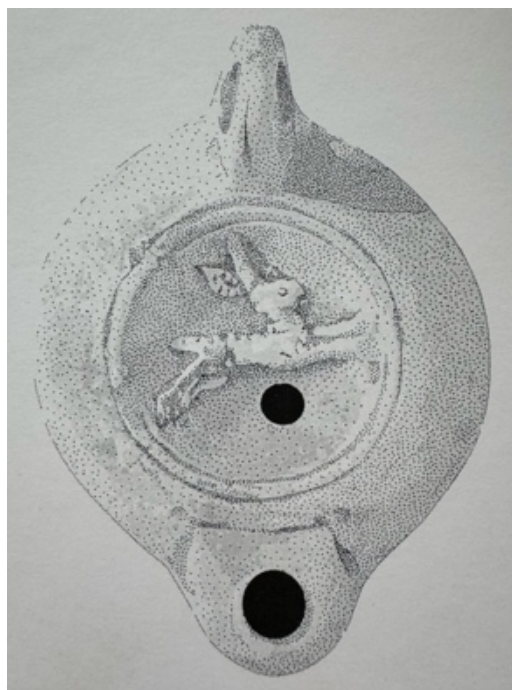
Ficha nº73



Ficha nº74



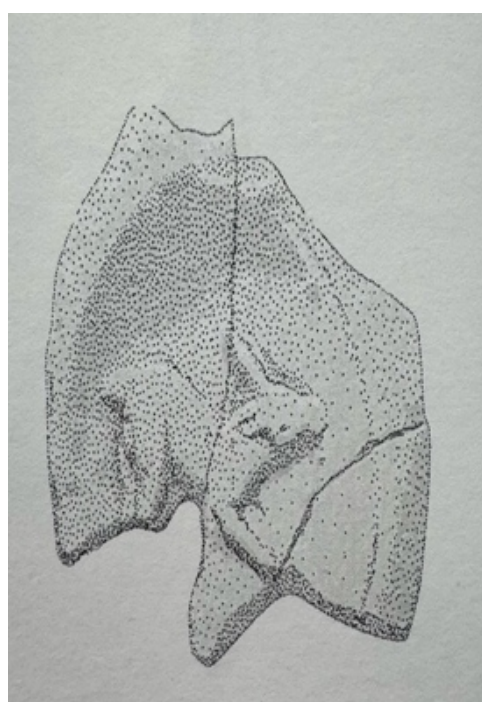
Ficha nº75



Ficha nº77



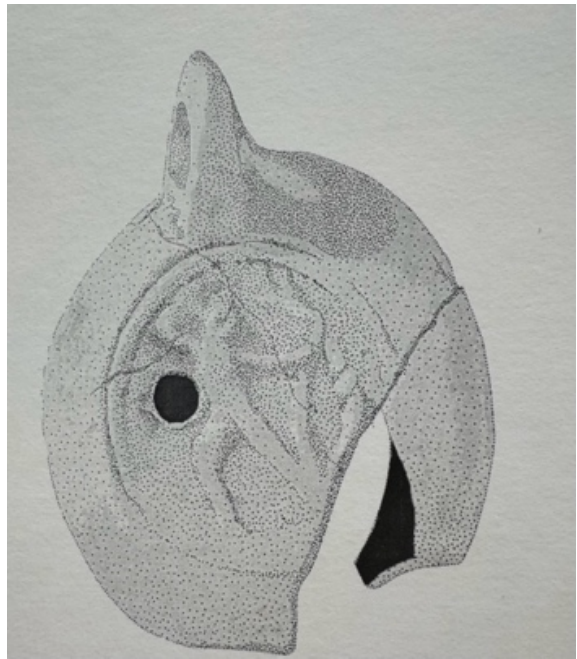
Ficha nº78



Ficha nº80



Ficha nº85



Ficha nº95



Ficha nº110



Ficha nº112